



Celso de Moraes Vergne

A TRAMA DA BESTA: a construção cotidiana do genocídio do negro no Rio de Janeiro

Tese de Doutorado

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em em Psicologia da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Psicologia.

Orientadora: Profa. Junia de Vilhena

Rio de Janeiro
Março de 2014



Celso de Moraes Vergne

A TRAMA DA BESTA: a construção cotidiana do genocídio do negro no Rio de Janeiro

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia (Psicologia Clínica) da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Profa. Junia de Vilhena

Orientadora

Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Profa. Maria Helena Rodrigues Navas Zamora

Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Profa. Sonia Maria Giacomini

Departamento de Sociologia - PUC-Rio

Prof. Adair Leonardo Rocha

Departamento de Comunicação - PUC-Rio

Profa. Ana Cleide Guedes Moreira

Departamento de Psicologia Social e Escolar -
UFPA

Profa. Denise Berruezo Portinari

Coordenadora Setorial de Pós-Graduação
e Pesquisa do Centro de Teologia
e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 28 de março de 2014

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, do autor e da orientadora.

Celso de Moraes Vergne

Graduou-se em psicologia na Universidade Federal Fluminense - UFF, em 2000. Antes da graduação e desde então tem trabalhando junto a grupos historicamente marginalizados, que vivem nas favelas, periferias do Rio de Janeiro e na Baixada Fluminense, onde também reside. Hoje atua como Psicólogo na rede de Saúde Mental, em um município desta região e na Secretaria de Estado de Saúde do Rio de Janeiro.

Ficha Catalográfica

Vergne, Celso de Moraes

A trama da besta: a construção cotidiana do genocídio do negro no Rio de Janeiro / Celso de Moraes Vergne; orientadora: Junia de Vilhena. – 2013.

124 f.: il. (color.); 30 cm

Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia, 2013.

Inclui bibliografia

1. Psicologia – Teses. 2. Racismo. 3. Genocídio. 4. Cotidiano. 5. Construção de Sujeito. 6. Produção de Subjetividade. 7. Narcisismo. 8. Psicanálise. I. Vilhena, Junia de. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia. III. Título.

CDD: 150

Às muitas pessoas que tem sofrido pelo medo e pelo silencio
de uma sociedade que se alimenta da morte.

Agradecimentos

À minha Orientadora, Prof^a Junia de Vilhena, pela compreensão e direção a todo o momento, pois sem ela não teria chegado até aqui.

À PUC-Rio, pela bolsa concedida pela Vice-Reitoria de Assuntos Acadêmicos, sem a qual este trabalho não poderia ser realizado.

À minha esposa, Sandra Gurgel, por ter se apaixonado por este louco autor.

A João Cândido, meu filho, que veio a este mundo no começo desta tese, para trazer sorriso e carinho para tantas pessoas.

À Prof^a Maria Helena Zamora pela direção de ideias e amizade desde os tempos de graduação.

A Marina Lobo Artigas, pela confiança no compartilhar de vida, que me mostraram a riqueza das vidas esquecidas desta cidade.

A Roberta Federico, pelo apoio e troca de ideias quando esta tese ainda estava no nascimento do projeto.

Às minhas amigas Andris Cardoso e Joyce de Paula, pela amizade e apoio nos momentos de tempestade.

A Carina Pacheco pela amizade e compreensão nas ausências no trabalho, nas últimas semanas de escrita desta tese.

A minha família que, mesmo em meio às confusões do cotidiano, me permitiram ver que a vida pode ser melhor e mais justa para todos.

Resumo

Vergne, Celso de Moraes; Vilhena, Junia de. **A Trama da Besta: a construção cotidiana do genocídio do negro no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, 2014. 124p. Tese de Doutorado - Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A história brasileira remete a insistentes acontecimentos, fatos e propostas de nação que evidenciam a rejeição da população negra, apesar de sua incorporação como pessoa subalterna. Há a existência de teorias que poderiam entrar em conflito, mas que se harmonizam na vivência cultural brasileira: assim existem posições teóricas que apontam para a eliminação do negro pela mistura, que convivem com as propostas eugênicas de purificação racial, como concordavam personalidades públicas como Monteiro Lobato e Roquete Pinto. No caso do Rio de Janeiro temos ainda convivido com práticas de extermínio que permanecem ainda nos dias de hoje, em especial nos bairros pobres da capital, favelas e Baixada Fluminense. No entanto a prática do extermínio é apenas o limite extremo de uma rejeição social e de um consentimento na eliminação de negros e pobres. Ao consentimento da eliminação relaciono a prática de genocídio consentido e realimentado no cotidiano das relações dos habitantes da metrópole. A morte é o resultado final das rejeições vividas pela população negra, muitas vezes também reprodutora e consentidora destas eliminações. Este trabalho, a partir de uma análise de bricolagem da metrópole, a partir de cenas capturadas do cotidiano, busca apresentar os impasses do cotidiano, entre o desejo e o afeto, que nos constituem como sujeitos, que acabam por dar sustentação à prática de genocídio negro em um clima de suposta harmonia racial.

Palavras chave

Racismo; genocídio; cotidiano; construção de sujeito; produção de subjetividade; narcisismo; psicanálise.

Abstract

Vergne, Celso de Moraes; Vilhena, Junia de (advisor). **The plot of the beast: the daily construction of the genocide of black people in Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro, 2014. 124p. Doctoral thesis - Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Brazilian history refers to persistent nation events, facts and proposals that evidence rejection to the black population, in spite of their incorporation as subordinate person. There are theories that could enter into conflict, but that harmonize in Brazilian cultural experience; thus there are theoretical positions that point to the elimination of negroes by mixing, which cohabit with eugenic proposals of racial purification, accepted by public personalities such as Monteiro Lobato and Roquete Pinto. In Rio de Janeiro, for instance, we have always cohabited with extermination practices that remain until the present times, especially in needy neighborhoods of the capital, in slums and at the Baixada Fluminense. However, the practice of extermination is only the extreme limit of a social rejection and of a consent to the elimination of negroes and paupers. I relate the practice of consented and refed genocide in day to day relations of inhabitants of the metropolis to the consent of elimination. Death is the final outcome of rejections lived by the negro population, often also reproducer and complaisant to these eliminations. This work, as of a bricolage analysis of the metropolis, as of scenes captured from the daily life, seeks presenting the deadlocks of daily life, between desire and affection, which constitute us as subjects, who end up supporting the practice of negro genocide in an atmosphere of supposed racial harmony.

Keywords

Racism; genocide; every day; construction of the subject; production of subjectivity; narcissism; psychoanalysis.

Sumário

1. Introdução	11
2. Entrando nos territórios da produção da morte	15
2.1. Controle e Ordem	26
2.2. Porque falar de genocídio?	31
3. Os invisíveis rostos negros da história brasileira	43
3.1. A fé tem cor?	63
3.2. O negro como lugar do mal	65
3.3. A Normalidade da Escravidão	68
4. A Metodologia: Pesando a fumaça que se espalha no ar. Andando nas ruas, olhando nos olhos, escutando a alegria e a dor das cores.	74
5. Transitando nos territórios de produção da morte	84
5.1. A Desvalorização pela Imagem	85
5.2. Na Baixada	90
5.3. Cenas da produção cotidiana da morte	99
6. Conclusão	110
7. Referências Bibliográficas	118

Lista de Figuras

Figura 1 - “ <i>O inferno</i> ”, pintura portuguesa de autor anônimo de 1540	43
Figura 2 - <i>A Redenção de Cam</i> , quadro de Modesto Brocos, 1895.	48
Figura 3 - Pichações de símbolos nazistas na UERJ em janeiro de 2010	53
Figura 4 - Tabela com percentual de uniões por cor/raça, CENSO 2010	58
Figura 5 - Santinho de oração a São Miguel Arcanjo	67
Figura 6 - Fantasias de demônios negros do “Cãos de Jacobina”	68
Figura 7 - Cartilha do Ministério Público sobre funcionamento da Justiça	85
Figura 8 - Continuação da Cartilha sobre a Justiça	86
Figura 9 - Curso Delegacia Legal, 2008	86
Figura 10 - Publicidade do Curso de Inglês <i>You Move</i> (Lázaro Ramos)	88
Figura 11 - Publicidade do <i>You Move</i> (Lázaro Ramos e Taís Araújo)	88
Figura 12 - Curso WiseUp (Rodrigo Santoro)	88
Figura 13 - Site da ONG <i>Terra dos Homens</i>	89
Figura 14 - Central do Brasil na década de 50	92
Figura 15 - Primeira página do Jornal Extra, de 16 de abril de 2009	93
Figura 16 - Aumento dos Homicídios na Baixada Fluminense - O Dia	94
Figura 17 - Jornal Meia Hora nas operações da polícia	96
Figura 18 - Imagens da desumanização dos judeus pelo nazismo	97
Figura 19 - O Empata-porta da Supervia	97
Figura 20 - Santinhos Católicos	98
Figura 21 - Paróquia Santíssima Trindade em Nilópolis	98
Figura 22 - Pais de santo louros	100
Figura 23 - Evangelho da Prosperidade	101
Figura 24 - Jovem preso com tranca de bicicleta	103
Figura 25 - Execução na Capa do Jornal Extra	105
Figura 26 - Mortes no Morro do Juramento	106

Por que vês o argueiro no olho de teu irmão, e não reparas na trave que está no teu próprio olho? Ou como podes dizer a teu irmão: Irmão, deixa-me tirar o argueiro que está no teu olho, não vendo tu mesmo a trave que está no teu? Hipócrita! Tira primeiro a trave do teu olho; e então verás bem para tirar o argueiro que está no olho de teu irmão.

Evangelho segundo Lucas 1. capítulo 6, versículos 41 e 42

1. Introdução

E adoraram o dragão que deu à besta o seu poder; e adoraram a besta, dizendo: Quem é semelhante à besta? Quem poderá batalhar contra ela?
(Livro das Revelações Capítulo 13 versículo 4)

Tarde chuvosa. Da Baixada Fluminense ao coração da cidade do Rio de Janeiro, longas serpentes de ferro e aço cortam a cidade em direção às margens da cidade, atravessando seus portões. Através destas vias se desloca a maior parte das populações pobres da cidade, conforme as ordenações do uso do espaço geográfico planejado em projetos urbanísticos, que já há muito tempo estão em ação: a Avenida Brasil e Central do Brasil. Brasil e Brasil.

No centro da cidade a noite começa a cair e, nos cantos sujos e com pouca luz, começa a chegar a população que dorme nas ruas do coração econômico e comercial da Cidade Maravilhosa. Negros, quase sempre negros, nas ruas carregam em si as marcas de uma história de séculos de escravidão e preconceito. Uma história que ainda não acabou.

Eu caminho em direção à Praça da Cruz Vermelha e lá encontro uma jovem que conheci fazendo acompanhamento terapêutico há alguns anos, em um projeto social com pessoas em situação de rua. Hoje, aos 27 anos, ela enfrenta a situação de ter tido há alguns meses decretada a perda da guarda de suas filhas, encaminhadas para adoção. Segundo informações conseguidas por ela, suas três filhas estão entregues para uma família “provisória”... em Portugal. Negra, pobre, mulher, homossexual e soropositiva, suas chances de ter suas filhas de volta são mínimas, apesar do carinhoso cuidado que dispensava a estas, visível ainda em poucas fotos que possui do batismo das três meninas. A noite já se fazia completa quando me contava de sua situação atual, enquanto lágrimas frias desciam seu rosto.

Depois me dirijo à estação de trens da Central do Brasil, para meu retorno para casa. No caminho, prostitutas de meia idade convidam para programas sexuais quem passa. Os preços do programa podem chegar a dez, quinze reais, provavelmente menos depois de alguma negociação. À distancia elas facilmente

passam despercebidas na noite de ruas mal iluminadas, onde as sombras se confundem com a cor de suas peles.

Por fim, os trens. O amontoado de pessoas disputando lugares nas plataformas aguarda com ansiedade a parada do trem do ramal Japeri. Antes da parada total do trem na chegada à estação, alguns homens já se agarram às portas, na tentativa de estar em uma melhor posição para quando estas se abrirem. Homens, mulheres, senhoras e senhores disputam agressivamente as melhores posições. O sinal do abrir de portas é seguido de um turbilhão de sons que mistura risos, gritos, pisadas, empurrões e corridas para se ocupar os assentos disponíveis. O trem não sai de imediato e os vagões vão ainda mais cheios. Os atrasos são normais neste ramal que conduz a algumas das regiões mais pobres da Baixada Fluminense. Os vagões sujos, mesmo nos trens mais novos, são uma marca cotidiana desta viagem. O trem dá um solavanco e parte. Dentro do trem, quase todos são negros. Homens, quase todos de cabeça raspada ou boné para não mostrar o que chama de “cabelo ruim”. Mulheres, quase todas de cabelos alisados, pelo mesmo motivo. Algumas ainda, mesmo negras, se apresentam quimicamente louras.

As tramas que ligam todas estas histórias não começaram hoje. As marcas de um país racialmente delineado, através de um longo processo de exploração do trabalho escravo, até a inclusão como subalterno, suspeito ou criminoso previamente determinado, deixam cicatrizes na noite carioca. A cidade se acostumou a dormir com o som de rajadas de metralhadoras nos bairros pobres e morros, mesmo situados no centro da cidade ou zona sul, predominantemente composto por negros.

No dia seguinte, as imagens de corpos de mortos, pelo tráfico ou pela polícia, nas páginas dos jornais populares fazem parte de algo naturalmente aceito. Seja qual for o motivo, mortes nas favelas e na Baixada Fluminense remetem à ideia de que provavelmente eram bandidos, e, portanto, não há maiores problemas nisso.

A televisão envia para o mundo a imagem da guerra no Rio de Janeiro, porém é uma guerra não explicitada de quem contra quem. Guerra que escolhe

como inimigos, pessoas sem rosto, que moram nas favelas. O fuzil da policia aponta para o morro como o lugar do inimigo. E embora sem rosto, o inimigo tem uma cor.

As favelas do Rio de Janeiro e suas regiões periféricas, em especial as que margeiam a Avenida Brasil e as linhas de trem, foram ao longo do tempo se constituindo como o lugar possível de residência das populações pobres da metrópole. Os negros sempre foram em nosso país o grupo social mais empobrecido das grandes cidades. Sobre estas regiões pairam o medo de uma cidade cujas elites se viram cercadas de uma indesejável pobreza negra. “Gente feia”, dizem uns. “Gente perigosa”, dizem outros.

Mas como se deu esta segregação? Por que tudo isso é tão comum? Quais os efeitos da naturalização da morte de alguns?

A morte é sentida de forma diferente nas ruas dos bairros pobres da grande metrópole do Rio de Janeiro. Se nos bairros da Zona Sul da cidade se fala da permanente ameaça de assaltos, na outra extremidade, e fora de seus muros, “maus comportamentos” podem ser facilmente punidos com a morte. O uso de bebida alcoólica, pequenos furtos ou mesmo a suspeição de algum crime, podem ser os motivos de uma execução. A facilidade de produção da morte de negros aparece na banalidade das notícias de jornal e dos noticiários locais de televisão. Dez, vinte, trinta mortos, são apenas números nas telas de cristal, sem importância nas notícias do dia seguinte. Uma única morte na Zona Sul pode levar meses ou anos presente em noticiários televisivos e páginas de jornal.

Entender como este processo se constituiu dos suplícios punitivos de escravos no século XVII até a mídia produtora de medo como forma de controle da sociedade, pode nos ajudar a entender e, quem sabe, intervir nesta lógica de funcionamento. A trama, no entanto, é contraditória e ambígua. É mesclada também pelo medo, pela culpa e pelo desejo de eliminação do que é diferente. Porém, os desejos inconfessos, recalcados, têm retornado sob as mais diversas formas de reatualização no cotidiano. Como efeito final, somos o país com maior número de homicídios no mundo em números absolutos (ENASP, 2012).

O grande Leviatã que se constitui nesta trama, no entanto tem muito a ver com todos nós. A figura que emerge do mar de nossa sociedade brasileira, infelizmente, assusta. Inevitavelmente fazemos parte da trama da grande besta. Podemos, no entanto, buscar não fazer parte da trama. Porém, ainda assim é preciso enfrentar a sua presença.

Estamos imersos na história e somos nela constituídos, e, no entanto, pouco é pensado sobre como somos afetados e afetamos a toda esta produção de dor. O preconceito contra negros e pobres continua tabu. Apesar das constantes afirmativas em torno de sua negação e invisibilização, isso não impede a sua constatação pelos efeitos sociais evidentes ao nosso redor.

Talvez não seja o desejo do leitor uma reflexão acerca deste tema tabu, mas entendo este como necessário, ainda que seja apenas para assumirmos nossa hipocrisia, ainda que seja para entender a nossa participação no grande Leviatã. Enfim, fica o convite para nos olharmos no espelho. Seja bem vindo.

2. Entrando nos territórios da produção da morte

- Assim, estabelecerás na cidade médicos e juizes tais como os descrevemos, para cuidar dos cidadãos bem constituídos de corpo e alma; quanto aos outros, deixaremos morrer os que têm o corpo doentio, e os que têm a alma perversa, por natureza, e incorrigível, condenaremos à morte.

- É com certeza o melhor a fazer, em prol dos próprios doentes e da cidade.

(Platão, A República, Livro III)

Hoje, na plenitude do século XXI, ainda assistimos atônitos às barbáries da produção da morte. Temos uma *morte-produto*, serializada, conectada a questões econômicas, sociais e de preconceito sobre determinados grupos. Podemos até mesmo dizer de lugares onde estas mortes são previsíveis, antecipadamente quantificáveis do mesmo modo que a produção de computadores ou de soja. Esta nossa época também convive com teorias que, mesmo com pouca ou nenhuma base em fatos históricos, chegam a negar a existência dos campos de concentração nazistas.

Qual o motivo da banalização da morte do outro? Como se constrói, através da negação, as condições reatualizadas para a eliminação massiva do outro?

Lacan fez em 1956 uma previsão sombria, na *Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola*:

A terceira facticidade, real, sumamente real, tão real que o real é mais hipócrita [*béguéule*] ao promovê-la do que a língua, é o que torna dizível o termo campo de concentração, sobre o qual nos parece que nossos pensadores, vagando do humanismo ao terror, não se concentraram o bastante. Abreviemos dizendo que o que vimos emergir deles, para nosso horror, representou a reação de precursores em relação ao que se irá desenvolvendo como consequência do remanejamento dos grupos sociais pela ciência, e, nominalmente, da universalização que ela ali introduz. Nosso futuro de mercados comuns encontrará seu equilíbrio numa ampliação cada vez mais dura dos processos de segregação. (LACAN, 2003. p.263.)

A morte produzida contra um *outro* tido como inimigo é constituinte de nossa sociedade atual. Suas raízes podem se referenciar a outras culturas e outros

tempos, mas dialoga inevitavelmente com nossas raízes culturais do pensamento greco-romano. Costuma-se dizer do ocidente como mundo judaico-cristão, esquecendo quase sempre de que este mundo ainda é visto através de lentes romanas, onde o conflito se estabelece entre o desejo de poder (do domínio sobre outros povos) e o medo de matar (motivado pela culpa da desobediência da lei). Mas de algum modo a morte se tornou, nesta dinâmica, algo negado por um lado, mas também apenas uma peça da engrenagem da máquina social.

Esta mudança de enfoque do indivíduo para a massa tem se revelado mais dramática em outros setores da interação humana. Se se quiser constatar, será suficiente observar as transformações que ocorreram nas últimas décadas. Antigamente, o homem era capaz de enfrentar o inimigo cara a cara. Era-lhe propiciado um encontro pessoal com um inimigo visível. Agora, soldados e cidadãos se previnem com armas de destruição em massa que não oferecem a ninguém a possibilidade, sequer a consciência, de uma aproximação. A destruição tanto pode cair do azul do céu e arrasar multidões, haja vista a bomba de Hiroxima, como pode surgir invisível sob forma de gases ou outros meios de guerra química, ceifando e matando. Não mais é o homem em luta por seus direitos e convicções ou em luta pela salvaguarda e honra de sua família, é o país inteiro que está em guerra, inclusive mulheres e crianças, afetadas direta ou indiretamente, sem meios de sobreviver. Eis o contributo da ciência e da tecnologia para um medo sempre crescente de destruição e, por conseguinte, medo da morte. (KÜBLER-ROSS, 1996, p.24)

Talvez a morte seja o mais antigos dos tabus das sociedades humanas. Comumente associada à dor, à perda, e algumas vezes ao medo, a morte assusta e é temida, pois aponta o limite do desejo da onipotência humana, mesmo para os grupos humanos que se pretendem mais racionais, supostamente mais intelectualizados. Este limite temporal da vida humana individual ao longo do tempo ganhou o lugar do privado, do espaço médico. Mesmo no espaço médico, cada vez mais se processa a sua invisibilização, através da purificação das marcas da morte, nas técnicas de controle do seu cheiro e de suas cores.

Se nas culturas tradicionais a morte aparece como o limite humano frente à transcendência, esta ainda hoje permanece como fonte de medos e expectativas. A cultura ocidental busca a negação de sua finitude através de tecnologias cosméticas e registros, na busca da eternização das imagens e sons. A sensação de finitude é prorrogada ao máximo na experiência de vida. Porém toda elaboração e racionalização não anulam a angústia sentida no limite da vida.

Esta negação é mais fácil de fazer em um modelo de previsibilidade de planejamento de vida, característico do modelo burguês. Ao menos quando pensamos como pessoas que fazem parte de um grupo socialmente mais estável, onde esta morte não faz parte da ameaça diária.

Os ritos de proteção para a finitude humana tem percorrido, ao longo da história, o campo do religioso, buscando-se na ideia de sagrado algo que dê conta do *morrer*. Mas hoje outros caminhos têm sido possíveis através da virtualização da morte. Nesta virtualização, no mundo do imaginário/real dos videogames, a morte é algo restaurável, algo superável por um botão do teclado. O controle da morte também se torna o controle da vida, em sua totalidade na superação do medo pelo incessante consumo (SEVERIANO *et al.* 2010).

A sedutora sensação de onipotência produzida pela proliferação das tecnologias do capital incluiu a sensação de controle e superação da morte. Fica-se com a sensação constante de que alcançando os recursos econômicos adequados a morte pode ser vencida, ou ao menos adiada por bastante tempo. Nosso tempo convive com a simulação da eternidade através de tecnologias cosméticas que buscam a fixidez do tempo, na busca de controle de um envelhecimento que é inevitável.

No bombardeio sensorial dos filmes hollywoodianos, a morte é superada constantemente pela vitória do herói, do indivíduo que pode enfrentar as mais absurdas dificuldades e sempre conseguir superá-las. A sedução do enfrentamento da morte nos filmes de terror e ação já é parte de nossa cultura geral e de nossa forma de ver o mundo. A morte, apesar de negada, não nos é estranha.

Na série de desenhos animados *Monster High*, que resultou também em diversos produtos voltados para o público feminino adolescente, de grande sucesso em todo mundo, personagens vampiros e mortos revividos tem sido fonte de inspiração estética para toda uma geração. Através de vídeos na internet uma pré-adolescente pode aprender a se maquiar como cadáver, à semelhança de suas personagens favoritas. A maquiagem de mortos cria também uma

estetização possível do morto, a morte é vivida e ao mesmo tempo virtualizada através de atuações.

Freud, no início do século XX, já falava desta tendência humana para a negação da morte. Em 1915, no auge daquela que foi chamada de *A Grande Guerra*, a I Guerra Mundial, Freud destacava que a morte foi provavelmente o primeiro dos tabus, algo que resgata de Totem e Tabu.

Manifestávamos a inconfundível tendência de pôr a morte de lado, de eliminá-la da vida. Procurávamos reduzi-la ao silêncio; temos um provérbio que diz: “Pensar em algo como na morte”. Como na sua própria, naturalmente. Pois a própria morte é também inconcebível, e, por mais que tentemos imaginá-la, notaremos que continuamos a existir como observadores. De modo que na escola psicanalítica pudemos arriscar a afirmação de que no fundo ninguém acredita na própria morte; ou, o que vem a significar o mesmo, que no inconsciente cada um de nós está convencido de sua imortalidade (...) Junto ao corpo da pessoa amada surgiram não só a doutrina da alma, a crença na imortalidade e uma poderosa fonte da consciência de culpa humana, mas também os primeiros mandamentos éticos. A primeira e mais significativa proibição feita pela consciência que despertava foi: “Não matarás”. Foi adquirida ante o morto amado, como reação frente à satisfação do ódio que se escondia por trás do luto, e gradualmente estendeu-se ao estranho não amado e por fim também ao inimigo. Neste último caso não é mais sentida pelo homem civilizado. Quando a selvagem luta dessa guerra estiver decidida, cada um dos combatentes vitoriosos retornará feliz para o lar, para sua mulher e seus filhos, desimpedido e sem perturbar-se com a lembrança dos inimigos que matou em corpo a corpo ou por armas de longo alcance. É digno de nota que os povos primitivos que ainda se acham na terra, e que certamente estão mais próximos do homem primevo do que nós, conduzem-se de maneira diferente nesse ponto - ou conduziam-se, na medida em que não tenham ainda experimentado a influência de nossa cultura. O selvagem - australiano, bosquímano, fueguino - não é absolutamente um matador sem remorso; ao retornar vitorioso de uma expedição guerreira, ele não pode pisar o chão de sua aldeia nem tocar em sua mulher sem antes expiar, por meio de penitências às vezes prolongadas e trabalhosas, os atos assassinos que cometeu na guerra. É fácil, naturalmente, atribuir isso à superstição: o selvagem ainda teme a vingança dos espíritos dos que abateu. Mas os espíritos dos inimigos abatidos não são outra coisa que a expressão de sua má consciência devido à “dívida de sangue”; *por trás dessa superstição está um quê de sensibilidade ética que nós, homens civilizados, já perdemos.* (FREUD [1915], 2010. p.171, grifo nosso)

O espanto de Freud quanto às cenas promovidas pela violência da guerra fica evidente. Já na época, Freud entendia que havia um afastamento de uma possível “sensibilidade ética” no homicídio. No entanto, escrevera esta reflexão

na alvorada de um século que nos reservaria inúmeras outras cenas de “banalidade do mal”, de uma forma ainda mais crua.

Bauman (1999) em *Modernidade e Ambivalência* aponta a característica da Modernidade da tentativa constante de ordenação e controle. Com base no pensamento kantiano, o Estado Moderno, buscando estabelecer pontes entre a filosofia e a função planificadora do estado, inclui, dentre suas tarefas a manutenção da integridade do reino e constituição de fronteiras. Estas tarefas, no entanto, apontam para situações onde não há lugar pra todos:

Assim a tarefa de duas pontas funde-se em uma: a de tornar clara e nítida a fronteira da "estrutura orgânica", quer dizer, "excluir o meio", suprimir ou exterminar tudo que seja ambíguo, tudo que fique em cima do muro e, portanto, comprometa a distinção vital entre dentro e fora. Instaurar e manter a ordem significa fazer amigos e lutar contra os inimigos. Primeiro e antes de mais nada, porém, significa expurgar a ambivalência. No reino político, expurgar a ambivalência significa segregar ou deportar os estranhos, sancionar alguns poderes locais e colocar fora da lei aqueles não sancionados, preenchendo assim as "brechas da lei". (BAUMAN, 1999. p. 33)

A partir desta noção de Estado, a ordem é *necessária*, e para isso utiliza-se constantemente da coerção, ao contrário de sociedades tradicionais. Esta coerção é constitutiva da modernidade, através da imposição de uma norma, de uma lei, de um modelo de estado e de sujeito, o qual nos inclui, como integrantes e perpetuadores da estrutura do estado.

O Estado, dizem, é o instrumento que permite à classe dominante exercer sua dominação violenta sobre as classes dominadas. Seja. Para que haja o aparecimento do Estado, é necessário pois, que exista antes divisão da sociedade em classes sociais antagônicas, ligadas entre si por relação de exploração. Por conseguinte, a estrutura da sociedade - a divisão em classes - deveria preceder a emergência da máquina estatal. Observemos de passagem a fragilidade dessa concepção puramente instrumental do Estado. Se a sociedade é organizada por opressores capazes de explorar os oprimidos, é que essa capacidade de impor a alienação repousa sobre o uso de uma força, isto é, sobre o que faz da própria substância do Estado "monopólio da violência física legítima". A que necessidade responderia desde então a existência de um Estado, uma vez que sua essência - a violência - é imanente à divisão da sociedade, já que é, nesse sentido, dada antecipadamente na opressão exercida por um grupo social sobre os outros? Ele não seria senão o inútil órgão de uma função preenchida antes e alhures. (CLASTRES, 1978. p.142)

Esta fissura, ou corte, no funcionamento tradicional das sociedades humanas tem um preço. Uma determinada ordem é buscada para constituição do poder do Estado, esta ordem, porém não considera o sujeito desejante. Ele é um componente do Estado, e caso não aceite esta condição deverá ser submetido às racionalizações que produzirão a sua incorporação, feita a todo preço. Nas sociedades ultramodernas do nosso tempo, onde os estados-nação gradativamente se esfacelam na mão de grandes corporações, pouco se modifica. Ainda há a necessidade de incorporação a um modo de produção de vida, onde o sujeito desejante deve ser desejante para o consumo. É apenas mais uma engrenagem da máquina de produção.

Os males humanos são quase sempre sustentados por algum tipo de fantasia, alguma forma de crença ou fé. Esta *fé* pode ser devido a uma crença estritamente religiosa, mas também a escolha de um modelo filosófico, a ciência, os preconceitos, as preferências políticas, também não deixam de serem crenças humanas. Bruno Latour (1994), em *Jamais fomos Modernos* destaca o caráter híbrido da modernidade, na medida em que, desde sempre, a constituição moderna teve de romper com sua própria proposição, de ser neutra, verdadeira e inquestionável. Situa o surgimento do que hoje chamamos modernidade no embate da validade testemunho para determinação da “verdade” realizado entre Robert Boyle (como cientista) e Thomas Hobbes (no campo da política), contemporâneos, no século XVII.

A Constituição moderna inteira já dizia que não há medida comum entre o mundo dos sujeitos e o dos objetos, mas ela anulava imediatamente esta distância ao praticar o contrário, ao medir humanos e coisas em conjunto com as mesmas medidas, ao multiplicar, sob o nome de intermediários, os mediadores. Os pré-pós-modernos, por sua vez, acreditam realmente que o sujeito falante é incomensurável ao objeto natural e à eficácia técnica, ou que deverá sê-lo caso ainda não o seja o bastante. Eles anulam, então, o projeto moderno, ao mesmo tempo em que pensam salvá-lo, pois seguem a metade da Constituição que fala de pureza enquanto ignoram a outra metade que apenas pratica a hibridação. (LATOUR, 1994. p 59)

A sistematização metodológica não permite uma relação de plena racionalidade. Isso que chamamos “modernidade” nasce através desta formação híbrida de fé e razão, talvez inevitável em algum grau em qualquer ação humana,

contrariamente a seu propósito inicial de livrar o homem da ignorância das leis da ciência.

Por que a Constituição moderna nos obriga a sentir o tempo como uma revolução que deve sempre ser recomeçada? Porque ela suprime as origens e os destinos dos objetos da Natureza e porque faz de sua súbita emergência um milagre. O tempo moderno é uma sucessão de aparições inexplicáveis, elas mesmas devidas à distinção entre a história das ciências ou das técnicas e a história pura e simples. (LATOURET, 1994, p. 69)

Apesar dos sonhos de onipotência da modernidade ela está inserida na história, nos afetos e na vida. Não há pureza, não há neutralidade, não há conhecimento pleno. Ainda bem.

A mescla de crenças, credences e ciências, híbridas em sua constituição, faz parte do cotidiano do homem comum, mas também dos bancos acadêmicos. A proliferação de híbridos de nosso tempo é o sustentáculo dos fundamentalismos da ciência e da religiosidade, ambas, por exemplo, profundamente marcadas pelo mercado, pelo acesso a recursos financeiros.

A hibridação, dentre outras ambigüidades, é uma criação sistemática da modernidade, apesar do discurso de purificação. É neste complexo de enunciações que se insere a demarcação de hierarquias humanas baseadas na cor da pele, sob o pretexto de uma *verdade* científica.

Santner (1997), no livro **A Alemanha de Schreber**, aponta como a crise implantada pelos ideais da modernidade e sua ambigüidade, que traduz como *crise de investidura*, podem estar mesclado nas imagens vividas nos delírios de Schreber. O controle e a ordem da modernidade são também geradoras de inaptações inevitáveis ao desejo da ordem. Os lugares definidos ao longo das tradições humanas passam por um momento de transformação, mas também de resistência. Busca-se a estabilidade, mesmo que através do delírio. O desejo da ordem passa a buscar a ordenação do desejo, pressupõe inadequações e geração de tensões. O desejo de eliminação da morte produz a morte. A paranóia de Schreber o colocava em condições de destruir o mundo, o ápice da modernidade é alcançar a possibilidade disto. Segundo o autor, com base na análise de Elias Canetti em *Massa e Poder* [1960], o paranóico e o ditador sofrem de uma doença do poder, resultando em uma vontade patológica de sobrevivência

exclusiva, onde o restante do mundo pode ser sacrificado para que esta sobrevivência seja conquistada. Citando Canetti:

Não nos fica a impressão de que essas desgraças se abatam sobre a humanidade contra a vontade de Schreber. Ao contrário, ele parece sentir uma certa satisfação no fato de a perseguição a que esteve sujeito (...) ter consequências tão aterradoras. A humanidade inteira sofre e é exterminada porque Schreber pensa haver alguém que está contra ele. (...) Schreber fica como o único sobrevivente porque isso é o que ele mesmo quer. Ele quer ser o único homem vivo que resta, postado num imenso campo de cadáveres, e quer que esse campo de cadáveres contenha todos os homens, menos ele. Não é apenas paranóico que ele se revela nisso. Ser o último homem a permanecer vivo é o anseio mais profundo de todos os que buscam o poder. (...) Quando se sente ameaçado, seu desejo apaixonado de ver todos mortos diante dele mal pode ser controlado por sua razão. (CANETTI *apud*, SANTNER, 1997, p. 08)

A ordem divina, de *não matarás*, ecoa nos tribunais da justiça dos homens, se tornando autônoma em seu sentido direto: não matar é a ordem da vida humana. No entanto a morte insiste, e é uma inevitabilidade humana, existimos no tempo e no tempo apenas no tempo temos a possibilidade de existir. No entanto gradativamente ela está sendo continuamente banida como tema dos diálogos de nosso tempo, pois sendo parte integrante e negada da condição moderna, ela precisa ser invisibilizada. Do contrário a presença da morte nos mostrará, em espelho, que os discursos de ordem e pacificação não podem se sustentar através das práticas de violência e eliminação disseminadas em todas as áreas da vida moderna. Pois na rede de relações de poder hoje instituídas, a luta é para quem será o detentor do controle da aplicação da morte sobre o outro.

Philippe Ariès, em *História da Morte no Ocidente*, nos conta desta vivência na relação com a morte nas sociedades ocidentais:

Uma característica significativa das sociedades mais industrializadas é que nelas a morte tomou o lugar da sexualidade como interdito maior. É um fenômeno novo e recentemente descoberto. Até o começo do século XX, a função atribuída à morte e a atitude diante da morte, eram praticamente as mesmas em toda a extensão da civilização ocidental. Esta unidade foi rompida após a Primeira Guerra Mundial. As atitudes tradicionais foram abandonadas pelos Estados Unidos e pelo noroeste da Europa industrial, sendo substituídas por um novo modelo do qual a morte foi como que expulsa. (ARIÉS, 2003. p.294)

Esta interdição foi e é acompanhada de fenômenos de escape para dar conta do interdito. O mundo do pós-guerra, entre a guerra fria e a expansão no ocidente do *american way of life* caminhou na direção de um aprofundamento da negação da morte. Mas com a vitória das tecnologias sobre a morte como mal, com a atenuação da dor da morte, embora não tendo a vitória plena, o mal se desloca para fora, onde a moral e a política ainda não fora disciplinada e controlada.

Before people thought of abolishing physical illness, they ceased to tolerate its sight, sounds, and smells. Medicine reduced pain; it even succeeded in eliminating it altogether. The goal glimpsed in the eighteenth century had almost been reached. Evil was no longer part of human nature, as the religions, especially Christianity, believed. It still existed, of course, but outside of man, in certain marginal spaces that morality and politics had not yet colonized, in certain deviant behaviors such as war, crime, and nonconformity, which had not yet been corrected but which would one day be eliminated by society just as illness and pain had been eliminated by medicine. (ARIÈS, 2008. p.722)¹

A busca contínua de colonização e controle da morte acabou por se espalhar no conjunto de nossa vida social, para além do campo médico. No fracasso deste controle pleno hoje assistimos um ressurgir dos recursos mágicos, em especial através da proliferação de literaturas de autoajuda, e de novas vertentes de espiritualidade. Mesmo com a diminuição de fiéis nas religiões tradicionais, surgem novas estratégias de lidar com a angústia da morte até passando pela sedução de uma onipotência centrada em um “eu” divino.

Em um mundo com ampla exposição à publicidade e consumo, de digitalização da vida humana, a ausência da morte cumpre também um importante papel de sedução pela eternidade. Uma eternidade construída a partir do consumo de objetos de prazer, e da produção de pequenos mundos de felicidade. Á semelhança da irônica obra de Voltaire, *Cândido*, com a opção de

¹ “Antes de as pessoas pensarem em abolir a doença física, eles deixaram de tolerar a sua visão, sons e cheiros. Medicina reduziu a dor; e até conseguiu eliminá-la completamente. A meta vislumbrada no século XVIII, tinha sido quase atingida. O mal já não fazia parte da natureza humana, como as religiões, especialmente o cristianismo, acreditou. Ainda existia, é claro, mas fora do homem, em certos espaços marginais onde a moralidade e a política ainda não tinham colonizado, em certos comportamentos desviantes, como a guerra, o crime, e inconformismo, os quais ainda não tinham sido corrigidos, mas que um dia seria eliminado pela sociedade, assim como a doença ea dor tinha sido eliminado pela medicina”. (tradução nossa).

felicidade após mil desventuras, cada vez mais, resume-se *em cuidar do próprio jardim*, mesmo que meu jardim se resuma ao meu *smartphone*.

Por outro lado a espetacularização através das novas mídias, que inclui a internet e os jogos eletrônicos, se torna um novo produto. Esta acabou por transformar a dificuldade de abertura para se falar discursivamente da morte em facilidade para que ela seja tocada performaticamente, mantendo da sua incomunicabilidade.

Hoje em dia qualquer adolescente pode já ter *matado* virtualmente centenas ou mesmo milhares de oponentes em jogos eletrônicos, em apenas uma tarde frente ao computador. Títulos como *Call of Duty*, *Grand Theft Auto*, *Assassins Creed* ou *Resident Evil*, levam o jogador a experiências detalhadas de mortes e emboscadas, utilizando armamentos privativos de forças militares, dentro de tramas onde você é conduzido a lutar contra um inimigo cruel, cuja única solução é você atingi-lo antes que sua morte aconteça. É necessário o aprendizado de certo automatismo. Os traços fisionômicos desenham o inimigo, seja pela identificação como estrangeiro (do ponto de vista do mercado norte-americano, principal mercado consumidor, com 39 % do mercado mundial de *games*), ou o monstro, de nariz adunco ou largo, ou de queixo avantajado e lábios grossos ou de queixo caricaturalmente longo e lábios finos. A caracterização do inimigo, ou do mal busca hegemonicamente a semelhança das características apresentadas com negros ou judeus, os personagens são mostrados como pouco humanos ou não humanos. Um *outro* desumanizado que não é semelhante a mim, branco caucasiano ou ariano, por isso é matável.

O modelo do inimigo, porém ainda remete a formas tradicionais de identificação do mal no outro que me é estranho. O outro que me é estranho carrega consigo a projeção de medos, de fantasmas de nosso eu e de nossa tradição cultural. A imagem do judeu, do negro, do monstro, do animal, todas são imagens que ferem um “ideal” rotineiramente apontado como referencia de “bem”. E no caso de nossa cultura: tudo que fere a imagem ideal divina, branca, de linhas ideais, de acordo com modelos gregos.

Nossa tradição greco-romana desenhava esteticamente o bem à imagem e semelhança dos povos gregos. Modelo estético resgatado no período do Renascimento, a imagem e semelhança dos povos europeus. Algo que se comunica com facilidade com modelos representativos do divino que seriam utilizados nas estratégias de dominação de povos africanos e ameríndios. A própria morte física, motivada por doenças e por velhice, representa a quebra do espelho de ideais de beleza. A morte coloca o outro que me é semelhante no lugar do outro que me é estranho, pois me modifica e ou deforma. A doença e a morte modificam o corpo, colocando-o no estranho lugar de um outro, que assusta e apavora. Não por acaso grande parte das chamadas “histórias de terror” aparecem no momento de produção de uma literatura do século XIX, através de autores como E.T.A Hoffman, Mary Shelley ou Edgar Allan Poe.

A literatura acaba tornando-se uma fonte rica de compreensão daquilo que não pode aparecer de forma clara no discurso da ciência e da lei. As fantasias que falam do medo, desejo e ambiguidades, acabam se manifestando de modo mais intenso no texto literário. A reação ao estranho, o fascínio o medo a até a passagem do ódio irracional ao ato de eliminação aqui podem ter seu efeito catártico, que, porém, não dá conta dos deslocamentos do desejo.

O impacto do contato com o que me é diferente e o medo do que é “selvagem”, representado pelos habitantes nativos de outros territórios, pode também aparecer na forma de ameaça à civilização. Esta imagem aparece de forma intensa no livro *Um Coração nas Trevas* de Joseph Conrad escrito em 1899, merecendo ainda uma releitura segundo o no filme *Apocalypse Now*, dirigido por Francis Ford Coppola em 1979, desta vez situando a história na Guerra do Vietnã. O outro permanece como ameaça, desafiando nossa própria condição de humanidade.

No mundo da modernidade o que é *natureza* é um desafio ao poder do homem de controlar a vida e, se possível, a morte. E para isso a proliferação de especialistas nas máquinas e no homem.

2.1. Controle e Ordem

Da “vitória”, ou ao menos da impressão de vitória sobre a morte, chegamos à ampliação do controle sobre a morte pelos sistemas humanos, políticos e de governos. Os fascismos foram responsáveis por isso nos campos de concentração nazistas ou mais recentemente, nos campos de segregação econômica. Se em outros tempos a política foi determinante nas segregações, hoje as economias, que muitas vezes controlam o poder governamental, passam a ser determinantes da segregação. Esta é mais dificilmente discutida, pois quase sempre não se dá de forma “dura”. Uma cuidadosa flexibilidade discursiva impede que seus mecanismos sejam vistos como econômicos ou políticos.

Na década de 50, em especial na Europa e Estados Unidos, se festejava o fim da opressão nazista, com o pensamento: “Isto foi superado, sejamos felizes”. No Rio de Janeiro a poesia tomava as praias da Zona Sul cidade, enquanto se buscava o fim das favelas através de remoções e incêndios. Anos mais tarde, o poeta e embaixador Vinicius de Moraes, falando sobre a Bossa Nova, falou desta como sendo semelhante ao samba (que acontecia nos morros), porém sem sua tristeza e melancolia. Um clima de felicidade e superação da dor se sustentava na acusação do outro pelo mal. No Tribunal de Nuremberg, o levantamento das atrocidades nazistas e comunistas fazia parte do imaginário do medo, da produção de morte. No entanto, a criação de leis para impedirem situações semelhantes, não impediu a construção de instrumentos de tortura e morte como ferramenta de combate aos inimigos políticos por parte dos governos.

Também foi a época de surgimento dos grupos de extermínio no Rio de Janeiro, então ainda Capital Brasileira, onde grupos como a *Scuderie Le Coq* e os *Cavalos Corredores*, ficaram conhecidos como Esquadrões da Morte. Tais grupos não atuavam de forma “oculta” ou “subterrânea”. Ao contrário foram quase sempre públicas suas ações com sustentação de autoridades públicas ou administrativas. Como ainda hoje:

(Em 1958) a Associação Comercial do Rio de Janeiro tinha outras razões de queixa. Os assaltos a lojas se sucediam e alguma coisa precisava ser feita. Seus diretores se dirigiram então ao chefe de polícia, general Amauri Krueel. A cidade, como diziam os jornais, estava “infestada de facínoras”. Krueel respondeu à interpleção dos comerciantes com a garantia de que adotaria medidas drásticas.

Se fosse preciso, prometeu, autorizaria "o extermínio puro e simples dos malfeitores". Só assim bandidos como Coisa Ruim, Buba, Praga de Mãe, Paraibinha e Buck Jones deixariam de aterrorizar a população. Dois deles, Mineirinho e Cara de Cavalo, iriam ficar como símbolos da criminalidade dos anos dourados. A morte espetacular deles, em operações de guerra executadas pela polícia, envolvendo milhares de homens armados, inaugurou os tempos modernos.

A primeira providência do general Krueel foi ordenar ao responsável pelo Serviço de Vigilância, delegado Cecil Borer, que criasse imediatamente uma organização de combate aos marginais, o Serviço de Diligências Especiais (sDE), com carta branca para aplicar as tais "medidas drásticas".

Como o chefe de polícia do Distrito Federal tinha na época o poder de um quase ministro da Justiça, nomeado diretamente pelo presidente da República, a ordem do general Krueel equivalia a instituir na prática a pena de morte, concedendo a seus subordinados o livre arbítrio de aplicá-la. (VENTURA, 1994, p34-35)

No período pré-ditadura militar, a cidade do Rio de Janeiro, já estado da Guanabara, assistia cenas chocantes através das páginas do combativo *Jornal Última Hora*. Corpos de mendigos foram mortos e jogados no Rio da Guarda, como etapa preparatória para a visita da Rainha Elizabeth II ao Rio de Janeiro, na limpeza urbana foram apontados policiais e pessoas ligadas ao governador Carlos Lacerda, embora este tenha negado seu envolvimento. Policiais citados em reportagem de *Última Hora*, em 28 de janeiro de 1963 dizem “*Apenas executamos os inúteis*”.

Nos anos 60 radicalizaram-se os movimentos de busca da felicidade real, social e histórica, uma felicidade que fosse direito de todos. No mesmo movimento das reivindicações, porém radicalizaram-se também os instrumentos de repressão e controle. A América Latina torna-se o palco de ditaduras militares sustentada no desaparecimento de milhares, tidos como “inimigos do regime”.

A solução possível parece ter sido a busca da construção de um intimismo que servisse como estratégia da busca da liberdade e da felicidade. A Psicologia cresce como profissão para dar conta deste intimismo em especial no Brasil, quando grande parte das instituições de ensino foi criada, durante nossos anos de chumbo. No mundo a viagem nas drogas alucinógenas mostram-se como um horizonte colorido ao som de *Lucy in The Sky with Diamonds*, dos Beatles.

Na música, gradativamente as canções de protesto e transformação de estruturas sociais foram silenciadas, mas não apenas isto. Gradativamente foi sendo incentivada a existência de músicas que falavam de um “eu” sofrido, apaixonado, sonhador singular, único, incomunicável, e ainda assim supremo. No Brasil as canções de Roberto Carlos falavam dos sedutores detalhes dos encontros amorosos, os botões da blusa, amantes, braços, bocas que murmuram,... Na maior parte dos países do mundo, se entoavam as canções do *Bee Gees*, que sobre a profundidade do amor, contra um mundo que lutava contra a onipotência do valor do sentimento individual. As causas coletivas gradativamente mudaram de tom, sendo mostradas apenas como protesto de alguns. O cantor Taiguara falou da angústia deste tempo de transição: “*eu desisto, não existe esta manhã que eu perseguia, um lugar que me de trégua ou que sorria, de uma gente que não viva só pra si*”.

A Psicanálise e os movimentos de autoconhecimento ganhavam grandes espaços nos consultórios e nas comunidades alternativas. E durante o período militar, o sentimento de um “eu” gradativamente tomou o lugar da política de grupos humanos.

Nestes tempos era comum falar dos comunistas como o lugar da destruição da ordem social, que beirava a perversão. Comunistas eram acusados de costurar gatos vivos nas barrigas de mulheres, por exemplo. Embora tais histórias beirassem o mais puro delírio não impediam de serem criadas e acreditadas. Os comunistas eram também inimigos de Deus, o símbolo do anticristo, aqueles que poderiam destruir o mundo.

O mal era abertamente associado aos soviéticos. No livro *O Exorcista*, que serviu de inspiração ao filme de estrondoso sucesso na década de 70 e ícone dos chamados filmes de terror até hoje, a epígrafe faz uma associação direta entre acontecimentos bárbaros ocorridos na União Soviética creditando-os a ação de demônios (BLATTY [1971], 2013):

...Não há outra explicação para algumas das coisas que os comunistas fizeram. Como o padre com oito pregos cravados no crânio... E aqueles sete garotinhos e seu professor. Estavam rezando o Pai Nosso quando os soldados vieram em cima deles. Um deles sacou a baioneta e cortou a língua do professor. Outro pegou uns

palitos e enfiou nos ouvidos dos sete garotinhos. Como tratar casos assim? (Dr. Tom Dooley)

Nas favelas e subúrbios cariocas o estado de exceção prosseguia. A nova mídia dos jornais populares que emergem no cenário pós-ditadura militar aproveitavam para radicalizar. No Rio de Janeiro, o jornal O POVO, estampava nas suas capas cenas ampliadas dos corpos de pessoas executadas na região metropolitana da cidade.

A música *funk*, inicialmente trazendo de forma jocosa a realidade vivida nas favelas cariocas, dominara os morros e periferias cariocas nas décadas de 80 e 90. O predomínio do tráfico de drogas como mediador social nas favelas, o abandono do estado como mediador e o estímulo o confronto como forma de gestão do domínio territorial do tráfico de drogas acabou por fomentar o surgimento de um subgrupo do ritmo funk intitulado “proibidão”. Nestas músicas sem gravadoras formais, dado que havia uma proibição dos bailes *funk* já antes do surgimento do proibidão, letras cantadas falavam da guerra silenciosa dos morros, e ganhava ouvintes ligados ou não á facções criminosas, pois viam nestas letras cenas silenciadas da vida na cidade.

O primeiro “proibidão” chegou ao conhecimento do grande público e às páginas dos jornais da cidade em 1999 com o “Rap do Comando Vermelho”. Ele chocou a sociedade com o conteúdo extremamente violento de sua letra, ao descrever a punição de um X9, um delator. A música usa como base melódica *Carro Velho* de Nina e Ivete Sangalo, seguindo a tendência do funk de se apropriar de referências musicais de outros universos para a constituição de suas músicas. (FERREIRA *et al.* 2010. p. 41)

O funk citado possui o seguinte refrão: “*Cheiro de pneu queimado/ carburador furado/ e o X-9 foi torrado/ quero contenção do lado/ tem tira no miolo/ e o meu fuzil está destravado*”. Apesar do chocante das letras havia certa facilidade de compra de CDs piratas com os “proibidões” do Comando Vermelho, A.D.A. (simbolizado pelo personagem CHUCK, do filme *Brinquedo Assassino*) ou Terceiro Comando. Em São Gonçalo, por exemplo, eram vendidos “democraticamente” os CDs das diversas facções em frente à Delegacia de Alcântara.

Pouco antes, com o processo de redemocratização brasileira, aconteceu também a virada neoliberal que nos impôs novas formas de consumo e de

organização social. Se fazia necessário midiaticamente a escolha de um novo inimigo da ordem, e as favelas se tornaram novamente o alvo preferencial. Não mais o revolucionário, ou o comunista, ou o devorador de crianças, como se dizia nos tempos de União Soviética. No processo de redemocratização, o fim do muro de Berlim e o fim da Guerra Fria, o Brasil estava mais próximo do mundo através dos satélites da Rede Globo para a construção de um novo Brasil, buscando suas raízes no velho Brasil.

Em 1982, o Rio de Janeiro, com o retorno de políticos de esquerda exilados, se torna um importante centro de definições políticas e sociais. Leonel Brizola vence as primeiras eleições para governador do estado pós-ditadura militar. Brizola defendia o direito dos pobres e negros à propriedade, à posse da Terra. Colocava negros (Abdias Nascimento, Caó e Agnaldo Timóteo) como candidatos, incluindo também um índio, o Cacique Juruna. Não bastasse o seu passado vinculado a João Goulart, e mesmo a Fidel Castro, defendia “direitos aos pobres e negros”. Sua gestão passou a ironicamente ser chamada pela mídia de *socialismo moreno*. O direito à privacidade das casas de favelados gerou a questão que acabou sendo a maior crítica contra seu governo: a suposta proteção a marginais. No entanto ainda vivíamos em um tempo onde nas favelas cariocas predominava o jogo do bicho, e apenas recentemente havia acontecido a entrada da cocaína como elemento do tráfico de drogas.

Também neste momento histórico, em especial na Baixada Fluminense aumentava o espaço ocupado pelas igrejas neopentecostais. Chamou atenção da mídia o fenômeno da Igreja Universal. Ficou como marco desta primeira fase neopentecostal, a publicação do livro “*Orixás, Caboclos e Guias*”, de autoria de Edir Macedo. Na década seguinte o livro foi proibido pelo ataque frontal às religiões de matriz africanas, tidas como “coisas do diabo”.

Nos anos 90 o Rio de Janeiro seria palco de estranhas políticas públicas, em especial abordando a questão da segurança. O Governador Marcello Alencar estabelece o que ficou conhecido como “*gratificação faroeste*”, onde policiais que tivessem “atos de bravura” tinham seus ganhos salariais aumentados em até 150%. Comumente tais atos de bravura eram avaliados pela troca de tiros, com morte, em favelas.

Em 1994 é realizada a primeira ação militar de combate ao tráfico de drogas, chamada de Operação Rio. Prisões arbitrárias, tortura e o uso de tanques ficaram como marca de ações que pouco ou nada contribuíram para o combate a criminalidade, aumentando a sensação de arbitrariedade do estado.

O século XXI inaugura um momento de grandes eventos internacionais no Rio de Janeiro, e uma nova sequência de limpeza urbana, onde moradores em situação de rua, conjuntos de barracos e partes de favelas foram removidos como parte da preparação para os eventos. Moradores de Cidade de Deus relataram mortes diárias em ações policiais às vésperas da realização dos Jogos Pan-americanos realizados no Rio de Janeiro. A Vila Olímpica construída para os atletas do evento era vizinha à localidade.

Espectáculo por um lado e dor para muitos.

Atualmente foi escolhida a estratégia das Unidades de Polícia Pacificadora - UPP. As ações previstas de ocupação policial em áreas controladas pelo tráfico de drogas seria a etapa de uma proposta de inclusão das populações residentes em favelas. Mas isto não tem acontecido.

A escolha pelo espetáculo é marcante. As ocupações de favelas por tropas da polícia, por vezes com ajuda militar, foi diversas vezes antecipadamente noticiada, com transmissão ao vivo em rede de televisão. A escolha pelo espetáculo remete ao jogo e à virtualidade. Na dinâmica de deslocamento de criminosos, regiões periféricas da região metropolitana - Baixada Fluminense e São Gonçalo - têm tido mais de 100 % de aumento no número de homicídios, com grande liberdade de ação de grupos milicianos.

Citando o grupo de rap *Facção Central*, “aqui a marcha fúnebre prossegue”.

2.2. Porque falar de genocídio?

Durante a 2ª Guerra Mundial, a *máquina* instituída pelo nazismo incluiu experimentos científicos para encontrar as melhores estratégias para a produção

de morte em massa. O uso da publicidade e do cinema foi importante ferramenta na construção do *consentimento* da segregação e eliminação de judeus, convencendo toda uma geração de que esta era uma etapa necessária para alcançar o *paraíso da ordem* nazista. Mas, apenas com o fim da guerra pode ser visto em detalhes os efeitos desta proposta. Os corpos humanos se empilhavam secos em valas comuns, aos milhões. Vidas se tornam pó.

A indignação com os efeitos desta guerra fez surgir um novo conceito: a palavra genocídio. O termo foi cunhado por Raphael Lemkin, jurista, judeu polonês, ao se referir á pratica sistemática de eliminação de uma nação ou grupo étnico, na monografia *Axis Rule in Occupied Europe*, publicada em 1944:

New conceptions require new terms. By "genocide" we mean the destruction of a nation or of an ethnic group. This new word, coined by the author to denote an old practice in its modern development, is made from the ancient Greek word *genos* (race, tribe) and the Latin *cide* (killing), thus corresponding in its formation to such words as tyrannicide, homicide, infanticide, etc.(1) Generally speaking, genocide does not necessarily mean the immediate destruction of a nation, except when accomplished by mass killings of all members of a nation. It is intended rather to signify a coordinated plan of different actions aiming at the destruction of essential foundations of the life of national groups, with the aim of annihilating the groups themselves. The objectives of such a plan would be disintegration of the political and social institutions, of culture, language, national feelings, religion, and the economic existence of national groups, and the destruction of the personal security, liberty, health, dignity, and even the lives of the individuals belonging to such groups. Genocide is directed against the national group as an entity, and the actions involved are directed against individuals, not in their individual capacity, but as members of the national group. (LENKIM, [1944] 2005. p.79)²

² *Novas concepções requerem novos termos. Por "genocídio" queremos dizer da destruição de uma nação ou de um grupo étnico. Esta nova palavra, cunhada pelo autor para designar uma prática antiga em seu desenvolvimento moderno, é feita a partir da antiga palavra grega **genos** (raça, tribo) e a palavra latina **cide** (matar), correspondendo, assim, na sua formação de palavras tais como tiranicídio, homicide, infanticídio, etc. De um modo geral, o genocídio não significa necessariamente a destruição imediata de uma nação, exceto quando realizado por assassinatos em massa de todos os membros de uma nação. Pretende-se, ao invés disso, significar um plano coordenado de diferentes ações que visam à destruição das bases essenciais da vida de grupos nacionais, com o objetivo de aniquilá-los. Os objetivos de um plano desse tipo seria a desintegração das instituições políticas e sociais, da cultura, da língua, do sentimento de nacionalidade, da religião e da existência econômica de grupos nacionais, e a destruição da segurança pessoal, liberdade, saúde, dignidade e até mesmo a vida dos indivíduos pertencentes a esses grupos. Genocídio é dirigido contra um grupo nacional como uma entidade, e as ações envolvidas são dirigidas contra indivíduos, não em sua capacidade individual, mas como membros do grupo nacional. (Tradução nossa)*

Importante ressaltar que Lemkin, ao contrário da compreensão contemporânea do que seja genocídio, destaca que este atua através de *um plano de desintegração política e social de determinados grupos em uma sociedade*. No sentido da criação da palavra genocídio, Lemkin remete à destruição de “fundamentos essenciais” de elementos da vida de grupos nacionais, que inclui a desintegração da segurança pessoal, saúde, língua, sentimento de nacionalidade, religião e existência econômica destes grupos, não apenas o assassinato em massa como aconteceu nos campos de concentração nazista.

Gradativamente o termo tem ganhado um suporte jurídico, para muitos ainda de difícil comprovação, dado que inclui a *intenção* de eliminação de um grupo étnico. A partir da **Convenção sobre a Prevenção e Repressão do Genocídio**, em 1948, a palavra buscou criar uma aplicação jurídica do termo, o transformando em crime de caráter internacional. Assim ficou definido junto à Organização das Nações Unidas:

Por genocídio entende-se quaisquer dos atos abaixo relacionados, cometidos com a intenção de destruir, total ou parcialmente, um grupo nacional, étnico, racial, ou religioso, tais como:

- (a) Assassinato de membros do grupo;*
- (b) Causar danos à integridade física ou mental de membros do grupo;*
- (c) Impor deliberadamente ao grupo condições de vida que possam causar sua destruição física total ou parcial;*
- (d) Impor medidas que impeçam a reprodução física dos membros do grupo;*
- (e) Transferir à força crianças de um grupo para outro.*

A caracterização de genocídio de fato tem passado por dificuldades óbvias: ninguém deseja ser considerado genocida. Isso, felizmente ainda tem relação com uma imagem “ideal de si” que nos impede da barbárie. Mas o impacto da palavra produz deslizamentos linguísticos para evitar a sua constatação nas práticas da vida social hoje.

Utilizo *genocídio*, como sendo o efeito de um conjunto de práticas cotidianas baseado no desejo de eliminação, ou de afastamento do outro, consentindo, mesmo que silenciosamente, em sua eliminação. Proponho pensar

os efeitos deste *desejo* no cotidiano na sociedade brasileira, especialmente na vida cotidiana do Rio de Janeiro.

Pensar o genocídio através de sua *construção* na subjetividade, impõe uma reflexão necessária: violências, crimes e mortes, não devem ser tomados como naturais-, menos ainda, mortes violentas que acontecem por efeitos de ódios e rejeições. *Agressividade*, uma característica humana, comum a outros seres vivos, não é o mesmo que homicídio por ódio do diferente.

A força que traz a palavra é acompanhada do medo de sua identificação. Não podemos ver as misérias do mundo pois nos consideramos acima disto, como apontam os personagens de “A Peste” de *Albert Camus*, onde o autor faz uma crítica a certo humanismo otimista que nos colocaria inevitavelmente inalcançáveis às desgraças da existência humana. O genocídio fica mais suportável enquanto é apontado em um passado superado e já distante. Este é apontado como sendo fruto de mentes doentias, eu executado por seres sem civilização, levando-nos a esquecer de que o assassinato em massa de grupos humanos, embora tenha sempre existido na história humana, nunca chegou às cifras alcançadas em nosso mundo moderno, nem tal estrutura e sistematização.

Assim *genocídio* se trata de uma palavra forte, usada comumente em relação a fatos históricos onde há um *consenso* acerca de um ato abominável cometido contra determinada população. Chegamos próximos do conceito de verdade de Hobbes, quando fala do Estado como Leviatã e como representante de um consenso que estabelece a verdade, consenso este que se constrói através de uma figura de poder. Mas e se não há consenso sobre ser um ato abominável a violência aplicada contra um grupo social?

Criamos assim grupos sobre os quais paira dúvida acerca da violência aplicada sobre aqueles grupos. Talvez, pensamos, naquele caso, a violência tenha sido necessária ou válida. Assim acontece com a história da escravidão negra e indígena durante o processo de colonização das Américas e África, ainda aplaudida por alguns que a consideram uma etapa condenável, mas *necessária para civilização destes povos*.

Até hoje pouco ainda se conta de um assunto que permanece como um incômodo silenciado o extermínio de mais de 70 milhões de indígenas das Américas durante o processo de colonização espanhola e portuguesa (PLUMELLE-URIBE, 2006), levando á morte 90% de sua população. Também permanece um intenso silêncio sobre os números que levam de 15 a 18 milhões de negros trazidos como escravos para as Américas³. Cerca de 40% deste número foi trazido a terras brasileiras, embora muitos não tenham sobrevivido aos maus tratos do transporte em condições absurdamente adoecedoras. Negros escravizados eram conduzidos por meses, amontoados como carga, acorrentada, sem serem libertos sequer para defecarem e urinarem. Independentemente deste número exato, talvez impossível de ser contabilizado nos esquecimentos da história, este número nos transformou hoje na segunda maior nação negra de todo planeta, atrás apenas do Senegal.

Apesar disto a presença negra é pouco discutida com profundidade no campo da subjetividade em nosso país. O que não impede de haver inúmeras crenças hegemônicas reproduzidas irreflexivamente em relação ao negro nas práticas cotidianas, muitas delas com suporte supostamente racional e lógico referindo-se ao lugar da subjetividade do negro, quase sempre no lugar da falta.

A constante promessa de eternidade e poder ofertadas pelo capitalismo avançado de nossos dias nos levam aos limites do sonho. Oferecem-nos a possibilidade de viagens espaciais ou ainda técnicas de rejuvenescimento para uma extensão da vida como nunca antes foi possível. A possibilidade de aquisição infinita de bens, inimaginável em outros tempos, atrelada a uma avanço tecnológico que já materializou diversos sonhos desejados pela humanidade há séculos, torna este cenário ainda mais sedutor.

Mas para isso acontecer, pessoas comuns se veem interligadas às grandes esferas de produção, estratégia oferecida para a conquista destes sonhos. Hoje os impasses se dão menos no campo do embate político do que no campo do consumo. O grande território de batalha das grandes corporações, em

³ Segundo dados da publicação **Lutttes contre l'esclavage**. da UNESCO feita em 2004, Ano Internacional de Comemoração da Luta contra a escravidão e sua Abolição.

substituição ao controle de poder dos estados, está em um campo singular, personalizado, na intimidade de um *eu* padronizado por instâncias de controle.

Este indivíduo, encapsulado, individualizado, constituído no direito e dever de um “eu”, que deve ser sua redenção e prisão, precisa ser produzido e ser continuamente validado pelas esferas de controle.

Félix Guattari (1996) apresenta o sujeito, na nossa sociedade capitalística, como sendo um produto *necessário* para que o conjunto da máquina produtiva prossiga. É preciso fabricar pessoas como se fabrica leite ou sapatos. É necessário intervir até mesmo no inconsciente, modelando formas de perceber e sentir o mundo e a vida.

Mas a promessa do sonho acaba tendo de enfrentar os impasses da modernidade. De um lado temos a promessa da materialização de qualquer sonho em realidade, de outro temos a evidência de que esta promessa não é acessível a todos. Ainda assim é solicitado que eu esteja disposto a dar tudo de mim, na busca de recursos que me permitam a compra deste sonho.

A sedução da busca de satisfação narcísica, que se impõe ao indivíduo fruto do capitalismo, tem produzido uma série de processos cáusticos de perversão. O outro é cada vez mais um ser inatingível, e nós somos cada vez menos afetáveis. A banalização do mal de que nos fala Hanna Arendt, para descrever o estado de coisas durante o regime nazista na Alemanha, hoje se mostra algo pueril.

O *mal* tende a se mostrar de forma cada vez mais intensa, não como algo que não deva ser percebido. O que chamaríamos de “mal” cada vez mais tem se mostrado como uma necessidade lógica, neutra, inevitável. A racionalidade do capital moderno tende a apagar traços de vínculos calorosos entre pessoas. O consumo tende a ser cada vez mais o mote da relação humana. E o *mal*, se torna uma questão íntima e pessoal, excessivamente singular, quase incomunicável,

Talvez esta seja uma das maiores dificuldades para se estudar a temática do genocídio. A palavra nos remete o que há de mais cruel das ações humanas. Mas como pensar que esta arma pode estar em ação através de nossas mãos?

O processo de nossa constituição como nação, ainda em construção, traz consigo uma marca confessa de nosso desejo de sermos outra nação, onde, preferencialmente o negro não tivesse lugar como sujeito. A miscigenação, defendida por muitos, acaba por não se concretizar de forma clara na direção da incorporação do negro como sujeito, dado que a inclusão pode facilmente se dar de forma desigual. Gilberto Freyre, por exemplo, talvez o maior pensador desta forma de olhar o Brasil, não escondia seu saudosismo da divisão da Casa Grande e da Senzala.

Os ideais europeus/americanos estão mesclados em nosso dia a dia, na nossa língua, nos nossos padrões culturais, nos modelos educacionais, nas formas de compreensão do sujeito, no modo de produção acadêmica, nas nossas escolhas estéticas. Somos profundamente marcados pela tentativa de sermos *outro*. Este desejo se manifesta desde o espaço físico, quando nos lembramos das reformas urbanas do Rio de Janeiro no início do século XX, reformas estas que buscaram simular o espaço físico da capital francesa. Nossos ideais de mundo passam por um ideal estético, manifesto abertamente no início do século XX através das propostas eugênicas. Estes ideais, de purificação e aperfeiçoamento, dialogam com o mundo de hoje através dos levados padrões de consumo de tecnologia e de produtos de beleza para apagamento de características raciais.

Estas manifestações, no entanto, não falam abertamente das relações raciais em nossa terra. Dizem muito de fato, mas esta confissão dificilmente é percebida como confissão. A negação de tocarmos o tema chega a ser escandalosa. No entanto, esta negação não tem o poder de mudar números como os que representam a desigualdade social entre brancos e não brancos neste país. Na Revista Carta Capital nº 636, em março de 2011, publica-se que:

Em 2002, foram assassinados 46% mais negros do que brancos. Em 2008, a porcentagem atingiu 103%. Ou, em outras palavras, para cada três mortos, dois tinham a pele escura. (...) Até mesmo entre os suicidas os negros mortos superaram os brancos. Houve crescimento de 8,6% nos suicídios de cidadãos brancos, mas, entre os negros, os que tiraram a própria vida aumentaram 51,3%. (MENEZES, 2011)

Por que conseguimos fazer tão pouco (ou nada) em relação a isso? Como isso nos toca? Por que pouco nos toca? Isso nos toca?

Podemos elaborar diversas possibilidades de interpretação sobre o número de homicídios na busca de reinterpretar os números. Em algumas destas análises chega-se até mesmo culpabilizar o negro pelo seu próprio homicídio: “Afinal, quem mandou morar naquele lugar?” “Neguinho tem que saber se comportar”. O que está acontecendo?

Há uma preocupação nos espaços de ensino e pesquisa em entender o que acontece com pessoas negras? Por que apesar dos dados apresentados acima, isso não é uma questão? Até onde vai nossa obstrução de olhar sobre a pessoa negra?

O campo da psicologia tem sido chamado historicamente de forma hegemônica para atenuação de conflitos. Os novos sacerdotes do segredo têm sido chamados para cuidar das angustias de um eu incômodo para o indivíduo em uma sociedade de produção de individualidades.

De fato, diversas especializações foram sendo produzidas na modernidade na busca de dar conta de respostas surgidas da violência humana no cotidiano. De fato tal conhecimento era necessário, como forma de controle dos corpos para a produção, e hoje de sujeitos adequados ao consumo obediente ou quando muito, transgressor dentro de limites previamente autorizados.

Algumas das nossas raízes culturais apontam para a necessidade de certa arqueologia do pensamento para que possamos entender contradições de hoje. Nesta espécie de “psicanálise da história” o ato falho, o que escapa, aponta para *desejos* nem sempre abertamente dialogados. Muitas camadas são sobrepostas para recalque do desejo. Permanece, porém uma região de sombra, que perpassa os atos cotidianos. A sombra de fato não está oculta, está ali todo tempo, mas acostumamos a não olhar para ela. Percebê-la e apontá-la requer encará-la de frente e vemos que esta sombra pode nos indicar que não somos da forma que gostaríamos de ser.

No entanto este *outro* aparece com a marca do estranho, do exótico e do incompreensível. Por vezes visto como um animal, ou um demônio a ser exorcizado pelo fogo das armas, é de mais fácil eliminação.

Falar sobre o que se produz em nosso tempo e enfrentar a banalização do mal de nossos dias são tarefas incômodas, pois tocam em algo que muda a nossa forma de olhar para nós mesmos. De fato, não é agradável pensar na possibilidade de algo tão indesejado, como a produção da morte, ser parte de nossos atos, ainda mais se esta é racionalmente indesejada. Não falar, porém, atua na produção do silêncio sobre atos graves cometidos contra muitos, que compõem a maioria da população. Não estamos falando de minorias.

Em outros séculos, no entanto os critérios de raça ainda não possuíam um caráter de cientificidade. A modernidade carregou em suas costas diversos preconceitos de outros tempos, agora lhes dando um novo status. Com as ideias de evolução e progresso, veio também o medo da “degenerescência”. A ideia de raça se por um lado chamava a humanidade a um elo comum, por outro a estratificava, e tornava o outro primitivo, próximo à natureza, e por isso perigoso.

Um destes efeitos é a construção do lugar do outro como um não humano. O diferente é visto como um *estranho*, como um “*não eu*” e, portanto algo ameaçador. A descaracterização da humanidade do outro passa não só pela cor da pele, mas pelo julgamento de hábitos, práticas cotidianas, modos de sentir e comunicar. Se o transformo em algo mais próximo do animal é possível aplicar soluções de extermínio, pois não se trata de outro como *eu*. Hoje tal estratégia é perfeitamente comum em jogos eletrônicos, neste o inimigo “matável”, é quase sempre mortos-vivos ou monstros. Jogos que ousaram romper com este pacto tendem a serem polêmicos ou até mesmo proibidos.

Com isso os símbolos, sinais, vestígios são importantes na modernidade para a elaboração de linhas de pesquisa. Feitas por especialistas estas “marcas” seriam a base estratégica de *normatização* e ao mesmo tempo produzindo controle ou eliminação do que não era *normalizável*. Esta estratégia inclui o que poderíamos chamar de “homem comum” como agentes da construção cotidiana

e sutil da incorporação em si e em outros, do que é estabelecido como normalidade. Compactua-se por consentimento a estes padrões, onde também se estabelece o que não se encaixa na “normalidade”, que deve ser combatida.

Há um quase consenso, porém, quando são citados os crimes nazistas como genocídio. Os campos de concentração se tronaram a unanimidade, pois aponta o mal no outro. A cogitada loucura de Hitler, os efeitos de massa que teriam cegado a população, seriam as principais causas de o extermínio ter acontecido. Outros levantam até mesmo a hipótese de forças espirituais malignas que estariam por trás das ações de Hitler, incluindo pactos demoníacos e uso ritual da suástica. O uso de tais símbolos desta maneira é provável, mas seria uma explicação demasiado ingênua atribuir a estes fenômenos qualquer responsabilidade final à existência dos campos de concentração.

Os campos de concentração eram prática já exercida por algumas nações antes do estado nazista ter se utilizado deste recurso como estratégia para uma solução final contra os judeus. Mesmo no Brasil campos de concentração já haviam sido construídos no Ceará para contenção de refugiados da seca no sertão nordestino em 1915 e 1932.

Não faltavam inspiração e apoio para o método higienista das elites, uma vez que era forte a presença de ligas religiosas e até mesmo operárias de inspiração conservadora. Com a seca de 1932, aprimorou-se o projeto de 1915. Foram construídos sete campos. Em Fortaleza havia dois, para confinar retirantes que lá já estavam. Ambos chegaram a ter 1.800 presos. Os de Crato e de Senador Pompeu receberam mais de 16 mil cada um; Quixeramobim, 4.500; Cariús, 28 mil; e Ipu, cerca de 6.500. “Os sertanejos eram atraídos por promessas de trabalho, alojamento, alimentação e serviço de saúde”, afirma Kênia Rios. Mas a multidão era concentrada em espaços precários. Tinha a cabeça raspada, usava roupas feitas com sacos de farinha e trabalhava praticamente em troca de comida. Os homens lidavam principalmente com marcenaria e construção de tijolos, as mulheres na fabricação de sabão e as crianças, que não tinham escola, podiam trabalhar e aprender artes e ofícios. Faltavam comida, água e remédios. Soldados armados detinham aqueles que tentavam fugir. Os campos mantinham locais para punir e encarcerar os rebeldes. (...) Registros oficiais contabilizam mais de 60 mil cearenses mortos nesses campos. (OLIVEIRA, 2011)

O higienismo era o argumento técnico para a rejeição do “povo misturado” por parte das elites. As práticas arbitrárias fazem parte de nossa cultura histórica, mas ainda hoje é ritualizada. O discurso da “guerra do Rio de Janeiro” é uma das

estratégias do estabelecimento de um regime de exceção para a parcela pobre e negra de nossa sociedade. Esse regime que inclui a segregação racial e a busca de manutenção de uma ordem hierárquica.

Este passado brasileiro ligado a propostas eugênicas nunca foi de fato enfrentado, com exceção de pesquisas acadêmicas, pouco conhecidas de nossa sociedade.

Entender, entretanto, as especificidades desta lógica genocida no Brasil é algo que se impõe. O racismo em nossas terras é muitas vezes negado, ou identificado com o dedo apontado para o negro. Tocar no assunto “raça” é uma posição polêmica, quase sempre vista com desconfiança que seja preconceituosa ou racista, dado que isto nunca esta em nós, mas apenas no outro. No entanto a solução do recalque tem retornado como sintoma de uma sociedade racialmente adoecida. Não é por acaso que com 3% da população mundial, tenhamos 13% dos homicídios do mundo. A quem queremos matar? Contra quem é nossa guerra?

Nós somos grandes, essa terra é maravilhosa, porque é abençoada por Deus, pelo demônio, por todos, etc. E o povo? O povo sempre foi uma coisa casual. Agora, a etnia dominante, o processo de dominação dentro da sociedade brasileira, ele é permanente. O que nós temos que ter claro é assim: as armas mudaram, os processos mudaram, mas a dominação sempre se manteve inalterada. Uma coisa que nós temos que ter claro, é que o Brasil não está inviável como está, ele está se inviabilizando até como Estado-nação, que é um estágio pré ao que nós podemos chamar de modernidade. Nós não somos modernos em nada. (MIR, 2004)

Infelizmente talvez tenhamos que discordar de Luiz Mir. Talvez nossa aparente barbárie seja causada pelo nosso *excesso de modernidade*. O lema de nossa bandeira de “Ordem e Progresso” continua em ação, mas ainda determinada por uma elite que muitas vezes ainda é da mesma linhagem dos antigos donos de terra de nosso período colonial. Nossa modernidade ainda não tem lugar para todos e talvez esteja aí seu caráter mais avançado, dado que esta é uma das características da modernidade: a possibilidade de modelagem do mundo segundo os desejos do homem. Avançado, mas não no sentido positivo. As práticas de eliminação sistemática ser parte das ações do Estado na

construção de uma sociedade ideal para o olhar de uma elite de ideais brancos e eurocêntricos.

Controle tem sido uma palavra desejada. Mas quase sempre o controle do outro, do pobre, do negro, do que eu rejeito. Para estes eu desejo ordem. Paralelamente para nós desejamos nossa liberdade. Talvez aqui estejam algumas, apenas algumas, de nossas contradições.

Para entender melhor este processo ainda precisamos caminhar um pouco mais. O convite para continuar está dado.

3. Os invisíveis rostos negros da história brasileira

*Mesmo não querendo nós temos um inimigo
que em dias de tempestade nos negam abrigo.
esse é o sistema, mas armaremos o nosso esquema
lutando com nossas próprias armas
pra anular o poder do inimigo
e ajudar o povo a esquecer que um dia ficou sem abrigo:
debaixo da ponte, com a cabeça na pedra, cobertos com papelão
famílias inteiras em depressão, depressão, depressão.*
(Canção do grupo *Ponto de Equilíbrio*, 2010)

Uma pintura portuguesa datada de 1540, que se encontra no Museu Nacional de Arte Antiga em Lisboa, de autoria desconhecida, representa o inferno, onde demônios eram caracterizados com cabelos crespos e pele escura. O dualismo do ocidente construiu imagens do mal associadas ao negro, à escuridão, à noite. Mas esta pintura ainda traz um novo elemento. O líder dos demônios, em seu trono, possui um cocar e vestes de um índio tupinambá. O mal além da pele escura era representado pela o que estava mais próximo da natureza, fora dos modelos eurocêtricos. O mal é o outro, e o outro tem a marca da cor da pele, a textura dos cabelos ou os traços fisionômicos como indicio da origem maligna.

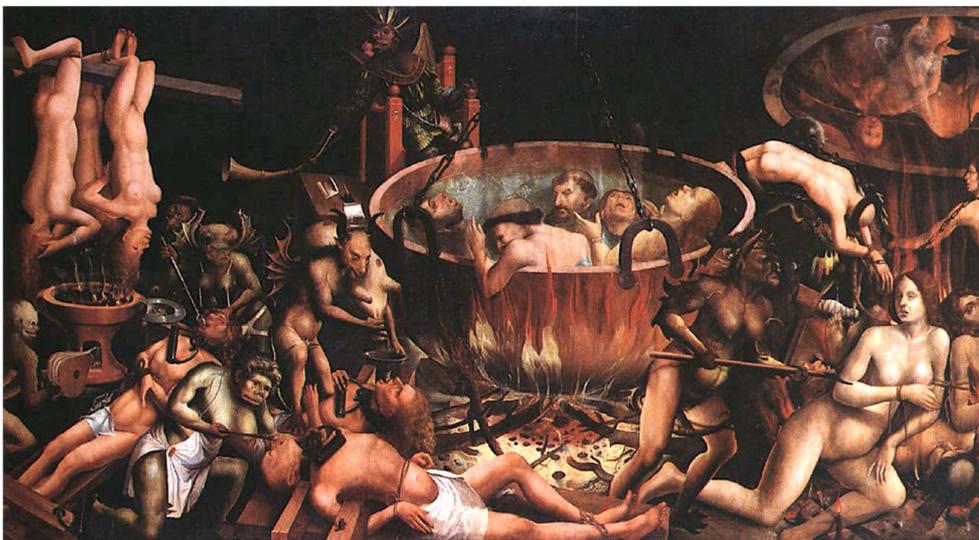


Figura 1 - "O inferno", pintura portuguesa de autor anônimo de 1540

Índios e negros eram os não brancos. Sendo o branco a personificação da criação à imagem e semelhança de Deus, aos restantes ficou o lugar do abjeto, do torpe, do que simboliza o mal. A escolha arbitrária de uma demarcação por

cores para representar aspectos espirituais das coisas do mundo tinha um efeito prático: desumanizava negros e índios.

As terras do continente americano *d'além* mar era o lugar do desconhecido, e as descrições assustadas deste novo mundo alimentam o imaginário da dominação econômica e territorial. O *outro* é algo assustador. Transformado em algo menos humano tudo posso fazer contra ele se necessário, até mesmo por piedade religiosa. Esta mescla tão excessivamente humana se tornou o pano de fundo e sustentáculo de inúmeros massacres de índios e de aprisionamento e morte de negros trazidos da África.

Os *não-brancos* se tornam a ferramenta utilizável para o processo colonial. Assim seriam extraídas as riquezas do solo das Américas, utilizando sangue e vidas para alimentar o desenvolvimento econômico europeu dos séculos seguintes. É uma relação marcada pela ambiguidade das dicotomias arbitrárias: o paraíso recém invadido era habitado por demônios a serem convertidos. Ambiguidades vividas pelos próprios portugueses na relação com a sua própria imagem na busca de parecer-se com outros europeus mais brancos como ingleses e franceses (SANTOS, 2013).

Na história brasileira o negro entra como força de trabalho nas lavouras da colônia. Outras formas de escravidão existiam em diversas culturas, mas nunca antes nem depois, foi feita de forma tão sistemática um tráfico de mão de obra escrava de tal porte. Estima-se que antes do início do tráfico português a população africana estava em torno de 600 milhões de habitantes, esta foi reduzida a aproximadamente 150 milhões em 1930, somente retornando aos parâmetros populacionais originais na década de 90 do século XX. A parcela deste grupo que chegou como escrava em terras brasileiras estima-se ao todo cerca de 4 a 5 milhões de escravos.

O Rio de Janeiro, sendo a capital do vice-reino do Brasil e do Império ao longo dos séculos XVIII e XIX, tornou-se uma das principais cidades do mundo com forte presença de escravos trazidos da África. Em 1849, 43% da população carioca era denominada “preta”.

A mistura racial, porém acabou por ser a marca da colonização portuguesa. Em um processo de identificação onde se tornou difícil o espelhamento com outras nações. A colonização portuguesa acontece através de certa intimidade de *uso* do corpo, mas que inclui a rejeição do rosto negro, sua estética, sua religiosidade e sua cultura. Ferramentas úteis para a extração das riquezas, da terra o uso sexual imposto pela relação dono terra x mulher escrava, acaba por ser uma estratégia de dominação e ocupação territorial. Havia grande proporção de negros na população da colônia, mas isso não significou a sua aceitação como grupo aceitável para além da força de trabalho ou objeto de abuso sexual.

A racionalização das diferenças de cor ou origem como raça é uma discussão, porém tardia no processo colonial. Mas se torna evidente muito antes da raça se tornar uma proposição de cunho científico, como nos mostra um trecho do artigo *Adição ao projeto para o estabelecimento politico do reino-unido de Portugal, Brasil e Algarves* de autoria de António d’Oliva de Souza Sequeira publicado em 1821:

Como o Brasil deve ser povoado da raça branca, não se concederão benefícios de qualidade alguma aos pretos, que queirão vir habitar no paiz. (...) E como havendo mistura da raça preta com a branca, (...) terá o Brasil, em menos de 100 annos todos os seus habitantes da raça branca. (...) Havendo casamentos de brancos com indígenas, acabará a côr cobre; e se quizerem apressar a extinção das duas raças, estabelecão-se premios aos brancos, que se casarem com pretas, ou indígenas na primeira e segunda geração: advertindo, que se devem riscar os nomes de ‘mulato, crioulo, cabôco’ e ‘indígena’; estes nomes fazem resentir odios, e ainda tem seus ressaibos de escravidão (...) sejam todos ‘Portuguezes!’. (SIQUEIRA apud HOFBAUER, 2006, p. 187)

Somos, porém, parte desta história. Sermos todos “portugueses” ou propor “apressar a extinção das duas raças” (indígenas e negros) poderia ter sido apenas uma ideia isolada de algum pensador extravagante, algo até ingênuo ou engraçado. Mas não foi uma proposta isolada e sem um arcabouço teórico que lhe desse sustentação. Quando ainda éramos uma nascente república, que nasce do olhar das oligarquias de então, éramos uma nação com o alvo de ordem e progresso. Não se tratava de uma situação de atraso... Mas de outro ponto de vista, que o país fez conhecer ao mundo no Congresso Universal das Raças,

realizado em Paris no ano de 1911, onde foi feita a defesa do Brasil ser aceito entre as “grandes nações” do mundo, *apesar* dos negros e da mestiçagem:

“É de propósito que citamos tais fatos [intimidade social e sexual entre brancos e negros] pois os julgamos muito importantes para explicar como os vícios do negro foram inoculados na raça branca e nos mestiços. Vícios de linguagem, vícios de sangue, concepções erradas sobre a vida e a morte, superstições grosseiras, fetichismo, incompreensão de todo sentimento elevado de honra e de dignidade humana, sensualismo baixo, tal é a herança medíocre que recebemos da raça negra. Ela envenenou a fonte das gerações atuais, enervou o corpo social, aviltando o caráter do mestiço e rebaixando o nível dos brancos”. “mas a influência da seleção sexual (...) tende a neutralizar a do atavismo, e remover dos descendentes dos métis todos os traços da raça negra (...) Em virtude desse processo de redução étnica, é lógico esperar que no curso de mais um século os métis tenham desaparecido do Brasil. Isso coincidirá com a extinção paralela da raça negra em nosso meio”. (LACERDA [1911], 2011. p. 236,239)

Afrânio Peixoto (1876-1947), romancista, médico, historiador e, dentre outras atividades, professor universitário e membro da Academia Brasileira de Letras, foi ainda mais detalhista:

A albumina branca depura o mascavo nacional (...) negros puros já não há; mestiços, por fraqueza somática, sensualidade, nervosidade, sensibilidade à tuberculose, ou desaparecem pela morte precoce, ou se cruzam sempre com elementos mais brancos: a raça se aclara (...) em 200 anos, longe de se extinguirem no Brasil os descendentes de Cabral, terá passado inteiramente o eclipse negro, destes quatro séculos de mestiçamento (...) como quer que agora seja este mestiçamento, hoje raro, e, de agora em diante, cada vez menos, não é necessário para a subsistência da raça europeia (...) (PEIXOTO, 1938 p. 43)

O argumento acima citado é tomado por Afrânio Peixoto a partir de reflexões que se faziam em outros lugares do mundo, ligadas ao que, em tese, seria o que havia de mais avançado para a construção das cidades de novo mundo do século XX que nascia. Mas á frente prossegue em seu referencial:

Essa influência do clima não é suficientemente considerada pelos europeus. Contudo, um teuto-americano, Franz Boas, declara que o imigrante europeu, nos Estados Unidos, "muda inteiramente de tipo, mesmo no curso da primeira geração". (Judeus europeus têm índice cefálico de 83. Seus filhos, nascidos na América, 79. Três gerações bastaram para transformar judeus braquicéfalos em dolococéfalos. É a naturalização da raça pelo clima). (PEIXOTO, 1938 p. 43)

Não era um discurso isolado de Afrânio Peixoto. O mundo ocidental estava sendo agitado pelas ideais de eugenia e purificação racial. Na Argentina,

que havia iniciado o fim da escravidão em 1813 quando negros e mulatos constituíam cerca de 30 por cento na população argentina, em fins do século XIX possuíam apenas dois por cento da população (LANATA, 2002. p 46). Na Inglaterra Francis Galton, no Congresso Demográfico de 1894, defendia abertamente medidas de restrição para determinados grupos para “*melhoramento da população através do estímulo aos casamentos dos melhores membros da sociedade e da restrição dos casamentos entre indivíduos menos dotados*” (DEL CONT, 2008, p. 205)

No Brasil, no início do século, a educação foi vista como uma importante ferramenta de transformação racial do país:

Para os educadores brasileiros (...) raça não era uma fato biológico. Era uma metáfora que se aplicava para descrever o passado, o presente e o futuro da nação brasileira. Em um extremo, a negritude significava o passado. A negritude era tratada em linguagem freudiana como primitiva, pré-lógica e infantil. Mais amplamente, as elites brancas equiparavam negritude à falta de saúde, à preguiça e à criminalidade. (DÁVILA, 2006, p 25)

As estratégias eugênicas de segregação como forma de melhora da raça, também teve importantes representantes no Brasil, apesar da predominância da ideologia de branqueamento.

Nas origens de nossa república aumentam os desejos da intelectualidade brasileira de sermos respeitados como nação frente à constelação de grandes nações do mundo. O Positivismo de Augusto Comte, incluindo a noção de *Religião da Humanidade* buscada por seus defensores, e ideais estéticos ganham força entre a intelectualidade e políticos que desenhavam os traços da nova nação. Se as “ditas” *grandes nações*, porém são brancas, o que fazer com nossa cor tropical? Nesta época se torna emblemático a pintura de Modesto Broccos intitulada “*A Redenção de Cam*”, criada em 1895.

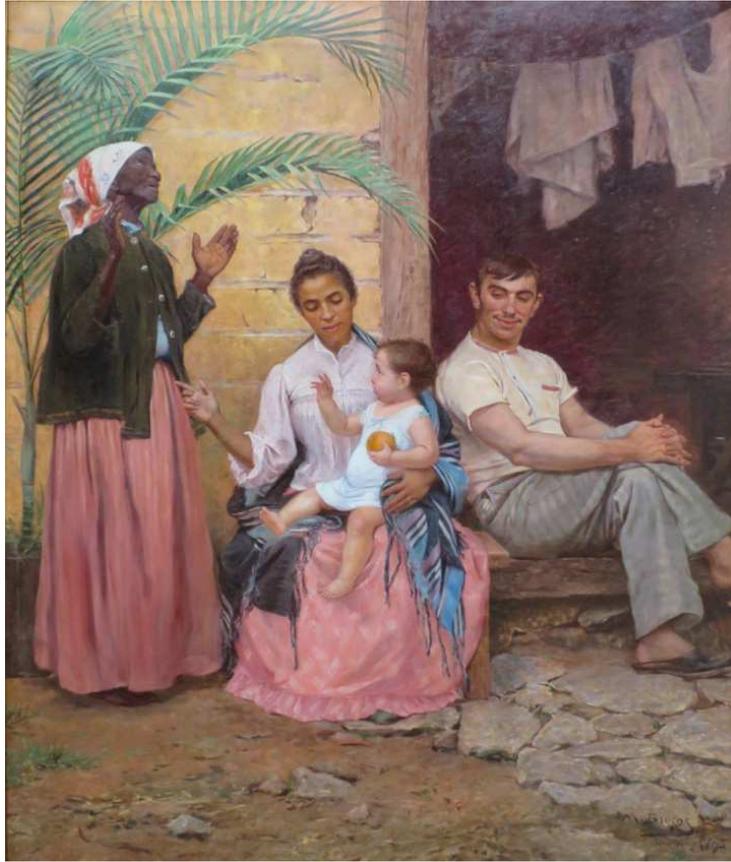


Figura 2- A Redenção de Cam (1895) Museu de Belas Artes - Rio de Janeiro

Neste quadro estão representados: ao fundo um homem de expressões latinas, admirando a mulher mulata ao centro com seu filho ao colo, sendo abençoada por uma senhora negra, a avó da criança. Nos mesmos moldes das pinturas religiosas a mulher mulata ao centro posa como *madona* segurando o menino Jesus, um menino um pouco mais claro do que ela, fato abençoado pela avó que agradece aos céus. Cam, personagem bíblico a quem resta a maldição proferida por Noé, de ser dominado por outros povos, e cuja descendência se atribui a população negra, agora pode ser redimido. O negro deixaria de ser negro pela mistura racial, gradativamente “*limpando o sangue*”.

Franz Boas é importante na cultura brasileira, pois foi também mentor intelectual dos trabalhos de Gilberto Freire, que por sua vez é o autor do livro que se tornou emblemático para caracterizá-la nossa construção como país: Casa Grande e Senzala.

Freyre escreveu uma vasta obra para falar de nossa constituição como nação mestiça, e com orgulho disto. Transparece, no entanto, seu saudosismo da sociedade colonial brasileira mesclada na Casa Grande e na senzala. O meio nos

influencia, e nas relações da nossa consumição brasileira Freyre defende o lugar do negro como integrante na nação, embora transborde seu saudosismo dos lugares desenhados na relação colonial senhor escravo:

No senhor branco o corpo quase se tornou exclusivamente o *membrum virile*. Mãos de mulher, pés de menino; só o sexo arrogantemente viril. Em contraste com os negros - tantos deles gigantes enormes, mas pirocas de menino pequeno. (...) Da rede não precisava afastar-se o escravocrata para dar suas ordens aos negros; mandar escrever suas cartas pelo caixeiro ou pelo capelão; jogar gamão com algum parente ou compadre. De rede viajavam quase todos - sem ânimo para montar a cavalo: deixando-se tirar de dentro de casa como geléia por uma colher. Depois do almoço, ou do jantar, era na rede que eles faziam longamente o quilo - palitando os dentes, fumando charuto, cuspidando no chão, arrotando alto, peidando, deixando-se abanar, agradar e catar piolho pelas molequinhas, cocando os pés ou a genitália; (...) É verdade que esses homens moles, de mãos de mulher, amigos exagerados da rede; voluptuosos do ócio; aristocratas com vergonha de ter pernas e pés para andar e pisar no chão como qualquer escravo ou plebeu - souberam ser duros e valentes em momentos de perigo. Souberam empunhar espadas e repelir estrangeiros (...) (FREYRE, 2003. p.519)

A visão positiva de Freyre sobre as relações entre senhor e escravo no Brasil Colônia nos leva a apenas compreender a história pelo ângulo dos vencedores. Freyre apresentou seu olhar, a partir de seu lugar no mundo, e esta escolha foi incorporada como a versão hegemônica sobre como se davam as relações raciais no Brasil, exaltada por intelectuais e mesmo por negros. Em um samba da escola de samba Estação Primeira de Mangueira, de 1962, cujo tema foi a Obra de Gilberto Freyre, entoava:

*Pretos escravos e senhores / Pelo mesmo ideal irmanados
A desbravar/ Os vastos rincões
Não conquistados / Procurando evoluir...*

Autores como Gilberto Freyre, Monteiro Lobato e Nina Rodrigues são lembrados como importantes nomes de nossa constituição como país. Por diferentes caminhos estes autores apontam para certa rejeição de nossa nacionalidade, devida à mistura racial. Se esta mistura é apontada de forma ambígua em Gilberto Freyre, por exemplo, é apresentada de forma clara por Monteiro Lobato:

Os negros da África, caçados a tiro e trazidos à força para a escravidão, vingaram-se do português de maneira mais terrível - amulatando-o e liquefazendo-o, dando aquela coisa residual que vem dos subúrbios pela manhã e reflui para os subúrbios à tarde. (...) Como consertar essa gente? Como sermos

gente, no concerto dos povos? Que problemas terríveis o pobre negro da África nos criou aqui, na sua inconsciente vingança! (publicado em **A barca de Gleyre**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1944. p.133)

Esta construção que estabelece uma demarcação de diferentes lugares para os diferentes grupos raciais do país em formação não pode ser tomada como acaso. Apesar de fazer um contraponto com a nocividade da mistura racial, apontada por parte da intelectualidade brasileira, trazia uma positividade da mestiçagem, mas com uma nítida positividade de níveis de hierarquia social baseada nas origens raciais. A ambiguidade de dominação afetiva, que escutava apenas a voz dos dominadores ganha um sustentáculo intelectual.

Com isso, antigos projetos se mantêm em meio á ambiguidade. Como pode ser visto no Artigo 2º, do decreto nº7.967, de 18 de setembro de 1945, de Getúlio Vargas:

Art. II. Atender-se-á, na admissão dos imigrantes, a necessidade de preservar e desenvolver na composição étnica da população, as características *mais convenientes da sua ascendência européia*, assim como a defesa do trabalhador nacional. (grifo nosso)

Este decreto foi revogado apenas em 1980.

Antes disso, porém outras propostas existiram como na obra de Maurício de Medeiros, *O Inconsciente Diabólico*, publicado em 1959:

“Manifestei na ocasião o meu entusiasmo por essa lei que não era destinada à esterilização dos Judeus, *mas apenas aos degenerados mentais e portadores de doenças transmissíveis por herança*”. “Não tenho a menor restrição a fazer ao meu entusiasmo de então! Se, na prática, os nazistas se utilizaram dessa lei para cometer o crime de esterilizar, *sem a menor forma de julgamento*, homens e mulheres sadios, somente porque eram judeus - isso foi um crime, como tantos outros que eles cometeram na sua loucura racista” (MEDEIROS, 1959)

Medeiros prossegue sua argumentação destacando a legislação nazista que, apesar se seu mau uso, a considerava racional e lógica. Vale lembrar que dentre outras atividades Mauricio Medeiros foi médico jornalista e político, tendo assento na Academia brasileira de Letras e sendo ministro da saúde de Juscelino Kubitschek até julho de 1958.

O movimento negro já se fazia presente então, onde se destaca a figura de Abdias Nascimento (1914-2011). Surgem também as primeiras pesquisas

sociológicas que tentarão desvendar a singularidade do racismo no Brasil onde é fundamental a obra de Oracy Nogueira, que a partir da pesquisa sobre *Relações raciais no município de Itapetininga* (1955), cunha o conceito de preconceito de marca, ao invés de uma definição de raças a partir da origem como no modelo racial estadunidense. O que conta no preconceito de marca é a aparência racial, critério suficientemente ambíguo para permitir as relações de intimidade, convivência e discriminação.

A temática explode no mundo na década de 60. Nos estados Unidos os movimentos de direitos civis, e o debate promovido por representantes negros, como Malcolm X e Martin Luther King. Na África os movimentos e independência promovem uma reestruturação continental acerca da dominação europeia. Apesar do avanço do debate no Brasil, que prossegue avançando na época, entramos em um período de silenciamento devido ao ambiente político dos governos militares.

Recentemente ainda temos na área jurídica o livro de Medicina Legal do Profº Hélio Gomes. Este livro é ainda hoje considerado referência na sua área, apesar de modificações feitas ao longo do tempo. Hoje está na 33ª edição. Porém, ao menos até a 13ª edição, datada do ano de 1971, ainda era considerado como patologia a o casamento entre pessoas de diferentes etnias e cor da pele:

“Cromo e etno-inversões: A cromo-inversão, como nome indica, consiste na acentuada preferência amorosa para pessoas de cor diferente da do indivíduo. É de observação popular a notável atração sexual dos portugueses pelas pretas e mulatas. A etno-inversão consiste na atração sexual forte para pessoas da raça diferente da do indivíduo. Toda cromo-inversão é uma etno-inversão, mas nem toda etno-inversão é uma cromo inversão.” (GOMES, 1971. p.459)

O mesmo autor dedica um capítulo inteiro a importância da *eugenia* e seus estudos. O Profº Hélio Gomes utiliza a definição proposta pela Universidade de Londres em 1904 que define eugenia como: *o estudo de fatores que, sob o controle social, possam melhorar ou prejudicar as qualidades raciais das gerações futuras, quer físicas, quer mentalmente. (p.n 311)*. Ainda neste capítulo, dentre os fatores nocivos para a espécie temos a pobreza, apontada como “*fator degenerativo da espécie*” e “*elemento francamente antieugênico, mau reprodutor*”.

O debate acerca da participação dos negros na sociedade brasileira tem se acirrado na proporção de seu emergir como bandeira de movimentos de organizações negras nos últimos 30 anos. É certo que a partir dos momentos de grupos organizados de negros, que desde a década de 1970, tem produzido mudanças no enfoque dado a questão do negro no país, incluindo mudanças de legislação que impuseram a discussão dos temas relativos à cor da pele, desde o campo da educação, até a saúde. A estratégia de positivar o conceito de negro tem produzido mudanças, pois de uma negatividade de sentido manifesta nos dicionários, a uma positividade afirmativa, muito se modificou.

Há, porém, em especial desde fins do século XX, um questionamento contrário à discussão acerca de raça\cor. A crítica parte de autores que vem queixam-se de que os movimentos negros estariam “racializando” uma nação mestiça e supostamente avessa a segregações raciais. De forma tortuosa o tema passou a ser discutido com mais ênfase, a partir da implantação do sistema de cotas para entrada de negros nas universidades públicas a partir do início do século XXI. Com mais ênfase e não com mais profundidade.

O que esteve mantido como recalque tem emergido como sintoma, mal estar e até mesmo com a ameaça de conflito por parte de parcelas da inteligência nacional. Um livro que acaba se tornando referencia deste debate é *Não Somos Racistas* de Ali Kamel, diretor de jornalismo da principal emissora de televisão brasileira, A Rede Globo. Kamel defende que a nossa tradição de ser uma nação miscigenada está sendo ameaça por grupos que pretendem a racialização do país. Em resumo: querem nos transformar em uma nação bicolor, de negros e brancos. O destaque que as teses do livro ganhou, no entanto, esbarra nas posições contraditórias do próprio texto de Kamel. Se em algumas partes o autor se baseia no discurso científico para falar que “raças não existem” em outro ponto se baseia no mesmo discurso científico para afirmar que somos “geneticamente misturados” afirmando a validade de critérios raciais. A dificuldade de pensar o tema pelo autor remete a um trecho que vale a pena destacar:

As discriminações nunca são efetivamente raciais, porque raças não existem: as discriminações serão sempre efetivamente “odiosas”, “irracionais”, “delirantes”, “criminosas”. Elas só seriam “efetivamente” raciais se a motivação da

discriminação estivesse calcada em uma realidade – a existência de raças humanas - e não numa crença irracional. (KAMEL, 2006. p.56)

Não somos racistas, de acordo com Kamel. O autor acaba por sugerir que discriminações são baseadas em crenças racionais, quase justificando possíveis discriminações. De fato segundo o autor, discriminação racial também não existe, pois elas **nunca** são “efetivamente raciais”. É contraditório o temor do autor de que estaríamos nos tornando uma nação bicolor de fundo racial como os Estados Unidos, pois, segundo o próprio autor, “discriminações nunca são efetivamente raciais”.

A “reação” de Kamel “aos que querem nos transformar em uma nação bicolor” inclui a lembrança (e ameaça) de uma longa lista de momentos recentes de diversos países onde políticas de cotas geraram “guerras civis” e aumento de agressões étnicas. Esquecendo que algumas das agressões étnicas apontadas, como na Índia contra os chamados “intocáveis”, os atingidos eram grupos minoritários que já eram vitimados. Ou seja, houve um recrudescimento de conflitos antes mantidos de forma naturalizada. A “reação” tem de fato recrudescido um racismo à brasileira, que tem aparecido sob novas formas contraditórias com nossa suposta cordialidade racial. Como nas pichações feitas na UERJ – Universidade Estadual do Rio de Janeiro, em janeiro de 2010, de “fora pretos” e com suásticas nazistas, aonde estudantes chegaram também a gritar nos corredores "poder ariano", "somos brancos e por isso somos superiores"⁴.



Figura 3 Pichações no Teatro da UERJ em janeiro de 2010

⁴ O Globo Online em 18/01/2010. Disponível em http://oglobo.globo.com/participe/mat/2010/0118/teatro-da-uerj-amanhece-pichado-com-inscricoes-racistas-leitor-fotografa-915548_078.asp

No entanto é preciso olhar o fato pelo olhar de quem sofre o olhar. Escovar a história a contrapelo como nos diz Walter Benjamin, é também retirar de nossas práticas de pesquisa o viés de produzir um conhecimento para dar sustentação ao que está estabelecido. A prática da pesquisa deveria ser o de explorar campos do conhecimento.

Está na hora de reconstruir a história primordial da modernidade a partir dos pontos de vista dos escravos. Estes emergem na consciência particularmente aguda da vida e da liberdade que é nutrida pelo "terror mortal do mestre soberano" sentido pelos escravos e a constante "provação pela morte" que a escravidão se torna para o escravo do sexo masculino". (...) Elas sugerem provocativamente que muitos avanços da modernidade são, na realidade, avanços insubstanciais ou pseudo-avanços dependentes do poder do grupamento racialmente dominante e que, conseqüentemente, a crítica da modernidade não pode ser concluída satisfatoriamente de dentro de suas próprias normas filosóficas e políticas, ou seja, de modo imanente. (...) Utilizar a memória da escravidão como dispositivo de interpretação sugere que este humanismo simplesmente não pode ser reparado pela introdução das figuras de negros, que anteriormente haviam sido confinadas a categoria intermediária entre o animal e o humano (...) (GILROY, O Atlântico Negro, p.126)

Ser negro, em meio a um mundo onde a *economicização* da vida é cada vez mais predominante, no entanto não tem permitido o "sonho" inclusão pelo desenvolvimento do capitalismo. A igualdade de tratamento e a superação de preconceitos pelo econômico, pelo avanço do capitalismo nas instâncias mais diversas, não tem acontecido embora tenha sido uma ferramenta importante de uma inclusão que precisa ser compreendida em sua complexidade. É importante lembrar que ao olhar para trás na história temos a ilusão de um passado homogêneo, sem rugas, nem contradições. Negros libertos, participantes da vida política da nação ou mesmo como escritores e artistas, sempre aconteceu paralelo a uma vida colonial brasileira baseada na escravidão, no castigo e na suspeição de negros. Isso não significava aceitação do conjunto de negros. O mesmo se deu no exemplo americano: enquanto Jesse Owens é mostrado como heróis nas olimpíadas de 1936 na Alemanha Nazista, nos Estados Unidos ele ainda era tratado como cidadão de segunda categoria.

Ainda poderíamos ir mais fundo na discussão apresentando o caso de Adolf Otto Eichmann, tenente-coronel da SS nazista, responsável pela logística de extermínio de milhões de judeus, que, no entanto, alegava em sua defesa ter

amigos judeus. Seu julgamento no Tribunal de Nuremberg foi analisado por Hannah Arendt (**Eichmann em Jerusalém - Um relato sobre a banalidade do mal**, 1999), onde a autora propõe o conceito de *banalidade do mal*, pois o mais grave é que, a normalidade das decisões *técnicas* de Eichmann não aponta para uma discriminação pessoal deste. Não se trata de uma rejeição como motivadora da boa execução da função de organizar a logística de eliminação judaica, era a constatação de que havia regras e não se podia ser contra estas regras sozinho. Havia uma tarefa a ser executada e ele assim o fazia.

Pelo raciocínio de Kamel, talvez devêssemos concordar com Eichmann. Assim a seleção de modelos para capas de revistas segue apenas o que é preconizado pelo mercado, não havendo qualquer tipo de rejeição do negro.

No entanto é preciso o exercício de nos colocar no lugar de quem sofre o olhar. Escovar a história a contrapelo como nos diz Benjamim, é também retirar de nossas práticas de pesquisa o viés de produzir um conhecimento para dar sustentação ao que está estabelecido. A prática da pesquisa deveria se o de explorar campos do conhecimento.

Como também destaca Gilroy, uma das contradições marcantes da modernidade, que nasceu com base no trabalho escravo e na dominação territorial, cultural e racial de europeus: a inclusão do negro não se dá de forma plena e automática após séculos de escravidão, opressão, castigos físicos e imposição de uma visão de mundo construída para dar sustentação á esta dominação.

A construção dos sujeitos em uma sociedade atravessada por esta construção, onde parte dos humanos existentes no conjunto social são apenas visto como números de um sistema produtivo, também inclui não escravo nesta lógica. A era Fordista estabeleceu parâmetros que ainda hoje são prevalentes. Aldous Huxley profeciava em **Admirável Mundo Novo**, em 1932, que nossos dias pertenceriam a uma nova era que teria não mais Cristo como referência (A.C. - Antes de Cristo e D.C. - Depois de Cristo), mas sim Ford (A.F - Antes de Ford e D.F. - Depois de Ford).

A era da informática, da matematização da vida, da digitalização da realidade, do fáustico controle dos campos do conhecimento, tem permanecido a demarcação de territórios subjetivos e objetivos marcados pela diferenciação pelos mais diversos estigmas, mas em especial a cor da pele, uma marca evidente do sujeito em uma sociedade marcadamente determinada por uma idealização estética de referencial eurocêntrico.

A imagem caricata do negro como o humanóide mais próximo do macaco já foi refutada há muito pela ciência, mas ao mesmo tempo este discurso convive com as ilustrações de livros do mais famoso evolucionista de nossos tempos, Richard Leakey, que fotografa tribos africanas para mostrar a forma de vida dos antepassados do *homo sapiens*. Recurso comum á grande parte da mídia produzida sobre os antepassados dos homens.

De fato há uma mudança nos conceitos e sentidos dos *racismos*, que criam uma dificuldade de apreensão do tema, permitindo diversas possibilidades de invisibilização e negação do tema. O que podemos hoje identificar como racismo se diferencia do que era denominado racismo em momentos anteriores de nossa história ainda sem uma base de questionamento do conceito de raça por parte de algumas pesquisas científicas. Se em um tempo a prevalência era a questão de *ascendência racial* e hoje há uma prevalência de um aspecto estético (em especial quando falamos de racismo no Brasil) a localização silenciosa e sinuosa do *mal* em um grupo social, no entanto permanece. O uso de termos politicamente corretos não modifica o conteúdo do afeto de modo mecânico, neurolinguístico ou mágico. Igualmente, de pouco nos adianta a negação insistente de que “não somos racistas” de Ali Kamel.

De fato o predomínio de um ideal estético se sobrepõe a um ideal genético, em especial na história do racismo brasileiro. A *esteticização* atua em uma epidermização da diferenciação de “raças”, raças se tornam *conceitos sociais* em construção constante, que por determinado tempo na história buscou se sustentar como “verdade” inquestionável, científica.

Não se concede aqui a possibilidade de que a “raça” possa ser vista espontaneamente, sem a mediação de processos técnicos e sociais. Haverá uma variação individual, mas isto não é a “raça”. Não existe uma percepção em estado

natural, sem treino, residindo no corpo. O **sensorium** humano precisou ser educado para a observação das diferenças raciais. Quando se trata da visualização de grupos raciais distintos, é preciso uma grande dose de sintonização. Esta fase do argumento funda-se no desejo de ligar o estudo histórico e crítico das raciologias e das metafísicas “raciais” às novas histórias da visualidade e percepção que têm sido produzidas. Procura-se conectá-los com algumas críticas oportunas da identidade étnica absoluta ou integral e com as genealogias da subjetividade às quais este argumento tem se associado. Acima de tudo, quero ligar o estudo crítico da “raça” com um entendimento igualmente crítico dos meios técnico-científicos que fomentaram e mediaram as relações particulares com nossas personalidades racializadas no passado moderno. O *absurdo* fundante da “raça” como um princípio de poder, diferenciação, e classificação deve continuar agora persistente e obstinadamente no nosso campo de visão. (GILROY, 2007.p. 64-65)

Gilroy, traz as referências a Franz Fanon, para discutir este processo de epidermização, com a predominância da visão, em uma cultura marcadamente visual da modernidade ocidental. Aponta para um corpo racializado sob o invólucro da pele, que passa a ser o critério de sobredeterminação do sujeito, onde:

“O olhar fixo do observador não penetra essa membrana, mas repousa sobre ela e, ao fazê-lo, recebe as verdades da diferença racial vindas do outro corpo. Independentemente do que a frenologia ou a fisionomia possam ter significado para Hegel - um leitor entusiasta de Lavater - o crânio sob a pele é agora irrelevante. Esta não é a escala da anatomia comparativa que despontou na passagem da história natural para a ciência da biologia. A pele não tem vida independente. Não é um pedaço ou um componente do corpo, mas seu invólucro fatídico. A dermopolítica sucedeu a biopolítica. (GILROY, 2007. p.69)

Portanto não é uma questão, de fato, de natureza de diferença biológica de uma espécie superior sobre outra biologicamente menos capaz, trata-se sim de *estigmas*. Estes são a base da construção de uma teoria onde indícios diferenciadores de corpos são critérios de diferenciação de sujeitos. É portanto uma crença que constrói uma teoria que é tomada como “verdade”.

Este é apenas um dos fatores pelo qual as dificuldades sofridas por **não brancos** insistem. Embora existentes como práticas, elas não se sustentam em justificativas racionais. Talvez consigam apenas serem racionalizações baseadas em pressupostos teóricos construídos com base nos preconceitos, com pouca ou nenhuma base real. Acabamos falando de fantasmas autoconstruídos e não de

seres reais. Os fantasmas falam de nossos medos, do monstro que foi por nós mesmos construídos.

Apesar dos discursos de igualdade os territórios da cidade têm uma forte caracterização pela cor da pele. As escolhas estéticas que passam pela valorização da aparência de ascendência europeia, têm garantido que “escolhas” amorosas mantenham uma separação sensível dos grupos sociais. Linhagens familiares ainda são referências para amizades e vínculos afetivos entre as classes médias e altas. Esta prática social tem resultado em altas taxas de endogamia, em especial entre brancos. Algo estranho para um país que se diz “mestiço”. De acordo com o CENSO 2010:

A noção de endogamia, no sentido estrito, corresponde à prática de casamento dentro do próprio grupo. Em 2010, a endogamia foi mais forte nos grupos de brancos (74,5%), pardos (68,5%) e indígenas (65,0%). No caso dos indígenas, uma das hipóteses que explicaria uma endogamia mais expressiva seria o sentimento de preservação desses povos, fenômeno que tem sido objeto de debate internacional. As diferenças entre homens e mulheres foram mais marcantes em relação às pessoas de cor ou raça preta. Homens pretos tenderam a escolher mulheres pretas em menor percentual (39,9%) do que mulheres pretas em relação a homens do mesmo grupo (50,3%). (CENSO 2010. **Nupcialidade, fecundidade e migração**. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE Censo Demográfico. 2010.)

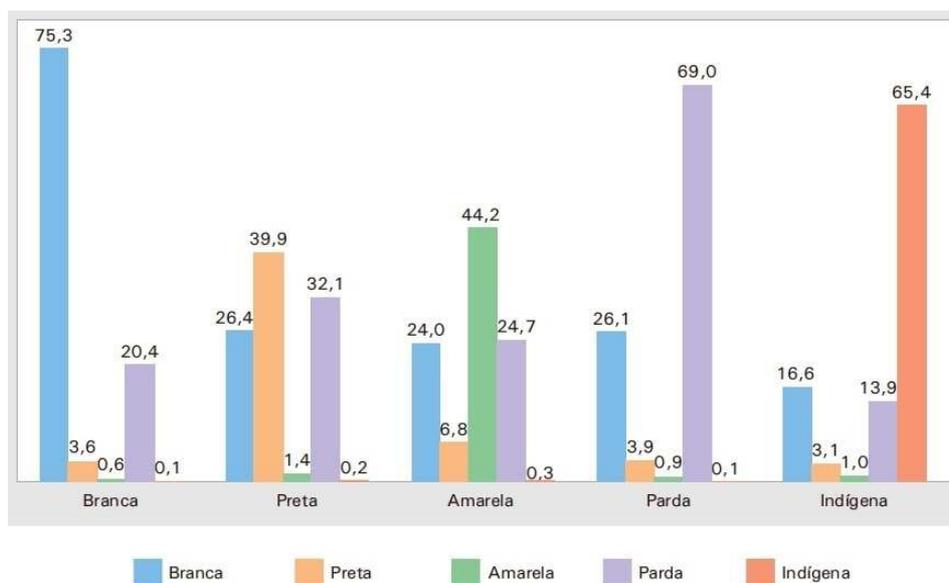


Figura 4 - Percentual das uniões de pessoas de 10 anos ou mais, por cor ou raça da mulher, segundo a cor ou raça do homem. IBGE Censo 2010

De fato há uma forte miscigenação no país, mas apenas de pretos, onde a demarcação racial parece não acontecer.

Há ainda outra dificuldade para pensar o problema que é o conceito de raça, pois como usado hoje, é um conceito recente e ainda em mutação. Até século XIX o termo foi usado para designar um misto de diversas características estéticas e culturais diferentes, mas com o emergência da ciência com mediadora da “verdade”, verdade porém mutável e mesclada de determinações sociais e políticas, “raça” passa a ser visto como uma base biológica. Mas não foi sempre assim, e o caldo cultural que nos leva a reduzir o uso da palavra neste sentido não ajuda a entender os fenômenos sociais e subjetivos relacionados à “raça”. Esta discussão, da qual muitas vezes em sociedade se tenta escapar o entanto é fundamental, como nos alerta Levis-Strauss:

Enfim e principalmente devemos-nos perguntar em que consiste essa diversidade, com o risco de ver os preconceitos racistas, apenas arrancados de sua base biológica, renascerem em novo terreno, isto porque seria inútil conseguir que o homem do povo renuncie a atribuir um significado intelectual ou moral ao fato de ter a pele negra ou branca, o cabelo liso ou crespo, para ficar em silêncio diante de outra questão à qual a experiência prova que ele se agarra imediatamente: se não existem aptidões raciais inatas, como explicar que a civilização desenvolvida pelo homem branco tenha cumprido os imensos progressos que conhecemos ao passo que as dos povos de cor tenham ficado para trás, umas a meio caminho, outras atingidas por um atraso que se conta em milhares ou dezenas de anos? Não se poderia pois pretender ter resolvido pela negativa o problema da desigualdade das raças humanas se não nos debruçarmos também sobre o da desigualdade ou da diversidade — das culturas humanas que, de fato senão de direito, lhe está diretamente ligado no espírito público. (LÉVI-STRAUSS, 1976, p. 330)

O preconceito brasileiro, demarcando quem vale e quem não vale pela cor da pele permanece produzindo efeitos. No entanto o Rio de Janeiro foi, e ainda é, uma das principais cidades negras das Américas. Também é hoje uma das regiões onde há mais mortes produzidas pelas forças policiais em todo o mundo, chegando em 2007 a uma taxa de 05 mortes por dia, considerando apenas os registros de autos de resistência⁵. Além disto, três cidades da Baixada Fluminense, parte da região metropolitana do Rio de Janeiro, permaneceram na primeira década do século XXI, entre as 10 cidades com maior taxa de

⁵ Resistência com morte do opositor.

homicídio por 100 mil habitantes de todo o país, com índices superiores a muitos países em guerra.

Estes dados começam a sofrer alterações durante a gestão do Governador Sérgio Cabral. Com o projeto denominado de Unidades de Polícia Pacificadora – UPP, e a necessidade de melhora dos números da violência carioca, tendo em vista os grandes eventos esportivos internacionais. O que pareceria uma ação “eficaz”, no entanto, traz algumas questões ainda mais graves:

De acordo com as análises feitas no estudo, fundadas no banco de dados do DATASUS (Ministério da Saúde), entre 2000 e 2006 o número de mortes por causa externa “indeterminada” caiu em todo Brasil, de 6 para 5 para cada 100 mil habitantes, bem como no Rio de Janeiro, de 13 para 10 para cada 100 mil habitantes. No país, esse patamar (5 mortes) se fixou, entretanto, no estado carioca, a partir de 2007 (quando chegou a 20 a cada 100 mil habitantes) o índice passou a aumentar gradativamente, atingindo 22 a cada 100 mil habitantes em 2009, o equivalente a 3.587 mortes indeterminadas. Assim, naquele ano, com apenas 8,3% da população brasileira (um terço da de São Paulo), o Rio de Janeiro foi responsável por 27% das mortes “indeterminadas” de todo o Brasil. Isso se contabilizando apenas as mortes registradas, vez que muitas delas não chegam sequer ao conhecimento das autoridades. (GOMES, 2011)

A busca deliberada pela ocultação das mortes no Rio de Janeiro surge de forma ainda mais insistente quando também incluímos a contabilidade de desaparecimentos de pessoas nos últimos anos, com um aumento de 92% nos últimos cinco anos (NEGREIROS, 2014). Enquanto a capital fluminense comemora a redução de homicídios em 75%, segundo o estudo *Os Donos do Morro* coordenado pelo professor Ignácio Cano em 2012, a Baixada Fluminense assiste ainda o chegada de grupos armados de favelas cariocas, em vans, armados de fuzil, e um aumento de mais de 100% nos números de homicídios, nos últimos 5 anos.

Tais pessoas que morrem são a ponta de um iceberg que começa a agir muito antes. A produção de invisibilizações do tema e de seus efeitos talvez possa ser a mais eficaz estratégia de permanência de uma ideologia. Leva tempo conseguir tirar alguns destes véus tão profundamente tramados, racionalizados. E também muita pesquisa é necessária para poder contestar ao menos em parte aquilo que se tem como dado.

Embora o principal argumento da não existência de racismo no Brasil seja a questão de desigualdade econômica, é inegável que a pobreza em nosso país é marcadamente negra. Dados de 2011 apontam para uma desigualdade ainda intensa, apesar da existência de diversas políticas públicas de transferência de renda para pobres: *75,2% da classe A/B é branca, enquanto 72,6% dos pobres são negros ou pardos* (NERI, 2011).

A incorporação do negro na sociedade brasileira, com tudo isto é ambígua e perversa. Perversa por produzir um silêncio que se transforma em heresia ao ser rompido. Para quem quebra o silêncio ficará o peso de ser apontado como radical ou até mesmo racista por tocar no tema proibido. Deve suportar a dor em silêncio, mas não apenas em silêncio, mas com alegria. No limite da convivência racial, ainda ficam reservadas as práticas abertamente racistas, no anonimato da internet através de mensagens eletrônicas sem identificação.

Este projeto deixou marcas profundas em nossa história, em especial aos negros ensinados a rejeitar seu próprio rosto. Algumas afirmações que fazem parte dos ditos populares têm raízes em aprendizados advindos de dores de feridas nunca cicatrizadas. A mulher de *“ventre limpo”*, por ter gerado filho mais claro do que ela é admirada, pois pôde *“limpar o sangue da família”* através de filhos mais claros; aos meninos negros travessos é citada a sentença: *“quando deus marca não é à toa”*.

Esta integração é atravessada por alguns mitos criados por uma cultura, de fato, singular. A *“harmonia racial”* que nos atravessa é marcada pela negação mesclada de transbordamentos de clareza. O Programa "Show do Antônio Carlos" na Rádio Globo AM, chamado pela própria rádio de *“Despertador do Brasil”*, no horário de segunda a sábado de 06 às 09 horas da manhã, em rede com São Paulo e Minas Gerais, é um bom exemplo. Todos os dias há uma consulta por telefone onde os ouvintes são convocados a absolver uma personalidade do esporte caso concordem com ela; caso discordem podem mandá-las *“para o tronco ou para o buraco”*. A existência das nossas cidades coloniais que se desenvolveram em torno da igreja e do pelourinho deixam marcas também no consentimento diário de execuções policiais em favelas

cariocas. Sobre as mortes que ocorridas pelas armas de policiais se aplica um discurso padrão: “*eram traficantes*”. Para a sociedade se morreram “*é porque deviam*”. A punição, e em especial a punição aplicada a negros, mesmo que identificados no discurso apenas como “pobres”, é naturalizada.

O silêncio aparece também como palavra chave do discurso do negro. O silenciamento da dor que não pode ser sequer reconhecida dá sustentáculo a outras imposições que passam a ser justificadoras do sofrimento. A culpa é colocada sobre o próprio negro que “não se esforçou o suficiente”, não se *sujeitou* o suficiente.

O imobilismo político de muitos foi construído com a dor de todos. A insistência de alguns exemplos heroicos de resistência cultural, não pode esconder a imposição coletiva de silenciamento e de exercícios de obediência, que redundam em doenças que atacam o corpo de negros. A prevalência de doenças tais como hipertensão diabetes são características de atitudes de silenciamento, pela alimentação sem cuidados, apenas para preenchimento da falta oral, ou através da silenciamento pela palavra represada na boca que não pode falar.

Tais temas farão parte desta pesquisa para destacar que o *consentimento* da eliminação de populações pobres e negras tem raízes históricas e reatualizadas hoje. São feridas ainda abertas e presentes de nossa cultura, que permanecem, pois ainda não sofreram ruptura em sua lógica de funcionamento.

À intenção de matar talvez se oponha a reflexão de que o inimigo pode ser empregado em serviços úteis, quando é deixado com vida e amedrontado. Então a violência se limita a subjugar-lo, em vez de matá-lo. É quando se começa a poupar o inimigo, mas doravante o vencedor tem de contar com a expectante sede de vingança do vencido, sacrifica uma parte de sua segurança. (FREUD [1932], 2010, p 239)

Ao mesmo tempo em uma favela no centro da cidade crianças passam ao lado de uma pilha de pneus, em uma ruela do morro, para ir para à escola. No código silencioso da favela o sinal está dado. Naquela noite alguma morreria. Os pneus seriam para a queima do corpo de alguém, talvez queimado vivo, dentro da pilha de pneus. Na favela mesmo os sussurros são falados com medo. A criança também não pode falar, nem em casa, nem na escola. As professoras

com medo tentam calar os comentários das crianças sobre os tiros da noite anterior. Os adultos em casa apenas sussurram, ainda assim temerosos. Quase nada se ouve. Mas o silêncio não cala a angústia, que quase palpável, desfila pelas ruas e becos de um lugar esquecido.

Como lidar com o medo da cena? Aonde falar? Para muitas crianças, a expressão da *angústia* aparece como reencenação no pátio da escola dos conflitos das guerras urbanas da noite anterior, sob o olhar apavorado de equipes de profissionais como medo das crianças “demoníacas” da favela. Alguns vão aprender o que estes profissionais estão ensinando e talvez saiam da escola e aprendam o que a TV ensinou: todos têm chances iguais. Para alcançar o lugar de igual talvez também aprenda que “a questão é social”, pois “quem tem dinheiro é bem recebido” ou ainda “negro com dinheiro branco é”, como ensinam ditos populares. E para conseguir dinheiro aprenda a matar se necessário, até morrer. Morrer uma morte que começou muito cedo, muito antes de seu fim.

3.1. A Fé tem Cor?

Nosso passado escravista colonial, nasce de uma determinação divina... A “descoberta” das Américas e de indígenas aqui residentes. Inicialmente considerados menos que humanos promoveu-se um dos maiores extermínios da história humana:

Os historiadores do século XX, estudando a conquista da América, chegaram mais ou menos a acordo na estimativa do número de habitantes do continente americano antes da invasão. Afirmou-se então que, antes de 1500, à volta de 80 milhões de pessoas habitavam o continente americano. Estes números foram comparados aos obtidos cinquenta anos mais tarde de recenseamentos espanhóis. Conclui-se então que, à volta de 1550, de 80 milhões de indígenas não resta mais que 10 milhões. Ou seja, em termos relativos, uma destruição da ordem de 90% da população. Uma verdadeira hecatombe uma vez que, em termos absolutos, trata-se de uma diminuição de 70 milhões de seres humanos. E mais, importa saber que, nos últimos anos, historiadores sul-americanos chegaram à conclusão que, na realidade, nas vésperas da conquista, havia na América mais de 100 milhões de habitantes. Do ponto de vista europeu estas estimativas são inaceitáveis, e com razão! Se isso fosse verdade, estaríamos perante uma diminuição de 90 milhões de seres humanos (PLUMMELLE-URIBE, 2006)

Os índios foram declarados humanos através da Bula *Sublimis Deus*, do papa Paulo III, em 1537, após décadas de lutas do Frei Bartolomé de Las Casas na defesa dos direitos dos índios. Em sua defesa Las Casas recomendava o uso de negros ao invés de índios como escravos. Algo que já existia se torna uma imensa máquina de comércio internacional de escravos, o que não impediu a continuidade do massacre dos índios. O lugar privilegiado do negro foi garantido para os séculos de dominação europeia nas Américas.

1531 São Domingos. Aperta a cabeça perseguindo as palavras que aparecem e fogem: Não olhem minha baixeza de ser e rudeza de dizer, suplica, e sim a vontade com que a dizê-lo sou movido. Frei Bartolomé de las Casas escreve ao Conselho das Índias. (...) Para que na América se salvem os índios e se cumpra a lei de Deus, propõe que a cruz mande na espada. Que se submetam as guarnições aos bispos; que se mandem colonos para cultivar a terra ao abrigo das praças fortes. Os colonos diz, poderiam levar escravos negros ou mouros ou de outra sorte, para servir-se, ou viver por suas mãos, ou de outra maneira que não fosse em prejuízo dos índios. (GALEANO, 2010. p. 125)

A identificação da cor como marca de fundamento de segregações e hierarquias permanece. O “fim da escravidão” embora seja social da disposição para integrar o negro simplificando relações de poder que se dão de forma complexa.

Uma vez ganho status de livre, poderia parecer que não havia mais necessidade de elaborar os significados distintos que a liberdade alcançou entre as pessoas radicalmente alienadas da promessa e da prática de liberdade por gerações de servidão imposta pelo terror. O fim da escravidão produziu algumas novas soluções técnicas para os problemas de perceber e regular pessoas negras e livres. (GILROY, 2007, p 229)

E embora se negue algum tipo de preconceito contra negros em nossos dias como “prova” de não sermos um país racista, é necessário lembrar que em países reconhecidamente com uma construção como nação em bases racistas como os EUA e África do Sul, a demarcação era com base em uma supremacia branca em oposição aos não brancos (*non-whites* ou *colored*). A ênfase predominante não era sobre a inferioridade negra, mas a superioridade branca. Apesar de todas as variações de cor de nosso país, o referencial estético, cultural, político e mesmo de subjetividade ideal é *branco* ou, em outras palavras, *eurocêntrico*. Este referencial é democrático, atinge a todos. A brancura brasileira é considerada bela no contraponto com morenas mestiça. Ter cabelos

louros e olhos azuis é significado automático de beleza, enquanto ser negro ou negra carrega a marca da falta de beleza, mesmo através do elogio: “ele é negro mas é lindo”. Mas e o que sobra para a negra “neguinha” da favela?

Com isso o negro, em nossas terras, fica no extremo oposto de nossos ideais. E embora estas marcas recaiam sobre *não brancos* - a exemplo do mestiço, do pardo, do índio, do “suburbano”, do nordestino, etc. – a hipótese do presente trabalho é a existência de uma intensidade maior dos efeitos da violência contra negros. Este foi e tem sido marcado por uma história de violências pouco ainda revividas ou discutidas com profundidade.

3.2. O Negro como Lugar do Mal

A Modernidade supõe a entrada na era da razão. Mas a ambiguidade da modernidade nos coloca, desde sua fundação, uma demarcação entre o nós (europeus) e os outros (nativos, africanos, indígenas, asiáticos, colonizáveis por sua suposta inferioridade).

A Ciência e a Tecnologia modificaram radicalmente as sociedades humanas, mas também modificaram o sujeito em sua subjetividade, introduzindo mudanças na sua relação com as coisas do mundo e consigo mesmo. O sagrado aos poucos cede lugar às coisas terrenas, ao fato visto de forma unívoca, à ciência. Hoje temos o afeto, a fé, a morte, o sexo, só para citarmos alguns conceitos, mediados por aparatos tecnológicos, midiáticos que tem possibilitado pensar até mesmo em um paradigma de uma humanidade pós-orgânica.

Apesar de todas as transformações evidentes, enveredamos também por caminhos tortuosos, de permanências e ressurgimentos de novos e antigos rituais e crenças. Fundamentalismos de fundo religioso têm sido hoje a base de importantes mudanças sociais e políticas. Até mesmo após longo período voltam a acontecer manifestações públicas de abordagens que se supunham superadas

como ações da Ku-Klux-Klan.⁶ Tais permanências e ambiguidades estão presentes na racionalidade dos preconceitos de cor ainda hoje existentes.

Sendo uma mescla de referências do pentecostalismo americano e ritos mágicos de origem afro-brasileira, as igrejas neopentecostais tem sido uma importante referência para negros e pobres, em especial do Rio de Janeiro. Na Baixada Fluminense, dos 13 municípios, nove já tem maioria evangélica⁷, e este número se mostra em contínua ascensão. A principal representante do atual movimento neopentecostal brasileiro é representado pela Igreja Universal do Reino de Deus.

Hoje, apesar da não proibição de capoeiras ou de candomblés, pelas forças policiais, esta proibição se faz pelas próprias pessoas de convivência em certos espaços. Já há favelas onde as vinculações de traficantes com vertentes neopentecostais de culto evangélico, que proibiram a prática de religiões de matriz africanas. E apesar do horror das classes médias com o discurso preconceituoso de pastores que apontam estas religiões como coisas do diabo, tampouco buscam a compreensão destas formas religiosas, a não ser por vertentes ligadas a relações de poder, ou mescladas com religiosidades europeizadas. Estas vão desde uma compreensão científica do fenômeno a um sincretismo de fundo satanista, como a Sociedade Alternativa cantada por Raul Seixas, com base nos ensinamentos de Aleister Crowley.

As tradições culturais do negro são associadas ao lugar do demoníaco, impuro, feio e sujo. Em especial, recai sobre suas tradições e cultura, o lugar do maléfico, do demoníaco, do mal. Esta imagem é evocada em diversos lugares de nossa cultura. Por vezes de forma bastante evidente, por exemplo, na figura do Exu, apontado como correspondente ao demônio na tradição sincrética

⁶ Nascida no século XIX, esta organização racial americana entra em declínio na década de 60, a partir das ações de organizações de direitos civis. No momento ressurgiu publicamente e tem feito campanhas de recrutamento. Reportagem do *Daily Mail*, de 27 de outubro de 2012: *Shocking documentary lifts the lid on how Ku Klux Klan is still strong in Mississippi* <http://www.dailymail.co.uk/news/article-2224004/Shocking-documentary-lifts-lid-Ku-Klux-Klan-strong-Mississippi.html>

⁷ <http://extra.globo.com/noticias/rio/baixada-fluminense/maioria-da-populacao-da-baixada-de-evangelicos-seropedica-lidera-ranking-5531876.htm>

brasileira, possuindo uma mesma representação visual nas imagens do candomblé, um homem vermelho, e de peito nu.

De outra forma ainda contada e recontada para; versinhos simpáticos determinam o inferno para negros através de rimas aparentemente singelas:

Dizem os que mandam na Bahia que negro não vai pro Céu, nem que seja rezador, porque tem o cabelo duro, espeta Nosso Senhor. Dizem que não dorme: ronca. Que não come: engole. Que não conversa: resmunga. Que não morre: acaba. Dizem que Deus fez o branco e pintou o mulato. O negro, dizem, o Diabo o cagou. Toda festa de negros é tida como homenagem a Satanás, negro cruel, rabo, cascos, tridente, mas os que mandam sabem que, se os escravos se divertem de vez em quando, trabalham mais, vivem mais anos e têm mais filhos. Assim como a capoeira, ritual e mortal maneira de lutar corpo a corpo, faz de conta que é uma brincadeira vistosa, também o candomblé finge que é só dança e barulho. (GALEANO, 2004, p. 57)

Nos terreiros de candomblé por todo país orixás se manifestam. Embora a manifestação de espíritos e incorporação aconteça também em seitas neopentecostais, sobre as religiões negras recai a quase exclusividade do demoníaco. As cores preta e vermelha são identificadas com as figuras do mal.

Uma imagem de “santinho” representando o Arcanjo São Miguel pisando a cabeça do diabo hoje ganha a imagem de um diabo de pele escurecida e cabelos crespos. São Miguel o pisa com seus cabelos louros e lança em punho.



Oração à São Miguel Arcanjo
Festa 8 de Maio. Comemora-se todo dia 8.

São Miguel Arcanjo foi escolhido por Deus para ser o defensor de todos os Cristãos. Ele, com seus Anjos, formam uma grande legião de luz pronta para interceder por todos aqueles que o invocam com humildade e sinceridade no coração. Para invocar seu auxílio é preciso rezar diariamente a Oração a São Miguel Arcanjo e repetir durante o dia: "São Miguel Arcanjo, defendei-nos no combate". Precisamos combater o demônio que é uma realidade e sua ação se manifesta por meio das ações dos homens e mulheres. Onde há ódio, guerra, violência, desagregação familiar, aborto, traição, corrupção, roubos, sequestros, assassinatos, etc., o demônio está presente, alimentando o ambiente com muito mais ódio e violência. Oração - Glorioso Príncipe do Céu, protetor das almas, eu Vos chamo e invoco para que me livreis de toda adversidade e de todo pecado, fazendo-me progredir no serviço de Deus e conseguindo-me dele a graça da perseverança final, que me faça gozá-la eternamente. Amém. São Miguel Arcanjo, protegei-nos no combate, cobri-nos com Vosso escudo contra os embustes e ciladas do maligno. Subjogue-o Deus instantaneamente, o pedimos, e Vós, príncipe da milícia celeste, precipitai ao inferno a Satanás e a todos os espíritos malignos que andam pelo mundo a perder as almas. Amém.

Mandei imprimir e distribui um milheiro desta oração, para que outras pessoas necessitadas possam recorrer ao auxílio do querido São Miguel Arcanjo

Impresso: **GRÁFICA PARAÍSO SÃO BERNARDO**
Fones: **(11) 4335-0025 / 4127-0271 / 3424-8905**
(Entregas em sua casa em todo o Brasil)
fazemos outros Santinhos - Cartões de Visita - Panfletos Coloridos - Lembranças de 7º Dia

Figura 5 - "Santinho" de oração a São Miguel Arcanjo

Estas imagens são parte de das manifestações culturais em diversos locais do país. No carnaval dos demônios no interior da Bahia, o bloco “Os Cães de Jacobina” quando os homens da cidade se pintam de preto e evidenciam os cabelos crespos na representação do demônio.



Figura 6 - Fantasias de demônios do Cães de Jacobina (Fotos de Adenor Godim, Revista FFWMAG 2009)

Apontar adolescentes negros infratores como criminosos, demônios ou monstros, hoje é lugar comum na mídia impressa e televisiva. Este mal é reproduzido nas páginas policiais onde negros criminosos são apontados como “monstros” e “bestas-feras”, termos que apontam para uma animalização do sujeito. Paralelamente, o tratamento dado a crimes cometidos por elites brancas são vistos com estarecimento e incompreensão, já que não haveria motivo para serem criminosos, pois viriam de “famílias de bem”.

3.3. A Normalidade da Escravidão

Na história brasileira o negro entra como força de trabalho nas lavouras da colônia. Outras formas de escravidão existiam em diversas culturas, mas nunca antes nem depois, foi feita de forma tão sistemática um tráfico de mão de obra escrava de tal porte. Estima-se que antes do início do tráfico português a população africana estava em torno de 600 milhões de habitantes, esta foi reduzida a aproximadamente 150 milhões em 1930, somente retornado aos parâmetros populacionais originais na década de 90 do século XX. A parcela deste grupo que chegou como escrava em terras brasileiras estima-se ao todo cerca de 4 a 5 milhões de escravos.

O Rio de Janeiro, sendo a capital do vice-reino do Brasil e do Império ao longo dos séculos XVIII e XIX, tornou-se uma das principais cidades do mundo com forte presença de escravos trazidos da África. Em 1849, 43% da população carioca era denominada “preta”.

As estratégias para uso do negro como máquina de trabalho foram as mais diversas, desde a imposição religiosa, à fragmentação dos vínculos familiares. Foram mais de 300 anos de tráfico sistemático (e oficial) de negros através do Atlântico.

Na vida colonial, para alguns donos de terra, a imposição do trabalho escravo determinava uma previsão de vida útil de cerca de um ano para um escravo, após isto tais vidas eram descartáveis. Esta, porém não foi a única forma de dominação. De modo afável o português é apontado por alguns autores, como tendendo para a mistura e devido a isto foi comum o uso de mulheres negras para satisfação sexual no colonizador. É difícil supor de forma plena a forma em que tais encontros “afáveis” se deram.

De outro lado havia também a imposição pela colonização da “alma”. Na imposição de uma nova fé, os anjos gordos e de traços portugueses eram mostrados nas igrejas como exemplos dos rostos divinos,. Diversas forma as estratégias de resistência do negro a esta imposição.

Com o fim da instituição formalizada de escravos negros, foram proibidas a vinda de novos negros africanos para estas terras. Segundo o Decreto Nº 528 - de 28 de junho de 1890, ficava proibida a vida de negros africanos e amarelos para o Brasil. Eram permitidos apenas europeus. Após 4 anos os amarelos foram absolvidos da proibição.

Este sangue negro deveria ser estancado destas terras. Um novo sangue, branco e puro, nos lavaria destas “máculas” nos levando á civilização. Nos anos seguintes se daria a transposição de levadas de imigrantes europeus para substituir a mão de obra negra, ainda hoje celebradas através de programas de TV que exaltam a beleza de festas e folguedos das localidades de fixação destes migrantes e sua contribuição para a cultura brasileira.

Os atabaques ressoam nas ruas do pelourinho na Bahia, no Rio de Janeiro com o Carnaval, e algumas outras festas típicas do nordeste. Nestes lugares é permitido o exótico do cabelo e das cores de África, como exótico, importante arma para atrair turistas do Brasil e do mundo. A cultura trazida pelos negros ainda é posta em dúvida por alguns e, quando incluída, o é pelo viés do exotismo. Ainda estrangeiros e diferentes, apesar dos cinco séculos de presença em nosso país.

Este projeto deixou marcas profundas em nossa história, em especial aos negros ensinados a rejeitar seu próprio rosto. Algumas afirmações que fazem parte dos ditos populares têm raízes em aprendizados advindos de dores de feridas nunca cicatrizadas. A mulher de “*ventre limpo*”, por ter gerado filho mais claro do que ela é admirada, pois pôde “*limpar o sangue da família*” através de filhos mais claros; aos meninos negros travessos é citada a sentença: “*quando deus marca não é à toa*”.

A sonhada harmonia racial se impõe como verdade para um país que não teve como escapar de sua história de indesejada mistura. O descompasso entre desejo e realidade o entanto ainda transforma o recalque em sintoma. A rejeição ao negro, a responsabilização por boa parte dos males do país foi abertamente declarada por alguns. Figuras como Renato Khel, Leonídio Ribeiro e Monteiro Lobato são emblemáticas neste sentido.

No romance de ficção científica de Monteiro Lobato, *O Presidente Negro* (originalmente denominado *O Choque das Raças ou O Presidente Negro*, e posteriormente, *O Presidente Negro ou O Choque das Raças: romance americano do ano 2228*), escrito em 1926, temas como eugenia e uma aberta aversão a negros são o eixo central da trama. Lobato escreve o livro em uma tentativa de adentrar no mercado americano, tentativa esta que fracassa conforme ele mesmo afirma em uma carta escrita em 5 de setembro de 1927 a Godofredo Rangel:

Meu romance não encontra editor. Falhou a Tupy Company. Acham-no ofensivo à dignidade americana, visto admitir que depois de tanto séculos de progresso moral possa este povo, coletivamente, cometer a sangue frio o belo crime que sugeri. Errei vindo cá tão verde. Devia ter vindo no tempo em que eles linchavam os negros. (cit. In Revista Piauí, 25, agosto de 2008)

O “belo crime” sugerido por Lobato no livro se encontra no final da trama. No ano de 2228, após o impacto da vitória de um negro para a presidência dos Estados Unidos, há toda uma percepção de atos que deveriam ser feitos para evitar tal fato. Há uma aberta defesa da eugenia para evitar a sociedade encher-se de “*perigosíssimos bubões infecciosos*”, através do controle de natalidade negra. Por fim, leis são aprovadas “*na direção de incluir entre as taras que implicam a esterilização o pigmento negro camuflado*”. Vamos a um trecho do livro:

A raça branca autoriza o governo americano a lançar mãos dos recursos que julgar convenientes para a execução desta sentença suprema e inapelável."(...) Adotado esse maravilhoso processo, operou-se a esterilização dos homens pigmentados pelo único meio talvez em condições de não acarretar para o país um desastre. O problema negro da America está pois resolvido da melhor forma para a raça superior, detentora do cetro supremo da realeza humana" (...) Pela primeira vez na vida dos povos realizava-se uma operação cirúrgica de tamanha envergadura. O frio bisturi de um grupo humano fizera a ablação do futuro de um outro grupo de cento e oito milhões sem que o paciente nada percebesse. (...)

(...) O desfecho do drama racial da America comoveu-me profundamente. Não ter futuro, acabar... Que torturante a sensação dessa massa de cem milhões de criaturas assim amputadas do seu porvir! Por outro lado, que maravilhoso surto não ia ter na America o homem branco, a expandir-se libérrimo na sua Canãa prodigiosa! (LOBATO, 1955 p. 323)

Mas este não era o único ponto de vista. Até hoje é paradigmática a obra de Gilberto Freyre. Leitura indispensável para entender nosso país, Gilberto Freyre mostrou para o Brasil e o mundo diversos aspectos de nossa singularidade e da ambiguidade da mistura racial colonial. Freyre positivava nossa história de mistura racial. Destacava a diferente estratégia da colonização portuguesa, em face de outros estilos de colonização como a inglesa ou francesa, que demarcavam a não mistura.

Mas também ele estava imerso na ambiguidade.

Para fazer sua defesa de nossa singularidade propõe uma relação senhor escravo atravessada pela afetividade e sexualidade. O português, senhor das terras, não pode resistir aos encantos sexuais de negras e mulatas e índias, para delas servir-se. Gradativamente vai relatando um ângulo novo sobre nossa história, porém ainda a partir do olhar dos vencedores. Relações de dominação e

abusos por parte dos senhores de terra e colonizadores agora podiam ser entendidos como consentidos e até desejados por mulheres escravas, visas como seres quase que exclusivamente motivados pelo desejo sexual. O português mostrado por Freyre é o senhor das terras, quase onipotente, concedendo até mesmo á igreja seu direito de permanência em suas terras. A ele tudo era possível, integrando a si o negro como extensão sua:

De um senhor de engenho pernambucano conta a tradição que não dispensava a mão do negro nem para os detalhes mais íntimos da toailete; e de ilustre titular do Império refere Von den Stein, que uma escrava é que lhe acendia os charutos passando-os já acesos á boca do velho. As aos do senhor só servindo para desfiar o rosário do terço da Virgem; para pegar as cartas de jogar; para tirar o rapé das bocetas ou dos corrimboques para agradas, apalpar, amolengar os peitos das negrinhas, das mulatas, das escravas bonitas dos seus harens. (FREYRE, 2003, p 517)

No entanto é difícil supor de modo pleno a forma em que tais encontros “afáveis” se deram. A possibilidade da não aceitação de tais “carinhos” incluía castigos e humilhações ainda maiores.

Em que pese a visão positiva de Freyre das relações que se davam entre senhor e escravo há o grande risco da história estar sendo apenas percebida pelo ângulo dos vencedores. Freyre, no entanto, apresentou seu olhar que ainda hoje é a versão hegemônica de nosso país, exaltada por intelectuais e mesmo por negros. Em um samba da escola de samba Estação Primeira de Mangueira, de 1962, cujo tema foi a Obra de Gilberto Freyre, entoava:

*Pretos escravos e senhores
Pelo mesmo ideal irmanados
A desbravar
Os vastos rincões
Não conquistados
Procurando evoluir...*

Vidas consumidas e caladas, no entanto ecoam no subsolo do Mercado Modelo, nos pelourinhos que transformavam o castigo ao escravo em espetáculo, e ainda ecoa nos riachos que cortam a baixada fluminense carregando os corpos executados que ninguém quer saber quem são por serem negros. E as nuances da história não deixam de existir por decreto:

Muito terá que ocultar a História, dama de véus rosados, beijadora dos que vencem. Bancará a distraída ou ficará doente de amnésia; mentirá que foram mansos e resignados, talvez até felizes, os escravos negros do Brasil. (...) Na Nigéria ou no Daomé, os tambores pedem fecundidade pra as mulheres e as terras. Aqui, não. Aqui as mulheres geram escravos e as terras os aniquilam. Aqui, os deuses agrários cedem o passo aos deuses guerreiros. Os tambores não pedem fecundidade, pedem vingança; Ogum, o deus do ferro, afia punhais, e não enxadas. (GALEANO 2010, p.60)

Preconceitos pela cultura, pela origem, mas em especial pela cor da pele ainda são usados em nosso dia a dia. Apesar dos esforços em negar o desejo de afastamento do negro, eles ainda insistem porem negados. Apesar de toda construção hegemônica, há ferramentas que têm permitido enxergar de mais perto estes rostos esquecidos da história.

O uso do termo “racismo” é comum quando nos propomos a pensar em genocídio. Racismo, genocídio, rejeição, preconceito, são termos usados de forma muito próxima e igualmente ambígua. Há uma *maior* dificuldade de conceituação daquilo que se deseja negado e esta dificuldade aponta como sintoma de sua presença.

4. A Metodologia: Pesando a fumaça que se espalha no ar. Andando nas ruas, olhando nos olhos, escutando a alegria e a dor das cores

*Cuidado com o Caveirão
Tire a criança daí
Não deixe ela ver isso não
Ela não merece ver isso, não
(...) A justiça de Jah chegará
Ela tarda pra não falhar
A justiça de Jah chegará
A todo povo pobre da favela
(Eu Vejo – Ponto de Equilíbrio)*

Pensar o que se produz no cotidiano não é tarefa simples. A forma de pensamento produzido como saber formal tende a buscar uma base de materialidade como *prova da verdade* de um enunciado seguindo o modelo *fisicalista* de ciência. Óbvio, não há discurso neutro e esta escolha determinou também uma imposição de verdade onde os modelos ideais e as formas de olhar a materialidade das coisas.

Pensar os acontecimentos como construção nos permite deslocar o olhar para entender o que aparentemente é contraditório e casual. E, se casual, tende-se a pensar o acontecido como natural.

A cena é complexa e impalpável e a dificuldade da tarefa é óbvia. Como falar do cotidiano que se espalha como fumaça no ar, dentro de uma forma acadêmica que geralmente pode lidar apenas com as cinzas, com aquilo que sobre de registro do que se deu na vida? A proposta nesta pesquisa é captar a fumaça que se produz naquilo que se gasta no cotidiano e, poucas vezes, deixa registros concretos.

O tema é atravessado por tabus e interdições: é permitido e de “bom tom” reconhecer a existência do racismo, mas não é de “bom tom” identificar onde este se situa. O exemplo recente das polêmicas em torno dos escritos de Monteiro Lobato apontam nesta direção. Apesar de Lobato defender abertamente a esterilização de negros para a formação de um paraíso ariano no livro *O Presidente Negro*, ainda assim houve reações indignadas em defesa do não racismo deste autor. O alardeado livro *Não Somos Racistas* de Ali Kamel,

diretor da Central de Jornalismo da Rede Globo, é mais um capítulo da longa história de negação dos efeitos da rejeição do negro em nosso país, quase sempre contada apenas do ponto de vista do grupo dominante.

Como o discurso é interdito a ferramenta utilizada nesta pesquisa será a captura dos *restos discursivos* e performáticos em relação ao negro. A ideia da *coleção de restos* não aponta para a direção de buscar o que é subterrâneo, mas sim o que trasborda do controle discurso que diz que não somos racistas apesar dos efeitos palpáveis deste racismo. Em outras palavras: a contradição do discurso acerca de nós mesmos é o ponto de partida para pensar as contradições entre o discurso e o fazer das práticas cotidianas em relação á questão racial. A hipótese é que neste *entre* se encontre o consentimento silencioso e sistemático, negado mas colaborativo, do extermínio de negros, como ponto final de uma série de gradações de rejeições estéticas, étnicas e culturais que constituem nossos ideais civilizatórios.

Como medir o que foi e é vivido? O registro histórico consegue registrar os fatos depois de acontecidos, porém quase sempre como se fossem os restos do fogo da experiência acontecida. Das emoções, do sofrimento, da dor e das angústias do vivido talvez pouco reste. Mas seria possível captar o vivido?

Uma pista nos é dada no filme "Cortina de Fumaça" do diretor Wayne Wang, escrito por Paul Auster, que traz diversas referencias a obra de Walter Benjamin, em 1995. Logo na abertura do filme é apresentada uma história creditada a *Sir Walter Raleigh*, que além de personagem histórico da colonização americana pelos ingleses, era um inveterado fumante de tabaco. Segundo relato do personagem Paul Benjamin (sobrenome não escolhido ao acaso), representado pelo ator Willian Hurt, certa vez, Sir Walter teria feito uma aposta na qual teria provar que a fumaça possui peso:

- *“Admito que é bem estranho. Seria como pesar a alma de uma pessoa. Mas Sir Walter era um cara esperto. Primeiro ele pegou um cigarro novo, o colocou na balança e o pesou. Depois ele o acendeu, e fumou o cigarro batendo as cinzas cuidadosamente dentro do prato da balança. Quando terminou, ele pôs a bagana dentro do prato da balança junto com as cinzas, e pesou tudo o que tinha ali. Então ele subtraiu do número o peso do cigarro novo, sem ser fumado. A diferença era o peso da fumaça.”*

Ainda em *Cortina de Fumaça*, no desenrolar da história, vamos aprendendo com os personagens a importância de olhar de um modo "certo" e na velocidade "certa" para poder captar a vida que pulsa ali, na minha frente. O álbum de fotografias precisa ser visto sem pressa para entender que o que é aparentemente a mesma imagem não é a mesma coisa. Faz-se necessário reaprender a olhar, reaprender, reavaliar, pensar.

A História, como campo do conhecimento formalmente instituído, acaba por lidar com as cinzas do que foi vivido. A vida inclui tudo: as vidas sem registro, os afetos, os amores, decepções e medos, apesar de insistência pela busca de provas históricas, escritos oficiais, fatos, personalidades importantes. O que restou do que foi vivido são apenas cinzas, restos do que se queimou no contato com o cotidiano.

Walter Benjamin aparece ao longo da história como uma espécie de onipresença, nos gestos, nas tramas, nos sonhos dos personagens. Benjamin se torna um autor que trouxe imensas possibilidades de entender a história por outro viés, que não o do olhar cristalizado:

Há uma concepção de história que, confiando na eternidade do tempo, só distingue o ritmo dos homens e das épocas que rígida ou lentamente correm na esteira do progresso. A isso corresponde a ausência de nexos, a falta de precisão e de rigor na exigência que ela coloca em relação ao presente. (BENJAMIN, 1984, p. 31)

Benjamin vai, gradativamente, propondo um questionamento que leva a repensar a nossa experiência enquanto seres vivos e também enquanto possíveis narradores da história de nosso tempo. Nos convoca a um rigor maior de nossa produção de conhecimento. Somos chamados a pensar "a história a contrapelo", pensar nas narrativas, nascidas do encontro, perdidas pela velocidade do progresso e da frieza de tecnologia. Isso nos leva a uma missão quase impossível para nossa subjetividade narcísica conectada passivamente a uma tecnologia que lhe dá a simulação da onipotência. Nosso tempo nos remete à posse, ao consumo, ao ter, à busca solitária de histórias incomunicadas. Estas,

de tão particulares, vão perdendo a possibilidade de comunicabilidade. Na contramão Benjamin resgata a figura do narrador:

A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos. (BENJAMIN, 1987. p. 128)

Narradores anônimos... Quem seriam os narradores anônimos de nossa história? Como pensar na vida daqueles que aparentemente ficaram invisíveis na história?

A ferramenta para esta apreensão é a proposta metodológica de *bricolegem* vida urbana, na cidade do Rio de Janeiro. Na conceituação trazida por LEVI-STRAUSS, no original da palavra *bricolagem* significa “movimento de ir e vir”, “uma reparação provisória”, “aproximativa”, “trabalho manual de reaproveitamento de objetos”. A pesquisa se direcionará, portanto para uma coleção de restos urbanos.

Kincheloe (2004a) defende uma nova dimensão do conceito de bricolage, mais ajustada à pesquisa dentro da dinâmica de um mundo complexo, aprofundando então, de certa forma, o conceito lévi-straussiano. O centro desta nova concepção de bricolage é a interdisciplinaridade, que proporciona numerosos contextos para a pesquisa. Kincheloe (2001) afirma que hoje não é mais possível enxergar os fenômenos sociais fora de sua complexidade. Em qualquer fenômeno social existe uma diversidade de fatores atuando. Desta forma, é necessário um novo processo de pesquisa social, e a bricolage se torna uma opção metodológica viável, conectando teorias, metodologias, pesquisador e contexto da pesquisa. (RAMPAZO e ICHIKAW, 2009)

Esta escolha não remete a uma imprecisão da pesquisa. A complexidade do objeto exige sim uma maior complexidade de pontos de vista, ângulos de análise e testemunhas do acontecimento. O acontecimento, negado pelos sentimentos de estar adentrando em uma temática tabu, tem dificuldades de verbalização. Para isso buscam-se então indícios que possam dar sentido ao que está proibido de aparecer explicitamente no discurso.

Ao se empenhar em produzir uma “descrição densa”, o pesquisador irá se deparar com regularidades, mas também com incongruências, paradoxos, ambivalências, ambiguidades, opacidades, impurezas, transgressões, traições, etc. Padrões

monológicos de compreensão da realidade e da pesquisa não alcançam essa complexidade do mundo humano. (MACEDO e PIMENTEL, 2009, p. 119)

Outra ferramenta que se articula à primeira é a Antropologia Visual de CANEVACCI (1993), através da qual pretendo captar os signos deixados no espaço urbanos, símbolos deste desejo de separação. Para isto os percursos podem ser muitos, desde os muros construídos ao redor de algumas favelas da cidade à assepsia de veludo dos shoppings da Barra da Tijuca. Assim, é de fato um percurso que remete às *margens* para falar dos efeitos do *centro*. É também necessário falar do cenário para chegar aos atores da cena.

Walter Benjamin e Michel de Certeau são autores que vão apresentar estratégias de compreensão do cotidiano e de seus efeitos. Estas ferramentas por sua vez são atravessadas pelo olhar interpretativo de caráter analítico. As contradições discursivas, os desejos verbalmente velados, mas manifestos, os atos falhos, os sintomas, capturados através da análise discursiva (de jornais, revistas noticiários televisivos e diálogos cotidianos) são material constituinte de todo o percurso aqui realizado.

O pesquisador *bricoleur* busca, através da interdisciplinaridade e deste *equilíbrio instável*, realizar a costura entre fragmentos múltiplos para dar conta de um objeto que de outro modo é apenas parcialmente apreendido. A compreensão através dos fragmentos aponta para uma estratégia possível de captura da experiência humana vivida, desde seus aspectos constitutivos da subjetividade, que se dá de forma complexa.

Os efeitos do racismo, bem como de outras práticas de segregação estética e cultural, acabam por se manifestar através de sinais não verbais (BORDIEU, 2002). Assim, a presente pesquisa pretende colaborar na compreensão de fenômenos complexos como o racismo, abrindo as portas de comunicação com o que foi excluído, deixando este falar, tomando como testemunhas objetos e sujeitos que seriam restos e lixo apenas. Há fenômenos que podem contar outra história a partir de seu registro, uma história que respiramos e que pouco conhecemos (ou pouco desejamos conhecer de fato). Processo e complexidade são, no entanto, aspectos fundamentais para a vida.

Este percurso vivencial será aqui apresentado a partir do que for apreendido do campo pesquisado. Aqui aparecem os relatos, percursos e diálogos que possam trazer aspectos da relação dos sujeitos na vida urbana da região metropolitana do Rio de Janeiro hoje. A partir desta análise será feito um retorno à conceituação de genocídio para pensar sua relação com o que é ocorre hoje nesta região.

Estes fragmentos serão trazidos através do registro de cenas e discursos que possam apontar para esta tensão entre o desejo e o discurso, em relação à discriminação de marca racial ou étnica, bem como a prática do consentimento da eliminação destes.

Este desejo de eliminação e os efeitos deste desejo, no entanto, não são abstratos ou incorpóreos. São feitos de carne e dor de muitos. Estas marcas podem produzir efeitos ao longo de vidas inteiras sem conseguirem uma verbalização que permita seu manejo por um outro percurso, permitindo outras possibilidades de vida daqueles que sofrem os efeitos do racismo, e também daqueles que o promovem. A morte produzida pela rejeição e segregação não começa na eliminação da carne. Por isso, ao apresentarmos o conceito de genocídio, apontamos para a necessidade de sua leitura atenta, pois o genocídio inclui a produção de pequenas mortes anteriores ao extermínio direcionado para um grupo social.

Estas pequenas mortes em relação ao negro em nossa sociedade brasileira têm deixado marcas na cultura de modo persistente, dado que ainda em nossa história não foram ainda enfrentadas e, quase sempre, nem mesmo reconhecidas. A morte por parte de grupos de extermínio, pela polícia, pelo descaso no atendimento médico, por exemplo, a esta população, nasce antes na ausência de reflexão, na invisibilização do problema e no silenciamento da dor.

A psicologia ainda tem pouca coisa dita sobre isto nestas terras, com muito ainda por dizer. O tema é tabu ainda enquanto abordagem clínica de escuta desta dor e deste sofrimento. A produção teórica é escassa e não faz parte ainda da formação acadêmica em psicologia embora mais da metade da população brasileira seja composta de negros e pardos.

Há, apesar de um silêncio quase hegemônico, algumas referências importantes no campo da psicologia que podem nos ajudar a entender este processo de vivência do preconceito e seus efeitos.

No Brasil é impossível falar da questão do negro em Psicologia sem citar Neuza Santos Souza. O Livro *Tornar-se Negro*, escrito em 1983 é ainda a mais importante referência neste campo para pensar os efeitos do racismo e as estratégias de seu enfrentamento através da vida psíquica.

Para a autora:

A reação do pensamento negro frente a violência do ideal branco não é uma resposta ao desprazer da frustração, elemento periférico do conflito, mas uma réplica á dor. O sujeito negro diante da ‘ferida’ que é a representação de sua imagem corporal tenta, sobretudo, cicatrizar o que sangra. (SOUZA, 1983, p. 11)

Esta reflexão destaca a o impacto da dominação cultural de padrões estéticos e culturais brancos. A negação da cor passa a ser evidente nas ruas de nossa cidade se estamos atentos aos processos de dor e exigência de embranquecimento que recai sobre negros e, em especial, sobre mulheres negras.

O que é verbalizado pela cultura fala de mestiçagem e harmonia racial no Brasil, discurso muito ligado a uma vertente histórica, religiosa e quando mais racionalizada, geralmente influenciada pelo pensamento de Gilberto Freire. Nosso mito de nação sem problemas e conflitos, “abençoada por Deus e bonita por natureza”, não se encaixa na realidade de um país de imensas desigualdades com práticas instituídas desde sua fundação de praticas de arbitrariedade com seu próprio povo, sendo condescendente com uma violência que nasce no pelourinho no centro das cidades coloniais e segue até a vontade homicida de parte de sua população expressa com naturalidade nas páginas eletrônicas das redes sociais. Temos este sonho sobre nós mesmos.

Freud, em *A Interpretação dos Sonhos* nos ajuda a entender a forma em que estas imagens se apresentam e poderiam ser analisadas:

Então o paciente relatou um sonho e devemos interpretá-lo. Ouvimos calmamente, sem ativar nossa reflexão. Que fazer em seguida? Resolver nos ocupar o mínimo possível do que acabamos de ouvir, do sonho manifesto. Sem dúvida, este sonho manifesto exhibe todo tipo de característica que não é totalmente indiferente para nós. Pode ser coerente, polidamente composto feito

uma criação poética, ou incompreensivelmente confuso, quase como um delírio; pode ter elementos absurdos ou gracejos e conclusões aparentemente espirituosas, pode parecer claro e bem definido para quem sonha, ou turvo e borrado; suas imagens terão a plena força sensorial das percepções ou serão vagas como uma névoa indistinta, as mais diversas características podem se achar no mesmo sonho, distribuídas em lugares diferentes; o sonho pode, enfim, apresentar um tom emocional indiferente ou ser acompanhado das sensações mais alegres ou mais dolorosas - não pensem que desdenhamos essa infinita diversidade do sonho manifesto, depois retornaremos a ela e encontraremos muita coisa útil para a interpretação, mas agora vamos ignorá-la e tomar a via principal que leva à interpretação. Ou seja, pedimos ao sonhador que também se liberte da impressão do sonho manifesto, que tire sua atenção do conjunto e a dirija para os elementos do conteúdo do sonho, e nos comunique o que lhe ocorre a respeito de cada um desses elementos, um após o outro, que associações lhe vêm quando os examina separadamente. Uma técnica singular, não é verdade? Não é o modo tradicional de lidar com uma comunicação ou manifestação. (FREUD [1933], 2000. p.96.)

O sonho verbalizado não fala do sentido do sonho. É importante entender isso quando pensamos um tema tão interdito quando o de nossas perversões históricas que na prática atua na eliminação de negros, ao mesmo tempo em que argumentamos que tal não acontece, e a prova seria que temos “amigos negros”.

Outra referência importante para pensar o tema é Franz Fanon, considerado um marco fundamental sobre o tema de enfrentamento do racismo. Apesar de pouco conhecido foi um dos primeiros a escrever sobre o tema em pleno auge das teorias raciais. Em *Pele Negra Máscaras Brancas* o autor fala de forma vivencial seu processo de enfrentamento do racismo em que vivia. A sua leitura nos trás o contato com as dores e dificuldades de ser negro em um mundo onde é sempre apontado como inferior.

Fanon destaca também prováveis marcas neuróticas do negro no contato com a cultura branca. Embora tenhamos que ressaltar que a época de Fanon os limites racistas eram mais nítidos, podemos dizer que tais marcas são distantes de nós?

Ainda que esteja aqui falando de dor, é possível falar de vida meio à dor. Tentarei seguir estas pistas que falam de vida. Por mais opressivo que pareça o tema, no entanto a vida insiste e existe como bem aponta Fanon:

Apesar de tudo, recuso com todas as minhas forças esta amputação. Sinto-me uma alma tão vasta quanto o mundo, verdadeiramente uma alma profunda como o mais profundo dos rios, meu peito tendo uma potência de expansão infinita. Eu

sou dádiva, mas me recomendam a humildade dos enfermos... Ontem, abrindo os olhos ao mundo, vi o céu se contorcer de lado a lado. Quis me levantar, mas um silêncio sem vísceras atirou sobre mim suas asas paralisadas. Irresponsável, a cavalo entre o Nada e o Infinito, comecei a chorar. (FANON, 2008, p.126)

No entanto este misto de dor e silenciamento aparecem de forma nítida em relatos de diversas autoras, nem sempre de forma “científica” de um texto acadêmico. Aparece na vivência passada através de relatos que ficam esparsos, mas não menos dolorosos por isso.

(...) as transformações em curso na contemporaneidade vêm conferindo limites à racionalidade científica positivista. Silva (1996), entre tantos outros, vai afirmar que a ciência não é a solução para os problemas do mundo, pelo contrário, pertence ao problema, pois também se trata de um discurso. Em tempos pós-modernos, o questionamento da ciência abre espaço para aceitação de outros referenciais para a explicação do mundo, quer seja pelas mudanças nos critérios e procedimentos empregados na sua produção ou pelo reconhecimento da validade de outros discursos como a religião, mitologia e senso comum. (NEIRA e LIPPI, 2012, p. 608.)

Na compreensão dos relatos tomamos como percepção da dor a noção de *trauma* em psicanálise. A psicanálise nasce como uma teoria do trauma, no resgate da memória de um fato desencadeante do sintoma na histeria. No decorrer do desenvolvimento da teoria psicanalítica por Freud, chega à noção de que o que é recordado na neurose, não são os acontecimentos ou fatos em si, e sim sua transformação e seu processamento psíquico (BOHLEBER, 2007. p. 156).

Na neurose traumática, o trauma se impõe continuamente ao sujeito, em especial na elaboração no sonho, refazendo a cena traumática. O *trauma* produz-se em uma situação de violência que imponha a possibilidade da morte do eu, de um excesso insuportável (JAQUES, 2012. p. 16), aparecendo ligado á angústia. Freud pensou a neurose traumática a partir da realidade da I Guerra Mundial, chegando a apontar a semelhança de características da neurose de guerra. Mas aqui, quase um século depois, creio que podemos incluir a vivência do sofrimento e ameaça à vida produzida nas manifestações de ódio e de rejeição de base racial.

O caráter destrutivo do racismo prepara o campo para a aceitação social do extermínio e, para a vítima, a aceitação do lugar de matável. Junia de Vilhena traz importantes colaborações para esta compreensão:

Qualquer sinal de diferença, de risco de não satisfação, de não reconhecimento pode reconduzir à experiência do desamparo primordial e aos becos sombrios e tenebrosos da violência contra o outro que nos ameaça. Em outras palavras, a ampliação dos mecanismos narcísicos potencializa os mecanismos de impotência e desamparo constitutivos do sujeito, dificultando as práticas de solidariedade social. Seus efeitos acentuam as reações de segregação, o antagonismo e o ódio em relação ao diferente, tornando maiores e insuportáveis as pequenas diferenças entre o sujeito e o outro. (VILHENA, 2006 pg 400)

A percepção de dadas situações em um ambiente de predominância de um pensamento individualizante, socialmente construído, dificulta a transmissão do sofrimento. Este leva à sensação de ilusão, e a percepção de dada realidade passa a ser vivida como sofrimento, por isso deve ser evitada. Passa a ter a experiência de ser um ego desamparado.

Aqui chegamos ao ponto de mudança, onde a vivência historicamente vivida de sofrimento pelo preconceito se transforma em ato, e se torna parte integrante do sujeito.

Talvez o leitor diga: “não é assim... há um exagero...”

Se o leitor acompanhou até aqui estas reflexões, seja bem vindo ao capítulo final, ou talvez inicial, para muitas outras histórias. Vamos acompanhar as cenas e histórias do Rio de Janeiro hoje. E estamos longe de um exagero.

5. Transitando nos territórios de produção da morte

*Testemunha da carnificina em baixo da chuva de tiro
 Amor impossível, diabo guia o destino
 Me põem no latrocínio da puta de conversível
 Pro porco de farda me abatê igual um rato
 Troca meu corpo decapitado por um abono no salário*
Facção Central - SP Auschwitz
(Direto do Campo de Extermínio)

O percurso territorial desta tese corta o Rio de Janeiro através de dois extremos: da Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro à Baixada Fluminense.

Marcada ainda hoje por histórias de violência e corrupção política, bem como pela proximidade com atos ilícitos promovidos por autoridades, a Baixada Fluminense como a conhecemos, nasce de uma relação íntima com os projetos de idealização da capital e segregação social.

A escolha deste percurso não é aleatória. Segue o percurso do deslocamento dos pobres e negros de acordo com os planejamentos urbanos pelo qual passou a cidade. Aponta também para mundos muito diferentes dentro da *cidade partida*. Em uma extremidade, o acesso fácil à segurança pública e na outra, o abandono.

A Baixada Fluminense é um imenso campo de concentração sem arame farpado. Ali, 2.500 pessoas são assassinadas por ano, à razão de cinco a seis por dia. A média – 76 assassinatos por 100 mil habitantes – é bem superior ao número de homicídios (50 por 100 mil habitantes) que caracteriza, conforme os padrões da ONU, regiões conflagradas pela guerra. A Baixada se situa a oeste da cidade do Rio de Janeiro e é formada por oito municípios: Duque de Caxias, Belford Roxo, Mesquita, São João de Meriti, Nilópolis, Nova Iguaçu, Queimados e Japeri. Sua população tem sofrido, de forma crônica, com a violência desmedida, sem esperança de que a matança chegue um dia ao fim (ALVES, 2007).

A matança tem insistido. A construção desta tem acontecido quase sempre através de estratégias de invisibilização do problema. A produção de silêncio acaba por produzir isolamento e a *não expressão* (SÉMELIN, 2009. p.144). A conformação do sujeito acaba sendo uma das condições de integração social. No entanto falar sobre um tema tabu exige o enfrentamento deste silêncio. Por isso vamos lá.

5.1. A Desvalorização pela Imagem

O lugar do negro na sociedade carioca tem conexões inevitáveis com territórios mais amplos. Os atravessamentos de discursos desenham uma especificidade local precisa ser entendida em suas conexões mais amplas. A imposição de uma imagem desqualificante do negro tem raízes na história conforme já vimos, mas se reatualiza nas estratégias de marketing, no padrão de beleza e na construção do negro como suspeito de atos criminosos por si.

Estes padrões de preconceito aparecem das mais diversas formas, por vezes de forma evidente.

Uma cartilha distribuída na década de 90 pelo Ministério Público do Rio de Janeiro traz alguns destes aspectos. A cartilha feita para crianças e público em geral, de forma a ser acessível a um amplo público, é bastante didática em seu propósito. Um menino é o porta-voz da orientação acerca da justiça brasileira. De nome *Brilhante*, o menino loiro explica questões difíceis da relação dos cidadãos com a justiça. Ao ser inquirido pela pergunta “Por que só os pobres vão para a cadeia?” ele responde apontando o pobre como mais propenso ao crime pelas condições sociais. No desenho, o pobre é negro, e representa também a imagem do criminoso.



Figura 7 - Cartilha do Ministério Público sobre funcionamento da Justiça

A cartilha também apontava para a naturalização do negro no lugar do crime, quando o representa sendo torturado por um carrasco de capuz, veementemente repreendido pelo menino. Também na representação da fé, quando fala da liberdade religiosa, o negro se situa apenas na religião da

umbanda. Vale notar a invisibilidade do candomblé, apesar da representação de vestimenta do candomblé como “umbanda”.



Figura 8 - Continuação da Cartilha sobre a Justiça

O evidente preconceito exigiu novas edições da cartilha, sem a mesma divulgação e alcance. Na 4ª edição da cartilha, em 1996, o menino não era mais louro, seu cabelo era verde, e foi feita uma maior mescla de cores nos diversos papéis dos personagens da cartilha. A solução “neutra” do menino de cabelos verdes não solucionou o imenso alcance da primeira cartilha, distribuída como encarte de um jornal de domingo.

Esta construção da imagem do negro também foi reatualizada em um curso de atualização para policiais das Delegacias Legais no ano de 2008. Neste curso, feito para ser cursado de forma eletrônica, o policial é ensinado a diferenciar o usuário de entorpecentes de um traficante. Na imagem o traficante é negro e o usuário branco.



Figura 9 - Curso Delegacia Legal, 2008

O curso chegou a ser utilizado por seis anos antes de ser notícia de primeira página no jornal EXTRA de 22 de setembro de 2008. Diante da denúncia do jornal, o subchefe da Polícia Civil, delegado Ricardo Martins, dá uma curiosa avaliação:

- “É algo que pode ter passado despercebido. Até porque, as coisas hoje estão se invertendo. Minha primeira atitude amanhã (hoje) será ver o que aconteceu. Seria melhor não usarmos imagem nenhuma - disse ele”. (COELHO, 2008)

A naturalização de lugares diferentes tem sido mais evidente por conta do despertar de interesse no negro brasileiro como consumidor. Esta é uma mudança recente, em termos da economia do país. E novas formas de busca deste consumidor tem parecido. O negro antes ausente de toda publicidade agora começa a aparecer. Ainda de forma bastante questionável, aparece sempre em um lugar marcadamente diferente de outros consumidores.

Um exemplo mais sutil aparece na publicidade do curso de inglês *You Move*. A publicidade maciça do novo curso se deu a partir de janeiro de 2010. Surpreendendo o mercado o *You Move* estampou, em sua divulgação feita em estações do metrô e ônibus das linhas que passavam pela Avenida Brasil, dois dos mais importantes atores negros da atualidade, protagonistas de papéis importantes nas principais novelas da TV.

No entanto no sítio eletrônico do curso, somos remetidos a um outro importante curso de inglês, que é o *Wise Up*. *Wise Up* e *You Move* são empresas que fazem parte da *holding* Ometz Group, focando públicos diferenciados. *You Move* tem um enfoque publicitário enfatizando ser um curso que “todos” podem fazer, utilizando humor e atores negros. Segundo o informativo dado no lançamento da campanha publicitária com Lázaro Ramos e Tais Araújo, em janeiro de 2010, consta na página do curso:

“A *You Move* é uma marca para uma **categoria deficiente da sociedade**, assim como a competição paraolímpica é destinada aos deficientes físicos”, disse Marcos Malafaia.⁸

⁸ <http://www.youmove.com.br/pt/noticias/5> Acesso em 20 de outubro de 2011



Figura 10 - Publicidade do Curso de Inglês *You Move* (Lázaro Ramos)



Figura 11 - Publicidade do Curso *You Move* (Lázaro Ramos e Taís Araújo)

O braço mais forte da *holding* no curso de línguas é o *WiseUp*, que, este sim, promete fluência na língua, além de oferecer outros cursos de ponta como o *Wiseup Offshore*, para profissionais de plataformas de Petróleo e o *Wise4U* para aprendizado Via Satélite. Toda a publicidade mostra apenas modelos considerados brancos e com o ator Rodrigo Santoro, que possui experiência como ator internacional.



Figura 12- Publicidades do Curso *WiseUp*

A inclusão do negro como sendo um integrante da sociedade que vale menos também parece nas ações infantilizantes e paternalistas de Organizações-Não Governamentais.

Podemos tomar como exemplo a ONG Terra dos Homens, uma instituição internacional que tem atuado no Brasil desde os anos 90. Em 2003 é certificada como utilidade pública federal e em 2006 é declarada utilidade pública estadual no Rio de Janeiro. Tem atingido um grande público atuando também na capacitação de equipes de profissionais de assistência da esfera pública, recebendo para isso financiamento do estado brasileiro.

Seu site enfatiza o trabalho com os grupos considerados de maior vulnerabilidade, principalmente negros. A metodologia de trabalho é advinda da Suíça, *inclusive para as ações junto a crianças em situação de rua no Rio de Janeiro*. Para tal se utilizam de reflexões teóricas advindas de uma interpretação da Pirâmide das Necessidades Humanas de Maslow⁹, como estratégia “civilizatória”.

Sociedades se desenvolvem quando seu povo alcança um degrau específico na hierarquia de Maslow. Uma vez que atendidas as suas necessidades fisiológicas e que se sentem seguras, elas começam a **desenvolver uma cultura de uma civilização avançada**. (STOECKLIN, 2001, grifo nosso)



Figura 13 - Site da ONG Terra dos Homens

A idéia de projeto civilizatório por vezes cede terreno a explicações ainda mais psicológicas. Estratégias de combate à pobreza em especial através do

⁹ Abraham Maslow (1908-1970), psicólogo americano conhecido no campo da Psicologia Humanista baseada de filosofia fenomenológico-existencial.

trabalho de ONGs têm enfatizado a necessidade de desenvolvimento de *auto-estima* destes grupos sociais empobrecidos. A forma como isto se dá pode passar, no entanto, pela ênfase intimista de um “eu” visto como adoecido, mas “eu” não-singular. O adoecimento é visto como afetando o grupo social.

Mas a pobreza não é apenas um fenômeno socioeconômico. É também resultado de um bloqueio psicológico, um modelo mental regressivo, uma doença da alma. (...) Uma realidade cruel e perversa que se repete ao longo de gerações, produzindo pessoas que se rendem ao conformismo, à apatia, à brutalização, à insensibilidade e, por vezes, à revolta, à violência e ao crime. (PAULA, 2008, p. 14)

A reatualização das teorias eugênicas agora com linguagem empresarial, e nfatiza o caráter patológico do pobre (e negro) e sua tendência para o crime. A solução, porém, agora é a cura da “alma”, através do empreendedorismo, inserindo o pobre em iniciativas de produção de renda.

5.2. Na Baixada

O rosto do Rio de Janeiro, metrópole de mais de 6 milhões de habitantes, foi sendo modelado pelos seus tratos de forte presença de morros, mar, praias, em um conjunto de fato impressionantemente belo, mas também pela intervenção humana ao longo do tempo

O Rio de Janeiro que hoje conhecemos, tem seu nascedouro na reforma Pereira Passos, quando a república brasileira recém-nascida, decreta que sua capital deveria ter um rosto construído segundo as imagens ideais de... Paris. Acreditava-se que nosso rosto não era tão belo para ter o respeito das nações. Seguimos, portanto, o modelo de urbanização de Paris. Aliás, seguimos até mesmo o estilo das fachadas dos prédios parisienses no planejamento da construção da Avenida Central, hoje Avenida Rio Branco.

O projeto do Rio de Janeiro, para ser uma metrópole de reconhecimento internacional, passa ainda hoje pelas propostas de Alfred Agache. Em 1930 publica-se o primeiro Plano Diretor urbanístico feito para uma cidade brasileira, vinda das propostas urbanísticas do francês. Para o projeto de uma *cidade-jardim*, Agache desenha o Rio de Janeiro á semelhança de um organismo: áreas verdes para a respiração, avenidas como veias e sistema digestivo, etc.... Nesta

visão há alguns parasitas é claro, uma das ameaças eram as favelas cariocas, que segundo Agache deveriam ser varridas como poeira:

Em toda a parte existe o contraste, os morros, estes rochedos isolados que surgem das planícies, desses bairros do comércio possuindo belos edifícios com artérias largas ostentando armazéns movimentados, às vezes luxuosos, têm às suas encostas e os seus cumes cobertos por uma multidão de horríveis barracas. São as favelas, uma das chagas do Rio de Janeiro, na qual será preciso, num dia muito próximo levar-lhe o ferro cauterizador (ABREU apud FERNANDES, 2001, p.58)

A cidade, capital do Brasil, teve seu fluxo de crescimento populacional segundo os vales que se estendiam até a região hoje conhecida como baixada fluminense. De Caminho da Rita do Ouro, onde os barcos que vinham pela Baía de Guanabara ancoravam na velha Iguaçu.

Em meados do século XIX a ocupação populacional da região tem acelerado crescimento às margens da ferrovia, que fora inaugurada em 1858:

Em 29 de março de 1858, inaugurava-se o trecho da primeira seção da Estrada de Ferro D. Pedro II, com 48 km de extensão, indo da Estação da Corte, na praça da Aclamação (atual praça da República), a Queimados, município de Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense. Essa primeira seção foi concluída sete meses depois, com a inauguração da estação de Belém, hoje Japeri. A partir daí, para se atingir o Vale do Rio Paraíba do Sul, um grande obstáculo deveria ser vencido, a Serra do Mar. Daí, a estrada deveria bifurcar-se nos sentidos de Minas Gerais e São Paulo. O ponto da bifurcação da estrada foi motivo de acaloradas discussões, envolvendo, dois grupos distintos de fazendeiros, ambos influentes e prestigiados pelo Imperador. (NOVAES, 2008, p 72).

Estas terras tem sido testemunha de embates até hoje pouco esclarecidos. Um deles fala da origem do nome do município de Queimados. Até hoje seus bairros mais afastados são habitados por uma população predominantemente negra, com pouca mestiçagem. Uma das versões da origem do nome do município se deve ao fato de que os chineses que participaram da construção da linha férrea terem tido um grande número de mortes com as doenças da época, e daí queimarem seus mortos. Por isso o nome de “queimados”. Outra versão fala da morte de escravos fugidos na região terem sido queimados vivos, mostrados como exemplo para que outros escravos não repetissem a tentativa de fuga. De qualquer modo a morte, desde há muito tempo, é presente como marca da região. Como diz o hino do município:

*Num passado mui remoto
 Na freguesia de Marapicu
 Iniciamos nossa história
 No município de Iguazu
 Nosso nome tem história
 De escravos, leprosos, imperador
 Não importa sua origem
 hoje tem o seu valor!*

A banalidade das mortes acontecidas na região reafirma a desconsideração daquelas pessoas como sujeitos, tornando-se apenas números. Até a década de 50/60 eram comuns os acidentes graves com mutilações e mortes na Rede Ferroviária Federal. Os trens lotados, para levar os trabalhadores e operários os bairros residenciais da Baixada Fluminense para o centro da cidade.



Figura 14 - Central do Brasil na década de 50

Rede Ferroviária Federal foi o nome oficial da linha férrea até 1998, quando foi privatizada, para um grupo de empresas cujo grupo majoritário era espanhol, em 2011 a empresa brasileira *Odebrecht TransPort* se tornou majoritária). A Supervia teve sua concessão de 25 anos renovada por mais 25 anos, através do governador Sérgio Cabral ainda no mandato no qual a Supervia havia sido multada devido a seus seguranças chicotearem passageiros que viajava pendurados nos portas devido a superlotação dos vagões. Nos últimos anos tem se mantido constantes os problemas de

superlotação, e de um gerenciamento de intervalos que mantém a superlotação em todos os horários, em especial no Ramal Japeri, que se dirige ao maior número de municípios da Baixada Fluminense. Apesar disto, a atual concessão está renovada até o ano de 2048.



Figura 15 - Primeira página do Jornal Extra, de 16 de abril de 2009

Fora a relação com as instituições ligadas ao estado, há a vivência cotidiana de uma violência que quase não aparece nas páginas de jornal. As chacinas são parte integrante do cotidiano da Baixada Fluminense. Uma rápida busca do termo “chacina” e “baixada fluminense” mostra a intensidade do problema. O número de homicídios com base nos próprios dados do governo estadual, através do Instituto de Segurança Pública aponta para um aumento bem superior a 100% nos últimos 05 anos.

Considerando apenas a diferença entre 2012 e 2013 há localidades com um aumento no número de homicídios em mais de 70% em um único ano. Mais grave e ainda é o fato de que há microrregiões dentro dos municípios, em geral os mais pobres, onde os números se concentram.

Violência

Região Metropolitana

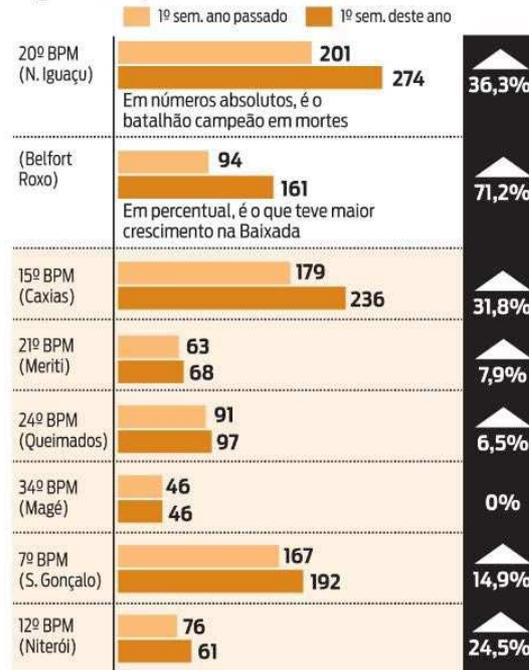


Figura 16 - Jornal O Dia, 20 de agosto de 2013

Alguns relatos da gravidade do problema apareceram em conversas informais. O tom de sigilo no qual foram contadas estas histórias impede incluirmos descrições que possam identificar seus autores. O relato a seguir foi coletado com uma profissional de saúde. Há cerca de dois anos um policial passou durante o dia e avisou na unidade de saúde localizada em um dos municípios da Baixada Fluminense: *“Olha nós vamos mandar uns presentes para vocês à noite”*. A profissional, em plantão de 24 horas, relatou que por volta das duas da manhã começaram a chegar vítimas. *“Foi muito sangue. Baleado na cabeça, no pescoço, o cheiro de sangue era sufocante, e a gente tentou fazer o que pode, mas a maioria morreu.”*

Os relatos de acontecimentos assim são comuns. Aparecem em conversas cotidianas, dentro dos trens e nas ruas. Os relatos beiram a irrealidade, infelizmente confirmada por diversas fontes.

Um dos relatos que apontam para a banalidade da presença da morte fala da dragagem do Rio Sarapuí, na fronteira entre Mesquita e Nilópolis. Segundo os relatos, durante a dragagem, os objetos retirados junto com a lama passavam

por uma coleta de catadores que retiravam do entulho metais para venda em ferro velho. Junto com o entulho, porém era necessário também fazer a separação de crânios e ossos retirados do fundo do rio. Este relato também é feito por moradores que buscam realizar atividade de lazer na pesca no Rio Guandu em Seropédica. Dizem que em meio à pesca é comum aparecer restos humanos no rio, o qual fornece água para ser tratada e canalizada para o Rio de Janeiro e Baixada Fluminense.

Tais mortes são apenas invisíveis para os números apresentados pelo poder público. Mas são vividas em detalhes pelos moradores da baixada com consentimento da sociedade, com o silenciamento consentido dos poderes públicos, e até mesmo com o apoio aberto a grupo de extermínio ligado a políticos das localidades que têm dado suporte à diversos atores da política partidária em toda Baixada Fluminense.

Difícilmente há uma caracterização de que a vítima deva ser negra, isso quase nunca é verbalizado. Há sempre um conjunto de justificativas para os atos genocidas, que atenuam para o perpetrador o ato realizado. Embora não falem expressões como: “ô raça”, “neguinho vem...”

Uma das histórias contadas fala de um paciente psiquiátrico que teria assassinado um homem negro a faca, por acreditar que o seu olhar lhe dizia que ele iria lhe fazer mal. Então ele o matou antes de forma preventiva. Apenas por isso.

Vale a exploração mais detalhada de ao menos um caso.

Este caso fala de uma das muitas histórias que beiram a irrealidade na Baixada Fluminense. Os estabelecimentos hospitalares se tornaram no mundo moderno o lugar possível da morte, assim também na Baixada Fluminense.

Uma adolescente negra, usuária de crack, teve seu corpo queimado devido a um incêndio em seu barraco durante o uso da substância. Como consequência foi levada para um hospital na Baixada Fluminense, sem estrutura para receber pacientes com queimaduras de grande extensão. O enfermeiro que a recebe, faz os devidos curativos e solicita a seu superior a transferência para

outro hospital, com setor apropriado para o tratamento que se fazia necessário. Seu superior questiona o pedido, dizendo do trabalho que iria dar “muito trabalho” ter de fazer a solicitação, ter de conseguir vaga, então era melhor deixá-la lá. Uma semana depois a paciente veio a falecer sem ter sido feito novo curativo! As gazes e ataduras do primeiro curativo estavam já esverdeadas, e a paciente permanecia sem outra proteção no frio da sala do CTI.

Outros relatos falam da existência de imposições da polícia na realização de cuidados com pacientes baleados, no aguardo de sua morte. Outros falam até mesmo da inoculação de substâncias em pacientes para acelerar a morte, testemunho recebido por pessoas muito diferentes em contextos diversos, com o ponto em comum de serem profissionais de saúde.

“Não há problemas, eram bandidos, esta raça tem que morrer.”

Estes relatos só nos soam estranhos apenas se não estamos atentos ao discurso midiático sobre as populações pobres e negras.



Figura 17 - Jornal Meia Hora nas operações da polícia

Nas imagens acima (Figura 17) apenas dois exemplos de desumanização promovida pela mídia. As mortes promovidas em ações policiais são banalizadas e a comparação com insetos nos contempla. A comparação a insetos facilita o consentimento da morte, a justificam, transformam em inevitabilidade para o

bem de todos. Á semelhança dos discursos construídos no nazismo acerca dos judeus.



Figura 18 - Imagens da desumanização dos judeus através da publicidade e jornalismo no nazismo

Há ainda a campanha da Supervia, realizada ao longo dos anos de 2009 a 2012, acerca do *empata-porta*. O *empata-porta* é um personagem criado para falar dos usuários da supervia que faziam os trens andar de portas abertas. Com uma antena que indicava a não humanidade do *empata-porta*, dado que “ele não é um de nós”, como afirmava o cartaz, mostrava a silueta de um homem de bermuda, sem sapatos e de camiseta. A imagem dos desordeiros e indesejados *empata-portas* recaía sobre a parcela da população de bermudas, sem sapatos ou de chinelos, e de braços finos... moradores em especial dos dois ramais com trens mais antigos e sujos, com menos trens com ar-condicionado (e por isso a luta para manter as portas abertas), Japeri e Gramacho, coincidentemente os de maior número de usuários negros.



Figura 19 - O Empata-porta da Supervia

O outro lado da moeda aponta para a suposta superioridade branca, seja como valor intelectual ou estético. No campo religioso é comum o referencial europeu para a escolha estética dos santos conforme pode ser visto ainda hoje na imagem dos santinhos.



Figura 20 - Santinhos Católicos

Mas há também a característica local, que muitas vezes permitem a escolha de modelos atenuados, como a imagem de Nossa Senhora Aparecida, que apesar dos traços portugueses, traz a cor enegrecida da imagem fazendo muitos a perceberem como uma santa negra. Mas na Baixada proliferam as imagens nas igrejas de santos e santas quase nórdicos, como na Paróquia Santíssima Trindade em Nilópolis.



Figura 21 - Paróquia Santíssima Trindade em Nilópolis

O avanço dos protestantes na Baixada Fluminense, no entanto hoje, já os faz maioria segundo o censo 2010. Como dito anteriormente a igreja evangélica no Brasil hoje predominante diz-se em guerra contar as forças demoníacas, escondidas em objetos, pessoas e tradições. O demoníaco é negro e, portanto temos de nos vestir como elite branca, com casamentos se possível à semelhança de nobres europeus, de golas altas e fraque.

5.3. Cenas da produção cotidiana da morte

O campo desta pesquisa incluiu a coleta de histórias espontâneas, conversadas diretamente com o pesquisador ou histórias dialogas nos trens, ônibus, ruas, salas de espera... Evitou-se a abordagem direta por poder estar ligadas a tentativa do entrevistado de “dar o que o pesquisador procura”, ou evitar falar o que pudesse comprometer o entrevistado, resultando em uma fala truncada e pouco esclarecedora.

Diversas foram às histórias ouvidas. Desde a brincadeira com a superlotação do trem, sempre cheio e com inúmeras viagens em trens sem ar condicionado, durante um dos verões mais quentes dos últimos 100 anos, nos dias finais de escrita desta tese.

Uma das histórias, contada por uma auxiliar administrativa, conta que em Nova Iguaçu, no lugar onde hoje existe o maior templo da Igreja Universal do Reino de Deus na cidade, seria o mesmo lugar onde antes havia um clube de festas, onde o **diabo em pessoa** teria ido ao baile funk. No meio da dança ele teria soltado uma sonora gargalhada e se transformado em labareda de fogo e desaparecido aos olhos de todos. Depois disso o clube teria fechado por anos até ser transformado em território de Deus.

O *funk*, manifestação cultural de origem nas favelas e bairros pobres da metrópole, foi proibido por muitos anos, em uma época onde ainda não havia com grande força os *funks proibidos* do tráfico ou os *proibições de sexo*. Mas assim como o samba, era um ajuntamento de negros em festa... O lugar da habitação do diabo é também o lugar onde o negro.

Nesta lógica o embranquecimento aparece como um lugar de poder. Por muitos anos têm sido publicados nos classificados dos jornais populares,

anúncios de “pais de santo” com soluções mágicas, tal como “trazer a pessoa amada em TRÊS HORAS, esteja onde ela estiver”. Apesar de esta publicidade chamar atenção pelo inusitado, pois mesmo *dando certo* o trabalho com este fim, necessita-se que a pessoa não more longe, nem passe por um engarrafamento, que a impeça de chegar de volta em três horas, chama atenção o “louro” dos “pais de santo”. O cabelo pintado parece ser mais um item que evidencia o poder do pai de santo. Alguns deles têm sido presos por fraude. Não por serem louros, é claro. Porém parece ser comum no mercado popular da fé o uso desta imagem pessoal.

**A CASA DO FAMOSO
PAI SERGIO DUARTE DE SOUZA DE OGUM**

PAI SERGIO DE OGUM ATENDE TODAS
ÀS SEGUNDAS E SEXTAS, COM HORA
MARCADA, COM DONA SETE -
CONSULTA R\$ 107,00

Pessoalmente e/ou por telefone.
**CONSULTA + TRABALHO =
R\$ 77,00
FORA O MATERIAL**

NOVA OPORTUNIDADE! BATUM DA
AMARRAÇÃO. NÃO DEIXE DE ADQUIRIR.
BEIJOU, SEU AMOR COLOU EM VOCÊ!

Localize-se no centro de Quimadas.
Atendimento somente com hora marcada.
Horário de atendimento:
das 8:00 às 20:00h, de segunda
a sexta, exceto feriados.

Tem vários tipos de Garrafadas
para: emagrecer, engordar, diabetes,
tirar varizes, crescer cabelos etc.
E a novidade: Folha da Fortuna.

Visite o site: www.paisergio.webs.com
Ligue e seja você a dar o próximo relato:
Seu ator muito famoso, não posso divulgar seu nome. Morei por 15 anos e
agradeço ao Pai Sergio pela melhoria da minha vida profissional e pessoal, pela
buscamos providência que fez para mim. Admito muito seu trabalho, sou sua fã.

T.: 7862-8952 / 2665-4063 / 3698-7951 / 2665-5949

ATENÇÃO!!!
Pai Bruno
DE POMBAGIRA "O VERDADEIRO"
PAI BRUNO GANHOU EM UMA PESQUISA COMO O MAIOR E MELHOR PAI DE SANTO
DO MUNDO POR RESOLVER MAIS DE 20.000.000 MILHÕES DE CAUSAS
COMPROVADAS (GARANTIDAS); PAI BRUNO É O ÚNICO E NÃO EXISTE OUTRO!!!

PEÇA JA
O SEU!!!
O VERDADEIRO
PORQUE JA
SOU AMIGO

NÃO ACEITO MENTIRAS, FALSAS PROMESSAS E BROMBOM!!!
NÃO SE ENGADE!
NÃO PROMETO, EU FAÇO! EU JOGO BAZUÍAS E FAÇO TRABALHOS
O MEU NOME É COMPROVADO! EU SOU PRESBIÓTERO COM GARANTIA!
PAI BRUNO AFIRMA:
NADA PARA O DIABO É IMPOSSÍVEL!!!
PAI BRUNO RESOLVE
TODOS OS PROBLEMAS COM
GARANTIA TOTAL

TRAGO A PESSOA AMADA EM 3 HORAS

ATENÇÃO!!!
TRABALHO + CONSULTA
R\$ 37,00
FORA O MATERIAL

NÃO PERDIAM!!!
16 DE SETEMBRO
**MEGA FESTA DO
SR. TRANÇA RUÍ!!!**

ATENDO PESSOALMENTE
OU POR TELEFONE!!!
NÃO SOFRA POR AMOR, A SOLUÇÃO ESTÁ EM UMA LIGAÇÃO!!! LIGUE AGORA!!!
3241-3169- / 3169- / 3169-
www.paiBruno.com.br 7849 / 4113

Figura 22 - Pais de santo "louros"

De outro lado também um modo específico de ser no mundo, que pode ser um fator de distinção da massa de negros fala de certo apagamento possível das características da negritude. Cabelos raspados para homens de bem, e cabelos alisados e se possível alourados para mulheres que se cuidam contra o “cabelo ruim”. Esta padronagem, por exemplo, é comum entre grupos evangélicos,

embora não seja exclusiva destes. São critérios de avaliação até mesmo para dizer se alguém é “gente de bem” ou não.

Assim como é consentida a presença dos negros em massa em igrejas neopentecostais, mas são locais de contenção, e de valorização da cultura do sucesso financeiro.



Figura 23 - Evangelho da Prosperidade na Baixada Fluminense

Os relatos que apareceram, nem sempre foram tão pitorescos. As práticas de violência aparecem por vezes de forma absurdamente bizarra. Um dos relatos feito por uma profissional de uma unidade de saúde, conta de amigos policiais que manteriam uma criação de porcos que seriam alimentados por corpos de executados, para não deixar pistas dos cadáveres. A pessoa se negou a contar em qual delegacia estaria acontecendo isso. Apesar do aparente absurdo do relato, a história de policiais que alimentam porcos deste modo apareceu em outros dois momentos com pessoas diferentes. Seja verdade ou não é vivido, porém, como verdade. A punição à margem da lei, pelas próprias mãos dos homens da lei é algo comum. E todos devem saber que isto pode acontecer.

Na imprensa outras histórias semelhantes têm como cenário as favelas da Cidade do Rio de Janeiro:

No início da tarde, uma senhora baixa e negra que gritava na praça, com uma criança no colo, era o retrato do desespero. “Tem 24 horas que meu menino de 16

anos está sumido. Botaram o corpo dele para os porcos”, chorava a mulher, identificada apenas como Dineia. Todos os moradores sabem onde fica o local sobre o qual a senhora falava. “É na vacaria, tem corpo lá, sim”, confirmaram os cerca de 10 transeuntes consultados pela reportagem na subida do morro da Vila Cruzeiro. O local é coberto por mata e pedras. Em vez de vacas, criadas no local tempos atrás, havia porcos se alimentando de cadáveres. Procurada pela reportagem, a assessoria de imprensa da Polícia Militar do Rio de Janeiro informou não ter conhecimento do fato. Os moradores defendem, enfaticamente, que os corpos são de “vagabundos”, mas também de “inocentes” atingidos durante o confronto. Independentemente da verdade, o conflito urbano que já entrou para a história da segurança pública brasileira será lembrado por pessoas como Cosme, Luciene, Isabel e Dineia de um jeito muito particular. Eles querem paz, mas também querem respeito. (MARIZ, 2010)

A normalidade da execução e das marcas de nossa história ficou mais ainda evidente nos últimos dias de escrita desta tese.

Dois acontecimentos, dentre diversos que se produzem diariamente, chamaram a atenção da grande mídia.

Dia 03 de fevereiro. Uma foto “postada” em um perfil do *Facebook* chamou a atenção de um fato acontecido no aterro do Flamengo. Um jovem, então ainda sem idade determinada havia sido espancado e preso com uma trava de bicicleta, pelo pescoço em um poste, nu. O ato foi creditado a um grupo de jovens de classe média que tem agido no Bairro do Flamengo realizando espancamento de população em situação de rua com porretes e tacos de basebol.¹⁰

¹⁰ “Uma moradora do Flamengo denunciou em seu Facebook ter testemunhado agora há pouco, da janela de casa, oito jovens de classe média, bem vestidos, armados de pau e tacos de beisebol, agredindo a população de rua que mora no Parque Carmem Miranda, no Flamengo.” <http://oglobo.globo.com/rio/ancelmo/posts/2014/02/03/jovens-de-classe-media-agridem-populacao-de-rua-no-flamengo-523082.asp>

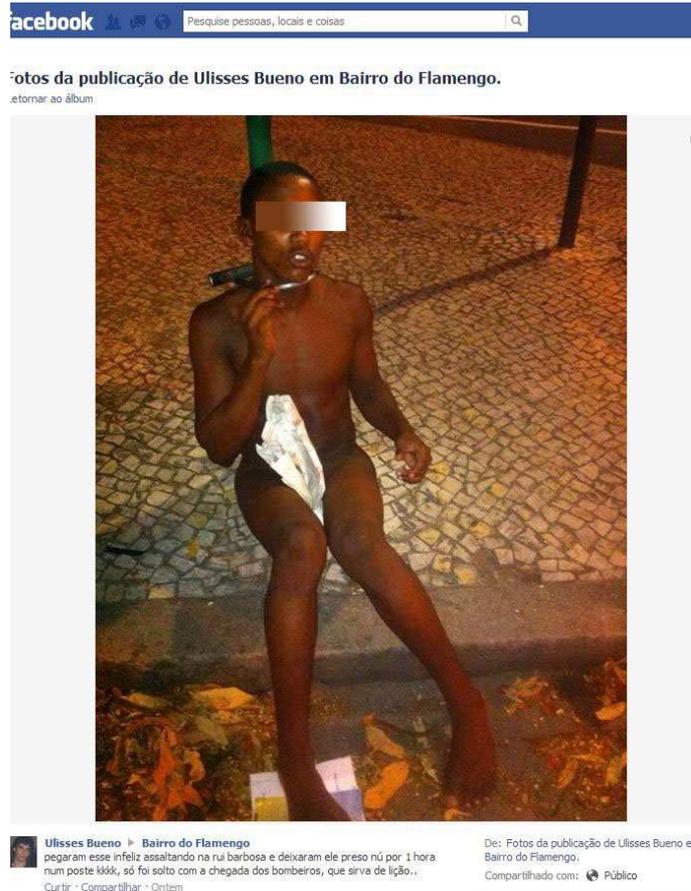


Figura 24 - Jovem preso com tranca de bicicleta

A foto acima publicada no perfil de Ulisses Bueno, que diz ter presenciado o acontecido. Morador da Zona Sul, é também leitor das obras de J. R. R. Tolkien, e gosta de escutar rock progressivo e canto gregoriano. Embora defensor da punição aplicada ao jovem, devido a falta de “punição do estado”, em momento algum houve comunicação com a polícia para que ele fosse preso, mesmo após o espancamento. O discurso de justiça não se sustenta, a não ser a partir do viés do justicamento.

O fato acabou tendo uma maior repercussão após a publicação de novas fotos por Ivonne Bezerra de Melo, artista plástica e coordenadora do projeto Uerê, conhecida na grande mídia pelo apoio dado aos sobreviventes da Chacina da Candelária, quando 08 crianças e adolescentes negros, em situação de rua, foram assassinados por agentes da polícia em frente à Igreja da Candelária, no Centro do Rio de Janeiro.

O acontecimento gerou uma série de comentários nas redes sociais, com ampla predominância de frases tais como.

Em especial repercutiu também o comentário da jornalista Rachel Sherazade do SBT ao apresentar a notícia:

“O marginalzinho amarrado ao poste era tão inocente que em vez de prestar queixa contra seus agressores, preferiu fugir, antes que ele mesmo acabasse preso. É que a ficha do sujeito - ladrão conhecido na região - está mais suja do que pau de galinheiro. Num país que ostenta incríveis 26 assassinatos a cada 100 mil habitantes, arquiva mais de 80% de inquéritos de homicídio e sofre de violência endêmica, a atitude dos "vingadores" é até compreensível. O Estado é omissivo. A polícia, desmoralizada. A Justiça é falha. O que resta ao cidadão de bem, que, ainda por cima, foi desarmado? Se defender, claro! O contra-ataque aos bandidos é o que eu chamo de legítima defesa coletiva de uma sociedade sem Estado contra um estado de violência sem limite”

Apesar da aberta incitação ao crime, à tortura, e ao justicamento, a jornalista rapidamente passou a ser considerada “musa” por muitos. Inclusive chegou a receber apoio do Presidente da Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados, Pastor Marcos Feliciano, que no dia 06 de fevereiro de 2014, fez um discurso na câmara dos deputados:

Como responsabilizar a jornalista, ela não criou o fato, apenas informou, e manifestou com parcimônia o que todos nós sentimos uma insegurança generalizada, e ela apenas demonstrou compreensão pela atitude de pessoas ordeiras e de bem, que *apenas* extravasaram um sentimento que tem tomado grande parte da sociedade. (FELICIANO, 2014)

Marcos Feliciano leva-nos a entender que pessoas ordeiras e de bem são de classe média ou alta e são predominantemente brancas, mesmo que torturem e espanquem pessoas nas ruas da cidade.

O Jornal Folha de São Paulo fez uma pesquisa de opinião referente ao acontecido, cujos resultados foram publicados em 15 de fevereiro de 2014.

O repúdio à ação dos chamados “justiceiros” que ainda deixaram o causado nu na rua, chega a 79%, aponta a pesquisa Datafolha. Outros 17% disseram aprovar a ação, e 5% não responderam. A pesquisa mostra que o apoio à atitude dos moradores é maior entre os mais ricos e escolarizados. Na faixa com ensino superior, 20% dos cariocas dizem aprovar a ação de quem espancou e amarrado o jovem suspeito. Entre os entrevistados com renda familiar acima de dez salários mínimos (R\$ 7.240,00) o índice sobe para 24%. A pesquisa também revela a diferença de opinião conforme a cor da pele dos entrevistados. Entre os negros, o

apoio à ação dos moradores do Flamengo é de 12%. Entre os brancos, sobe para 21%. (FOLHA DE SÃO PAULO, 15.02.2014)

É de destacar a diferença de quase o dobro percentual de entrevistados brancos terem uma percepção diferente no apoio ao acontecido. A maior parcela do apoio é de pessoas brancas e de maior patamar econômico.

A segunda notícia de destaque aconteceu no dia 23 de janeiro, mas só veio à tona após a notícia do jovem citada acima, no dia 06 de fevereiro. À luz do dia, aconteceu uma execução de um rapaz acusado de cometer pequenos furtos no município de Belford Roxo. Fato comum na Baixada em tempos de deslocamento de bandidos das favelas cariocas ocupadas por Unidades de Polícia Pacificadora, desta vez foi filmado por um morador através de seu celular. O desfecho não era esperado. A cena ocupou por vários dias os comentários da internet, as páginas de jornal e noticiários de televisão.



Figura 25 - Execução na Capa do Jornal Extra

Não há como avaliar se o caso teria a mesma divulgação se não fosse ao calor do acontecimento anterior.

Ainda em 06 de fevereiro de 2014, tivemos uma ação do BOPE em reposta à morte de uma policial, baleada durante uma operação em Parque Proletário, dois dias antes. A tese de ser uma reposta à morte da policial foi apresentada pelo próprio Secretário de Segurança, José mariano Beltrame: *“Essa operação é uma das respostas sim (a morte da policial no Alemão). E vamos continuar porque esse trabalho não tem prazo para encerrar.”* (RISEMBERG, 2014). As fotos abaixo foram enviadas para as redes sociais quase em tempo real da ação no Morro do Juramento. Alguma repercussão houve nos dias seguintes por conta do relatório da policia apontar que os suspeitos haviam morrido a caminho do hospital, algo desmentido pelas fotos abaixo, configurando suspeita de execução. Três dos mortos não tinham registro de passagem policial.



Figura 26 - Mortes no Morro do Juramento

As fotos chegaram á rede social através de um site de uma Agência de Notícias chamada Factual-RJ, que vende fotos de ações policiais e de bombeiros no Rio de Janeiro. As fotos são tiradas por pessoas muito próximas das ações, pois há fotos de preparação da ação onde o fotógrafo está participando da roda de policiais. As fotos dos corpos não apareciam mais no site após a denúncia de

execução. O site continua na rede. Não há uma única linha em jornais questionando a atuação da agência de notícias.

Na internet manifestações de apoio aconteceram aos milhares: *Bom trabalho...eu nunca vi isso n vida!!!...amei...acabe cm essa raça d merda.... /Vou até abrir uma skoll...massa essa foto...u.hú.... / A Sociedade Que vive Com Medo desses Pilantras!!! Essa imagem é aquilo que "Nós" brasileiros morremos de vontade de fazer e "Não " Podemos Ou Não Conseguimos.... PARABÉNS..... / Bandido bom é gelado aos cuidados de um bom legista do IML...*

Hosana Antonio, autora da frase que fala de “raça de merda”, aparece em seu perfil no Facebook (<https://www.facebook.com/hosana>) com foto de suas duas crianças, sendo uma delas um bebê. Dentre suas músicas preferidas estão as do grupo Legião Urbana e de Vanessa Costa, baterista no segmento gospel do Ministério Tenda Jovem.

Como ser negro em uma sociedade onde o mal é negro, a desordem é negra, o crime é negro, os bandidos mortos são negros os policiais que matam são negros? Onde até mesmo a paciente psiquiátrica branca, por ser moradora de rua, é caracterizada como negra pela equipe de saúde?

O delírio pode ser uma tentativa de escape...

Um paciente, em uma unidade hospitalar de uma cidade da Baixada Fluminense, com diagnóstico de esquizofrenia, tenta explicar seu lugar no mundo: Fã da apresentadora Xuxa Meneghel desde a década de 80 lamenta nunca ter podido encontrar sua musa, nem casar com ela como gostaria. Resta salvar a Terra, onde habitam pessoas provenientes da *Galáxia 16*, a pior do universo. Negro bem escuro tem o tom de voz semelhante ao do Pelé, e fala sobre sua reunião a acontecer em data próxima com Barack Obama, e que por isso lê (de fato) um Tratado de Relações Internacionais. Quer ir para o exterior onde todas as mulheres do mundo o esperam. Afirma que, apesar de parecer negro (o que é de fato), tem olhos azuis e cabelos louros. E conclui, somos todos demônios regenerados nesta terra, mas as crianças que nascem são anjos, o que resulta no maior impasse: como demônios, mesmo regenerados, vão saber criar os anjos?

Outra paciente de saúde mental, sem nome, sem diagnóstico em crise, fora encontrada nua e trazida pela SAMU. Foi contida no leito e durante seu

tempo na unidade hospitalar foi chamada de Pretinha. Pretinha não conseguia falar seu nome, e em delírio constante pouco ou nada falava de fosse compreensível. Uma única frase foi falada com clareza: “Soltem Fernandinho Beira Mar!”. Pretinha não ficou muito tempo na unidade. Mesmo contida e medicada evadiu-se da unidade. Nua e sem nome. Sem ser vista pelos profissionais do setor, porteiros e seguranças da unidade. Não foi vista. Não há notícias de sua história.

Um paciente de álcool e drogas apresentou-se a unidade de saúde com o corpo marcado por um espancamento que havia sofrido em uma “comunidade terapêutica”. O seu irmão, pastor evangélico, havia feito uma internação para a pessoa em uma comunidade terapêutica, e chegando lá tentou dar-lhe um “corretivo” por ele ter bebido. Porém, como conseguisse defender-se, os responsáveis da comunidade terapêutica se juntaram e fizeram eles próprios o corretivo. O proprietário da comunidade terapêutica além de teólogo era ligado à grupos milicianos. Não havia lugar para sua queixa. Devido ao risco de denunciar na delegacia o fato e de alguma forma chegar o fato no ouvido de milicianos. E como ele mesmo disse: *Seu Celso, vão acreditar no meu irmão que é trabalhador e pastor ou em mim um negro bêbado e de cabeça rachada?* Algum tempo depois ele abandona o tratamento. Em contato telefônico com familiares soubemos do seu desaparecimento. Não houve mais notícias.

Alguns relatos conseguem falar da nuance cruel do não dito. Todas as construções históricas falam de uma produção de verdade que atravessa o sujeito nela imerso. É assim com todas as pessoas, é assim também com quem sofre as marcas de uma sociedade que tem suas relações atravessadas pela segregação.

Não usei a peruca durante muito tempo, ela me esquentava a cabeça muito mais que o pente quente: não sabia lidar com a possibilidade de me subtraírem a imagem por mim escolhida, de ficar exposta como eu não gostaria, eu e meu cabelo íntimo. E estava doendo muito aprender. A peruca me colocava diante de um tipo de crueldade com a qual eu não sabia lidar. Sabia lidar com a possibilidade de um risinho oportunista diante de meu cabelo esticado e em pé: vigiava a sombra de meu cabelo no chão, discretamente, fazia de espelho o vidro das janelas de ônibus ou das vitrines das lojas, impus como restrição aos dois namorados que tive, enquanto uma jovem alisada, não ter o cabelo acariciado e repetia de tempos em tempos o ato de levar suavemente a mão ao cabelo. E quando não tinha jeito, fazer o que? Fingir que não vi o risinho. Mas com a crueldade deliberada e provocada pela minha peruca definitivamente não sabia

lidar. Então, eu esticava o cabelo! (trecho de um texto autobiográfico inédito de Ayodelê Alves, autora que cedeu o texto para ser inserido nesta tese)

Negras e negras tem buscado escapar, muitas vezes solitariamente a partir de um processo de auto-valorização. Mas será que só há o caminho individualizado da busca de romper com um ciclo produtor de morte em vida? O que fazer com o trauma que é construído e reconstruído diariamente, no escorregadio racismo brasileiro?

6. Conclusão

Não é fácil o percurso que foi feito nesta tese. Muitas vezes me fazendo parar e pensar se de fato valia a pena entrar em contato com tanta dor.

Um momento chave da pesquisa foi ter assistido uma cena em uma unidade de saúde mental na Baixada Fluminense. Na cena um pai, paciente psiquiátrico, com suspeita de ao menos um homicídio, chorava emocionado abraçado a um de seus dois filhos, filho este que teria passado de ano na escola. A cena provocou o comentário de uma profissional da unidade: “estes dois tinham que se sentir honrados de ter *um pai como ele*”. A profissional havia acompanhado a cena das lágrimas, conhecia o histórico do caso.

O caso, porém, já discutido em supervisão, incluía as frequentes ameaças de morte aos dois filhos por parte do paciente. O paciente tinha ligação com grupos de traficantes e milicianos da Baixada Fluminense, e, portanto, suas ameaças eram bastante reais. A relação era de abusos e agressões as mais diversas, incluindo a ameaça constante de morte de familiares. Para a profissional emocionada que assistia a cena acima relatada, tudo isto era natural.

Ela sabia. Em alguns locais as pessoas são mais matáveis que as outras. Entre pretos e pardos é natural que seja assim. Pretos e pardos são mais matáveis do que outros. É disciplina. É ensino. É natural que pretos e pobres sejam castigados, ou mesmo mortos, para que aprendam. Mortes diárias em locais de pobreza não comovem a sociedade, que permanece letárgica em suas ações. A não ser pelos risos provocados pelos trocadilhos dos jornais populares.

O Governador Sérgio Cabral e o Prefeito da Cidade do Rio de Janeiro têm em seus históricos o apoio aberto a algumas pessoas e/ou grupos sabidamente promotores de ações de milícia. Ambos foram reeleitos no primeiro turno nas últimas eleições. Na Baixada Fluminense, políticos abertamente ligados á grupos de extermínio são eleitos e estabelecem alianças de parceria com o governo estadual e federal. “Matadores” locais assumem cargos de poder nos governos municipais.

Onde começa o nosso consentimento para que tudo permaneça desta forma? É uma pergunta possível, que depende da sinceridade de resposta a outra pergunta: queremos de fato que estes homicídios não aconteçam?

O vidro fechado do carro às pressas ao ver o menino negro no sinal de trânsito é ao acaso? O que produz no menino? O que isso faz em nós?

A Trama da Besta aponta para um mal alimentador e alimentado pelos modelos de sujeito construído em nossos tempos narcísicos. Enquanto cresce o esquecimento do passado, cresce também a oferta para nossa onipotência virtual.

“Novamente o Diabo o levou a um monte muito alto; e mostrou-lhe todos os reinos do mundo, e a glória deles - e disse-lhe: Tudo isto te darei, se, prostrado, me adorares”. O Novo Testamento, na Bíblia, aponta que está foi uma das três tentações feitas a Jesus pelo diabo quando de sua peregrinação pelo deserto. “Tudo será nosso se nos encaixarmos” nesta sociedade onde o que conta é o eu. É importante ressaltar o lugar do diabólico em todo este processo. Diabólico no sentido grego de *διάβολος* (*diabolos*), o que divide, que cria intriga, no entanto, esta é a base sobre qual repousa o modelo de indivíduo em nosso tempo.

Aos negros na sociedade brasileira, muitas vezes, apenas resta a negação de que funcionemos socialmente através de demarcações de cor e raça. *“O que vemos não é verdade, o que sentimos não é verdade, o que sofremos não é verdade, o que vivemos não é verdade”*. Se nada disso existe de fato nos resta nos ver como seres adoecidos. Talvez o *soma* de Aldous Huxley possa nos dar a felicidade ou condições de suportar a dor. Mas a principal opção tem sido a identificação com aquele que nos ensinou o nosso lugar no mundo.

Para alguns pode ser ainda mais grave: não sentir mais. Nem dor, nem alegria, nem futuro, nem sonho. Nesta dinâmica, pouco importa o que acontece do lado ou comigo mesmo. Não importa. *Mil cairão ao meu lado e dez mil à minha direita*, mas eu não me deixarei afetar por isso.

Falar deste processo é necessário para que possamos nos desabituar com a trama que está colocada. Cumprimos quase em plenitude cada um dos critérios estabelecidos apresentados Lemkin e incorporados à definição da ONU sobre Genocídio.

A psicologia também silencia, salvo exceções. Mesmo com as exceções, a temática continua apartada dos bancos acadêmicos de forma hegemônica. Somos psicólogos que tratamos apenas de seres sem corpo, transparentes, de almas. Não deveríamos interagir com sujeitos que sentem dor, e que existem em corpos existentes? Queremos lidar com abstrações matematizáveis? Por quê? Quem nos ensinou a esquecer a vida e pensar na abstração? Ou isso é causado por nossos medos? Queremos o que o outro fez para ter poder? E que tipo de poder quer a Psicologia e Psicanálise com o silenciamento de seu objeto: o sujeito? Aceitamos o jogo e produzimos um silêncio tal que grita em mortes que acontecem nos presídios, hospitais, favelas, ou até mesmo na solidão de um condomínio de luxo. Um silêncio que se apresenta na morte de Neuza Souza Santos, autora de *Tronar-se Negro* e que nos seus últimos meses, antes de seu suicídio, se recusava a falar sobre seu trabalho mais marcante.

Estamos imersos na trama que constrói um mundo que banaliza o homicídio que não está na grande mídia. Nos choca o genocídio de Ruanda, quando em 1994 morreram quase um milhão de *tutsis*. (Você viu o filme que ganhou o Oscar? Você viu o documentário da Discovery?) Mas não nos choca existirem pessoas sendo mortas todos os dias no morro ao lado da nossa casa.

No Rio de Janeiro de hoje o *caveirão*, tanque de invasão de áreas pobres, com uma força policial preparada para matar, é também um brinquedo vendido para crianças. O bandido matável está todos os dias insistentemente com seu rosto exposto pela mídia.

O rosto do negro está de forma ínfima nas páginas que falam de beleza, e são quase exclusividade nas páginas policiais. Antes disso este jovem negro foi ensinado que seu rosto é feio, que sua cor é suja, que seus pais eram escravos, que o abuso sofrido por suas bisavós foi porque elas eram sedutoras, não eram estupro, sempre se pode escolher, além disso, provavelmente queriam... A culpa é delas. Afinal sempre havia a possibilidade de escolher o chicote nas costas, tortura e ser exposta a outros abusos. Se houve o abandono na pobreza isso só aconteceu porque ela não era a mulher para casar...

Talvez alguém possa argumentar: Mas eu torci pelo cantor negro no *The Voice!* (Apesar de feio ele cantava bem...) Tenho um amigo da faculdade negro (embora por um momento eu não soubesse se ele era colega ou faxineiro da faculdade). Ele é super gente boa... (mas eu devo desconfiar sempre que ele não vai dar conta de sua tarefa porque é pobre.. sei lá... tem muitas dificuldades..) Ele é um negro super bacana, ótimo profissional e uma cara nota 10 (afinal ele faz o dever de casa certinho, se comporta como um cavalheiro europeu, e não fala desta coisa de “cor da pele”).

A inclusão ambígua é clara quando pensamos na figura da “mulata”. Admirada e “produto de exportação”, é objeto de sedução ao mesmo tempo em que é vista através de uma limitada perspectiva de ser sujeito. Sua condição de ser pessoa com determinados atributos físicos, faz com que seja, frequentemente, a ser enxergada pelo viés do corpo apenas:

Nem prostituta, embora implicada em práticas de sedução e inserida num espaço-tempo – a noite – que evoca permanentemente a prostituição, nem plenamente dançarina, embora inserida no campo dos profissionais da dança, o ser mulata profissional é, antes de qualquer outra coisa, um permanente exercício de rejeição de identidades negativas ameaçadoras, uma permanente busca de associação a identidades idealizadas que não se completam. (GIACOMINI, 2006, p. 100)

Resta a Clínica. Para intervir são possíveis alguns caminhos. Vilhena (2007) nos fornece marcos orientadores importantes. A cisão entre corpo e sujeito, imposta pela desqualificação do valor do corpo negro precisa ser superada:

Este é o segundo traço da violência racista. Estabelecer uma relação de desqualificação entre *o sujeito negro e seu corpo*. Para criar uma estrutura psíquica harmoniosa, é necessário, como aponta a psicanálise, que o corpo seja predominantemente vivido e pensado como local e fonte de prazer. Quando tal não acontece, torna-se um corpo perseguidor, odiado, visto como foco permanente de ameaça de dor e de morte.

O que observamos em nossa clínica é que um branco é apenas o representante de si - mesmo, um sujeito no sentido da palavra, onde a cor, via de regra não se constitui como um significante posto em relevo –, cor e raça não fazem questão na construção de sua subjetividade.

No caso do negro, frequentemente, observamos o inverso: um negro representa uma coletividade racializada em bloco – cor e raça são eles mesmos, os

significantes que o definem como sujeitos – quando de sujeito podemos falar, em virtude dos impasses da singularização. (VILHENA, 2007. p 399-401)

A possibilidade de pertencimento e de reconhecimento de seu lugar no mundo pode e deve incluir a sua totalidade. A predominância da sedução da oferta de satisfação narcísica da cultura do consumo, juntamente com a criação de condições de impossibilidade desta satisfação através da imposição de imagens de valor incompatíveis com seu próprio rosto, pode produzir intenso sofrimento.

Convém lembrar que o sujeito só abdica de determinados lugares porque a cultura lhe oferece algo em troca - um lugar no mundo dos homens. Uma possibilidade de criar projetos de vida, o direito de pertencer a um grupo, de ter condições dignas de sobrevivência e o direito de ser visto. Se o acordo que estaria implícito para o ingresso do homem na cultura falha, ou se torna insuficiente, corre-se o risco, dentre outras coisas, da re-instauração da Lei de Talião - olho por olho, dente por dente, das apatias, do fanatismo religioso, ou do sofrimento doentio que exacerba aquilo que é próprio da dor de existir. (VILHENA, 2007. p.408)

Mas a vida está acontecendo a cada dia e formas possíveis de viver têm sido construídas por aqueles que sofrem. A clínica pode ser uma ferramenta fundamental deste encontro com o viver, com a possibilidade e do sujeito consigo mesmo.

Talvez precisemos escutar mais. A morte de Neuza Sousa Santos precisa ser escutada. A morte de pessoas ainda em vida precisa ser escutada. A vida das pessoas que resistem, em meio à dor, precisa ser escutada. Aqui é importante a escuta do que escapa, do que transborda. O trasbordamento não existe apenas na direção da negação. Também as possibilidades de superação estão presentes.

Podemos escutar o que nos diz, por exemplo, uma poesia delicada e sutil, que tem toda sua beleza apenas nas imagens gravadas da declamação de sua autora, mas que mesmo assim pode nos afetar pelo texto, direto e indireto, sutil e gritante:

Me Gritaron Negra
Victoria Santa Cruz

Tenía siete años apenas,
apenas siete años,

¡Que siete años!
¡No llegaba a cinco siquiera!

De pronto unas voces en la calle
me gritaron ¡Negra!
¡Negra! ¡Negra! ¡Negra! ¡Negra! ¡Negra! ¡Negra!

“¿Soy acaso negra?” – me dije ¡SÍ!
“¿Qué cosa es ser negra?” ¡Negra!
Y yo no sabía la triste verdad que aquello escondía. Negra!
Y me sentí negra, ¡Negra!
Como ellos decían ¡Negra!
Y retrocedí ¡Negra!
Como ellos querían ¡Negra!
Y odié mis cabellos y mis labios gruesos
y miré apenada mi carne tostada
Y retrocedí ¡Negra!
Y retrocedí...
¡Negra! ¡Negra! ¡Negra! ¡Negra!
¡Negra! ¡Negra! ¡Neeegra!
¡Negra! ¡Negra! ¡Negra! ¡Negra!
¡Negra! ¡Negra! ¡Negra! ¡Negra!

Y pasaba el tiempo,
y siempre amargada
Seguía llevando a mi espalda
mi pesada carga

¡Y cómo pesaba! ...
Me alacé el cabello,
me polveé la cara,
y entre mis cabellos siempre resonaba
la misma palabra
¡Negra! ¡Negra! ¡Negra! ¡Negra!
¡Negra! ¡Negra! ¡Neeegra!
Hasta que un día que retrocedía,
retrocedía y que iba a caer
¡Negra! ¡Negra! ¡Negra! ¡Negra!
¡Negra! ¡Negra! ¡Negra! ¡Negra!
¡Negra! ¡Negra! ¡Negra! ¡Negra!
¡Negra! ¡Negra! ¡Negra!
¿Y qué?

¿Y qué? ¡Negra!
Sí ¡Negra!
Soy ¡Negra!
Negra ¡Negra!

Negra soy

¡Negra! Sí
 ¡Negra! Soy
 ¡Negra! Negra
 ¡Negra! Negra soy
 De hoy en adelante no quiero
 laciai mi cabello
 No quiero
 Y voy a reírme de aquellos,
 que por evitar – según ellos –
 que por evitarnos algún sinsabor
 Lllaman a los negros gente de color
 ¡Y de qué color! NEGRO
 ¡Y qué lindo suena! NEGRO
 ¡Y qué ritmo tiene!
 NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO
 NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO
 NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO
 NEGRO NEGRO NEGRO
 Al fin
 Al fin comprendí AL FIN
 Ya no retrocedo AL FIN
 Y avanzo segura AL FIN
 Avanzo y espero AL FIN
 Y bendigo al cielo porque quiso Dios
 que negro azabache fuese mi color
 Y ya comprendí AL FIN
 Ya tengo la llave
 NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO
 NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO
 NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO
 NEGRO NEGRO
 ¡Negra soy!

Aqui aparecem as etapas comumente relatadas de negros que conseguiram se perceber para além do socialmente determinado. A autodevastação da imagem é extremamente comum. A sutíliza da reafirmação dos estigmas também. A produção final da morte é apenas a consequência de diversas e diárias pequenas mortes, com apenas alguns pouco sobreviventes.

Talvez a poesia possa romper com a dor do sofrimento.

Talvez.

É preciso escapar do discurso fácil sobre o tema. É preciso também escapar das armadilhas conceituais que facilitam o deslizamento de sentidos das

palavras. *Raça* e *Racismo* são conceitos de sentido variável, embora sejam conceitos que necessariamente precisam ser explicitados nas relações estabelecidas em nossa cultura. Demarcação de lugares diferentes na hierarquia social é algo aprendido e pode ser, portanto, modificado.

A poesia possa falar também de afetos que interpenetrem na razão que aprisionou a vida, nos tornando engenheiros de uma engrenagem que nos tira a possibilidade de desejar encontrar a diferença do outro. Descolonizar nosso pensamento talvez permita incluir a vida possível para quem já desistiu. Diante do que existe, não é possível ficar neutro.

Referências Bibliográficas

- ALVES, José Cláudio Souza. **Assassinos no Poder**. In *Revista de História*, de 31 de out. de 2007, Disponível em: <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/capa/assassinos-no-poder>. Acesso em: 20 dez. 2013.
- ARENDDT, Hannah. **Eichmnam em Jerusalém – um relato sobre a banalidade do mal**. [1963] São Paulo. Companhia das Letras. 1999.
- ARIÈS, Philippe. **The Hour of Our Death - The classic history of western attitudes toward death over the last one thousand years**. Vintage Books (e-book). New York. V. 3.1, 2008.
- _____. **História da Morte no Ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- BAUMAN, Z. **Modernidade e Holocausto**. Jorge Zahar Editor Rio de Janeiro. 1998.
- _____. **Modernidade e Ambivalência**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor. 1999.
- BENJAMIM, W. **O Narrador**. In *Magia e Técnica, Arte e Política - Ensaio sobre Literatura e História da Cultura*. Obras Escolhidas, v. I, São Paulo, Brasiliense. 1987.
- _____. **A vida dos Estudantes**. In: *Reflexões: a Criança, o Brinquedo, a Educação* São Paulo, Summus, 1984.
- BLATTY, William Peter; **O exorcista**. Rio de Janeiro. Agir, 2013
- BOHLEBER, Werner. **Recordação, trauma e memória coletiva: a luta pela recordação em psicanálise**. *Revista Brasileira de Psicanálise* [online]. 2007, vol.41, n.1, pp. 154-175. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2007000100015. Acesso em 20 jan. 2014
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005
- CAMUS, Albert. **A Peste**. 18ª Ed. Rio de Janeiro. Record, 2009
- CANEVACCI, M. **A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana**, São Paulo, Studio Nobel. 1993.
- _____. **A invenção do cotidiano. 1. Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

- CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- CLASTRES, Pierre. **A Sociedade Contra o Estado**. Afrontamento. Porto. 1979
- COELHO, Camilo. **Curso do projeto Delegacia Legal apresenta estereótipo do negro traficante e o branco usuário de drogas**. Reportagem do Jornal EXTRA, de 22 set. 2008. Disponível em: <http://extra.globo.com/casos-de-policia/curso-do-projeto-delegacia-legal-apresenta-estereotipo-do-negro-traficante-o-branco-usuario-de-drogas-579571.htm#ixzz1bK3kDmDz>. Acesso em 15 set 2011.
- COSTA, Jurandir. F. **Violência e Psicanálise**. Rio de Janeiro. Graal. 1984.
- DÁVILA, Jerry. **Diploma de Brancura – política social e racial no Brasil 1917-1945**. São Paulo. Editora UNESP. 2006
- DAVIS, Mike. **Planeta Favela**. São Paulo. Boitempo. 2006.
- DEL CONT, Valdeir. **Francis Galton: eugenia e hereditariedade**. *Scientiæ Studia*, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 201-18, 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ss/v6n2/04> . Acesso em 20 jan 2014.
- DIWAN, Pietra. **Raça Pura – uma história da eugenia no Brasil e no mundo**. São Paulo. Editora Contexto. 2007
- ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro. 1994.
- ENASP - Estratégia Nacional de Justiça e Segurança Pública, **Relatório Nacional da Execução da Meta 2 : Um Diagnóstico da Investigação de Homicídios no País**, Brasília, Conselho Nacional do Ministério Público. 2012
- FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FELICIANO, Marcos. **Liberdade de Expressão**. Pronunciamento realizado pelo Deputado Pastor Marco Feliciano, na Câmara dos Deputados em 06.02.2014. Disponível em: <http://www.marcofeliciano.com.br/noticia/275/liberdade-de-expressao.html>. Acesso em 10 fev 2014.
- FERREIRA, Rhanielle Sodré; ARAGAO, Cristal Oliveira Moniz de e ARRUDA, Angela. **Boladão, pesadão, isso é Rio de Janeiro: notas sobre funks de torcida e de facção**. *Aletheia* [online]. n.32, pp. 38-52. Universidade Luterana do Brasil,. Canoas/RS. 2010. Disponível em: www.redalyc.org/pdf/1150/115020838004.pdf. Acesso em 25 jan. 2014.

- FLAUZINA, Ana Luiza Pinheiro. **Corpo negro caído no chão. O sistema penal e o projeto genocida do estado brasileiro.** Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.
- FREUD, Sigmund. **Introdução ao Narcisismo, Ensaio de Metapsicologia e Outros Textos (1914-1916)** in Obras Completas Volume 12. Companhia das Letras. 2010.
- _____. **Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise (1933)**, in Obras Completas Volume 18. Companhia das Letras. 2010.
- FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & Senzala.** 48ª ed. rev. São Paulo. Global, 2003.
- GALEANO, Eduardo, **Memória do Fogo Vol 1 / os Nascimentos.** Porto Alegre. L&PM. 2010.
- _____. **Memória do Fogo - vol 2 / As caras e as máscaras.** Porto Alegre, LP&M, Porto Alegre, 2010.
- GIACOMINI, Sonia Maria. **Mulatas profissionais: raça, gênero e ocupação.** Rev. Estud. Fem., Florianópolis , v. 14, n. 1, abr. 2006. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2006000100006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 29 jul 2014.
- GILROY, Paul, **O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência** São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.
- _____. **Entre campos: nações, cultura e o fascínio da raça.** São Paulo: Annablume. 2007.
- GOMES, Hélio. **Medicina Legal.** 13ª. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos, 1971
- GOMES, Luiz Flávio. **Aumentam as mortes sem causa determinada.** Rio Revista Consultor Jurídico, 10 de novembro de 2011 <http://www.conjur.com.br/2011-nov-10/coluna-lfg-aumentam-mortes-causa-determinada-rio-janeiro> Acesso em 20 jul 2014.
- HOFBAUER, A. **Uma história do branqueamento ou o negro em questão.** São Paulo. Editora Unesp, 2006
- HUXLEY, Aldous. **Admirável Mundo Novo.** 15ª edição. Rio de Janeiro. Globo. 1987.
- JAQUES, Ana Augusta Brito. **As neuroses de guerra e traumáticas: respostas do sujeito à barbárie.** *Trivium* [online]. 2012, vol.4, n.1 [citado 2014-07-29], pp. 10-24. Disponível em <http://www.uva.br/trivium/edicoes/edicao-i-ano-iv/artigos->

tematicos/as-neuroses-de-guerra-e-traumaticas-respostas-do-sujeito-a-barbarie.pdf.
Acesso em 28 jul. 2014

KAMEL, Ali, **Não Somos racistas**. Editora Pocket Ouro. Rio de Janeiro 2006

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. **Sobre a morte e o morrer: o que os doentes têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes**. 7ª ed. - São Paulo : Martins Fontes, 1996.

LACAN, Jacques, **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003

LATOUR, Bruno. **Jamais Fomos Modernos** Ensaio de Antropologia Simétrica. Editora 34. 1ª edição. Rio de Janeiro. 1994

LEMKIN, Raphael. **Axis Rule in Occupied Europe: Laws of Occupation - Analysis of Government - Proposals for Redress**. Carnegie Endowment for International Peace, Washington, D.C. 1944.

LÉVI-STRAUSS, C. **Raça e História** in *Antropologia Estrutural II*: Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro. 1976.

LÉVI-STRAUSS,. **O pensamento selvagem**. São Paulo: Editora Nacional, 1970.

MACEDO, RS., GALEFFI, D., and PIMENTEL A. **Um rigor outro sobre a qualidade na pesquisa qualitativa: educação e ciências humanas** Salvador: EDUFBA, 2009,

MARIZ, Renata Correio Brasiliense, **Moradores da Vila Cruzeiro e do Alemão denunciam abusos dos policiais**, 29 nov. 2010, Disponível em http://www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia/brasil/2010/11/29/interna_brasil,225344/moradores-da-vila-cruzeiro-e-do-alemao-denunciam-abusos-dos-policiais.shtml. Acesso em 28 jun 2013.

MEDEIROS, Maurício de. **O Inconsciente Diabólico** Rio de Janeiro. Editora José Olympio.1959

MENEZES, Cynara. **Ecos da Escravidão**. Revista Carta Capital. 09 mar. 2011. Disponível em <http://www.cartacapital.com.br/politica/ecos-da-escravidao-2>
Acesso em 20 dez 2013.

MIR, Luis. **Entrevista dada ao Programa Roda Vida**. Produzido pela TV Cultura e levado ao ar pela TVE. 22 de novembro de 2004.

NEGREIROS, Dario de. **Controle das milícias sobre bairros pobres do Rio está se ampliando**. Reportagem para o site VIOMUNDO, em 11 fev. 2014. Disponível em

<http://www.viomundo.com.br/politica/depois-de-reduzir-violencia-projeto-das-upps-da-sinais-de-fadiga-controle-das-milicias-sobre-os-bairros-pobres-do-rio-se-amplia.html>. Acesso em 20 fev. 2014.

NEIRA, Marcos Garcia. e LIPPI, Bruno Gonçalves. **Tecendo a Colcha de Retalhos: a bricolagem como alternativa para a pesquisa educacional**. Educ. Real., Porto Alegre, v. 37, n. 2, p. 607-625, maio/ago. 2012. Disponível em: http://www.ufrgs.br/edu_realidade. Acesso em 28 jun 2013.

NERI, Marcelo, **Símbolos de Classe**. Publicado no Jornal Folha de São Paulo em 02 de outubro de 2011. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mercado/me0210201115.htm>. Acesso em 20 jun 2012.

NOVAES, Adriano. **Os caminhos antigos do território fluminense** in: Inventário das fazendas fluminenses, Tomo I, INEPAC, 2008. Disponível em <http://www.institutocidadeviva.org.br/inventarios/sistema/wp-content/uploads/2008/06/oscaminhosantigos.pdf>. Acesso em 20 dez 2013.

NOVICOW. J. **O Futuro da Raça Branca**. Empreza do Almanach Encyclopedico Illustrado. Lisboa.1909.

OLIVEIRA, Cida. **Mais Cruéis que a Seca**. Reportagem da Revista do Brasil))) , Número 57, Março 2011. Disponível em <http://www.redebrasilatual.com.br/revistas/57/mais-cruéis-que-a-seca> Acesso em 21 de janeiro de 2014.

PEIXOTO, Afrânio. **Clima e saúde - Introdução biogeográfica à civilização brasileira**. 1ª Edição. 1938

PLATÃO, **A República**. Difusão Europeia do Livro, 1º volume. São Paulo, 1965

PLUMELLE-URIBE, Rosa Amelia. **Da barbárie colonial à política nazista de extermínio**. Artigo apresentado no *Forum de Dialogue Berlin*, em 15 junho 2006. Disponível em : http://www.africavenir.org/uploads/media/Plumelle_Barbaria_Colonial_Port.pdf. Acesso em 3 jun 2011.

RAMPAZO, Adriana Vinholi e ICHIKAW, Elisa Yoshie. **Bricolage: a Busca pela Compreensão de Novas Perspectivas em Pesquisa Social** trabalho apresentado no II Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade Curitiba /PR - 15 a 17 de novembro de 2009. Disponível em www.anpad.org.br/admin/pdf/EnEPQ64.pdf. Acesso em 30 out 2013.

FOLHA DE SÃO PAULO, **Ação de Justiceiros é reprovada por 79% no Rio**. Reportagem de 15 de fevereiro de 2014. <http://www1.folha.uol.com.br/>

cotidiano/2014/02/1412865-acao-de-justiceiros-e-reprovada-por-79-no-rio.shtml.

Acesso em 20 fev 2014.

RISEMBERG, Rubem. **Após morte de PM, Beltrame diz que combate ao tráfico será intensificado**. Reportagem de Manchete OnLine, 04 fev. 2014. Disponível em <http://www.mancheteonline.com.br/apos-morta-de-pm-beltrame-afirma-que-acoes-de-combate-ao-traffic-serao-intensificadas/>. Acesso em 10 fev 2014.

SANTNER, Eric L., **A Alemanha de Schreber: uma história secreta da modernidade**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed., 1997

SÉMELIN, Jacques. **Purificar e Destruir – uso político dos massacres e dos genocídios**. Rio de Janeiro. DIFEL 2009.

SEVERIANO, Maria de Fátima Vieira; REGO, Mariana Oliveira do e MONTEFUSCO, Érica Vila Real. **O corpo idealizado de consumo: paradoxos da hipermodernidade**. *Rev. Mal-Estar Subj.* [online]. 2010, vol.10, n.1, pp. 137-165. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1518-61482010000100007&script=sci_arttext. Acesso em 20 fev. 2014.

LACERDA, João Batista. **Sobre os mestiços no Brasil**. Primeiro Congresso Universal das Raças. Londres, 26-29 de julho de 1911. In SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Fontes. Hist. Cienc. Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, Mar. 2011. Disponível em http://www.producao.usp.br/bitstream/handle/BDPI/6812/art_SCHWARCZ_Fontes_2011.pdf. Acesso em 15 ago 2013.

SOUZA Neuza S. **Tornar-se Negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro. 1983

STEPAN, Nancy Leys. **A Hora da Eugenia – raça, gênero e nação da América Latina**, Rio de Janeiro. Editora Fiocruz. 2005

STOECKLIN, Daniel. Material de treinamento da *Terre des hommes* para os Programas de Crianças em Situação de Rua – (CSR), Brasil, Outubro de 2001. mimeo.

VENTURA, Zuenir, **Cidade Partida**, São Paulo, Companhia das Letras. 1994.

VILHENA, Junia de. (2006) **Das cores e seus discursos: Sobre a violência do racismo**. Anais do II CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL. PUC-SP. 2006. Disponível em http://www.fundamentalpsychopathology.org/uploads/files/ii_congresso_internacional/mesas_redondas/ii_con._das_cores_e_seus_discursos.pdf. Acesso em 4 de jun 2011.

_____. (2007) **A violência da cor. Sobre racismo, alteridade e intolerância.** *In.* Revista Psicologia Política. FAFICH, UFMG, Vol. VI, n.12 pp 391 - 413. <http://www.fafich.ufmg.br/rpp/seer/ojs/viewarticle.php?id=7>. Acesso em 17 nov 2013.

WACQUANT, Loïc. **As Prisões da Miséria.** Zahar. Rio de Janeiro. 2001.

ZAMORA, Maria Helena Rodrigues Navas. **Desigualdade racial, racismo e seus efeitos.** *Fractal, Rev. Psicol,* Rio de Janeiro, v. 24, n. 3, Dec. 2012. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922012000300009&lng=en&nrm=iso. Acesso em 01 Jan. 2014.